



3 1761 09616823 2

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei D.
Manuel

DP
604
G6
1909
v. 5

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXIII)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

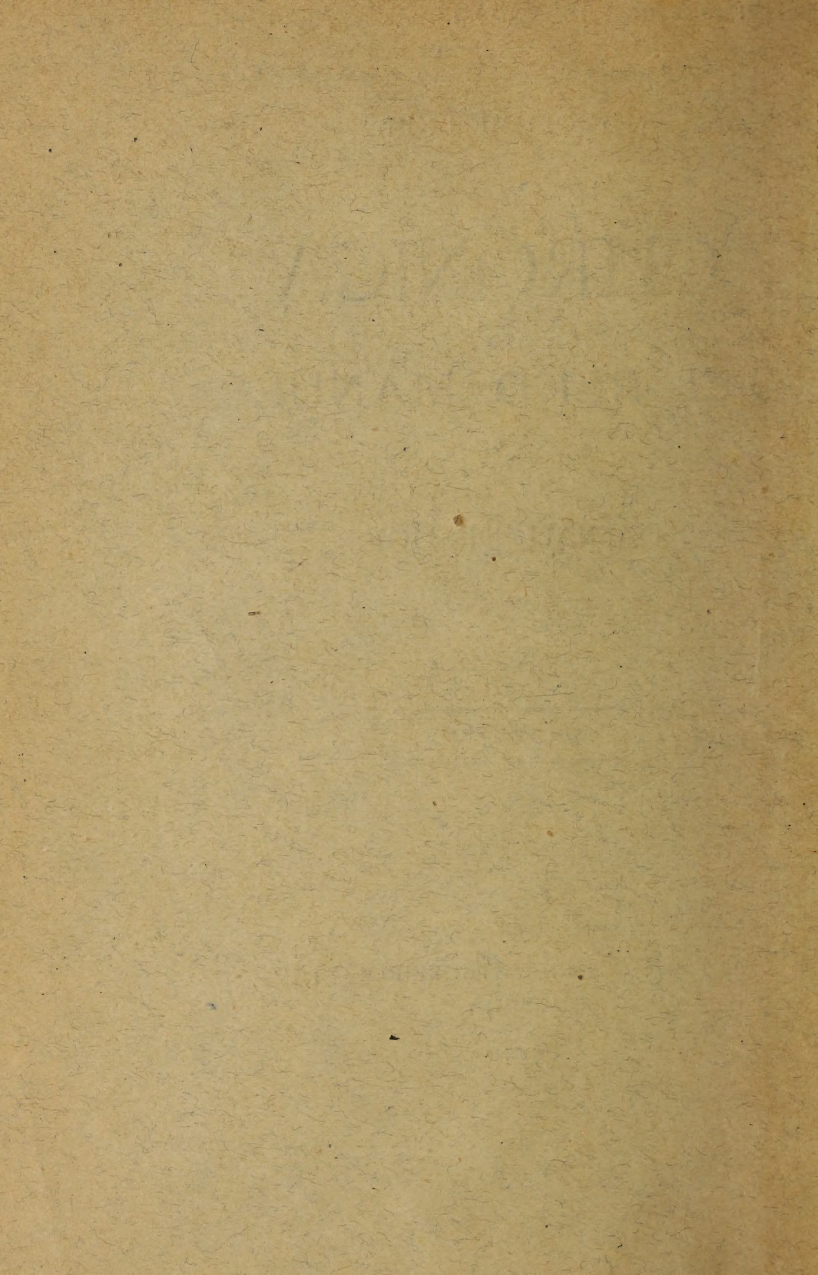
VOL. V

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1910



2825

BIBLIOTHECA
DE
Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'ARREDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXIII)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. V

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—
1910

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Tratado de Grammatica e Poetica — Mello e Azevedo

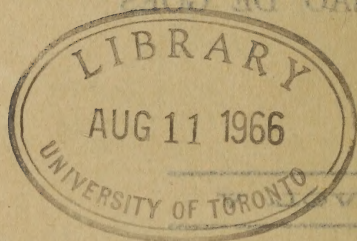
(VOLUME LXIII)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

1105712

DAMIAO DE GOMES



DP
604
G6
1909
v.5

ESCRITÓRIO

147=RUA DOS RETOZEIROS=147

LISBOA

1910



CAPITULO XXXI

Do que Afonso Dalbuquerque fez em Çacotorá depois da partida de Tristão da Cunha, e de como se foi dalli a ilha de Ormuz, e do que fez ate la chegar.

PARTIDO Tristam da Cunha de Çacotorá, perá India, como fica dito, Afonso Dalbuquerque proveo logo nas cousas necessarias a fortaleza, e assossego dos da ilha o que feito, parecendolhe que compria mais a serviço del Rei conquistarlhe o regno de Ormuz, que andar as presas no cabo de Guardafum, se fez a vela, aos xx dias Dagosto do mesmo anno de M. D. vij, pera o cabo de Roçalgate, donde da banda de Arabia se começa o senhorio do regno de Ormuz. Os capitães que levava debaixo de sua

bandeira eram, Francisco de Tavora, e Emanuel Telez, Afonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, Ioam da Nova, e Nuno Vaz de castel branco, em huma fusta que se fez em Çacotorá de madeira que levaram lavrada de Portugal, na qual frota hião quatrocentos, e setenta soldados Portuguezes. Com esta companhia chegou Afonso Dalbuquerque a villa de Calaiate aos xxv do dito mes, que he a primeira que el Rei de Ormuz tem daquella banda da Arabia, entrando do cabo para dentro do estreito da Persia, onde o Xequé, ou capitão que alli estava por el Rei de Ormuz se concertou com elle delhe dar mantimentos de graça, e que Afonso Dalbuquerque se obrigasse a lhe nam fazer guerra ate assentar seus negocios com el Rei. O que assi concluido os mantimentos foram entregues naquelle dia, e noite que alli chegou Afonso Dalbuquerque, e pela manhã se fez a vela caminho doutra villa, tambem do senhorio del Rei de Ormuz por nome Curiate, e no caminho mandou que se dessem dos mantimentos que ouvera em Calaiate a gente, e abrindo alguns fardos de tamaras acharam no meo delles esterco de gadó, e varreduras de çugidade, de que Afonso Dalbuquerque se scandalizou, e propos em sua vontade tomar vingança deste escarneo, como depois fez, ao que o tambem moveo ha informação que lhe Gaspar Rõiz lingua deu das injurias, que ouvira dizer aos mouros da villa contra os que forão a terra, e de quão má vontade consentião no dar dos mantimentos. Chegado Afonso Dalbuquerque a Curiate, que he hum lugar raso, oito legoas de Calaiate, cercado de muitos palmares da banda do sertam, o achou de guerra, porque sabendo o capitão que alli el Rei de Ormuz tinha, o que Afonso Dalbuquerque passára em Calaiate, arreceandose que quizesse tambem delle aver mantimentos,

ou algum outro tributo se fez forte com tranqueiras, cavas, e gente, com a qual determinação respondeo a hum recado, que lhe Afonso Dalbuquerque mandou de paz, e amizade, dizendo, que elle lhe nam podia dar reposta sem ter recado del Rei de Ormuz seu senhor, do que avia de fazer: pelo que Afonso Dalbuquerque com parecer, e conselho dos outros capitães desembarcou em terra com assaz trabalho, pola grande resistencia que achou nos imigos, que seriaõ bem tres mil, principalmente em huma tranqueira, que estava a par da praia, pera onde fez recolher estes primeiros, e dalli pera o lugar, e finalmente pera os palmares, em que morrerão delles mais de sessenta, e dos nossos tres, e forão feridos vinte. Desbaratados assi os imigos, mandou saquear o lugar, em que não acharão outro despojo que mantimentos, porque fizeram sair delle has mulheres, e gente que nam era pera pelejar, que levaram tudo o que ahi avia de preço. Os mantimentos forão tantos que em tres dias, e duas noites que alli esteve a frota, se não poderam acabar de carregar nas naos, acabo dos quaes mandou Afonso Dalbuquerque poer fogo ao lugar, e a cinco naos de Meca, e onze terradas que estavam varadas em terra, o que tudo ardeo com a mesquita, que era muito fermosa, antes de se a frota fazer á vella. Dalli se partio para outro lugar del Rei de Ormuz dez legoas deste, mais rico, e mais povoado, e de mor trato, per nome Masquate, situado entre duas serras, em que se faz huma baia de muito bom surgidouro, e posto que fosse raso como Curiate, era a servintia delle pera a baia cerrada de serra a serra, com huma tranqueira de madeira de duas faces entulhada de terra, com alguma artelharia, e sos duas portas muito estreitas pera a servintia do mar, ao qual lugar chegou Afonso Dalbuquerque aos dous

dias de Setembro, e surgiu na baía sem nenhuma resistencia, onde estando sobre concerto com o Xequé, que lhe tinha prometido mantimentos per modo de tributo, a elle, e a todos os capitaens que alli viessem del Rei de Portugal, com a chegada de hum capitam del Rei de Ormuz, que lhe veio com socorro de mil soldados, se tornou o assento que tinham feito, e o Xequé foi mal tratado por não querer consentir em se quebrar o que tinha prometido a Afonso Dalbuquerque. Com a vinda deste capitão se pos o lugar em armas com bem tres mil homens de peleja, mercadores, e moradores, afora os mil que com elle vieram. Afonso Dalbuquerque vendo que determinava, mandou esbombardear o lugar toda huma noite, e ao outro dia, que erão cinco de Setembro, no romper da alva sahio em terra com sua gente repartida em tres esquadroens, dos quaes eram capitaens de hum Francisco de Tavora, e Afonso Lopes da Costa que aviam de cometer hum dos cabos da tranqueira, e do outro eram capitães Ioam da Nova, e Antonio do Campo pera cometerem o outro, e Afonso Dalbuquerque com Emanuel Telez aviam de dar no meo della. Os primeiros que chegaram a tranqueira foram Francisco de Tavora, Afonso Lopes da Costa, onde desembarcaram per debaixo de muitos tiros de bombardas, e frechadas com tudo fezerão recolher para dentro huma boa somma de mouros que os alli vierão aguardar, e poserão daquella banda fogo a tranqueira, que se logo ateou de forte que não o podendo soffrer, os mouros se foram acolhendo pera o meo della, onde Afonso Dalbuquerque já estava, e alli se travou huma brava peleja, mas em fim os nossos que já estavam juntos com Afonso Dalbuquerque, fezeram recolher os imigos pera o lugar, e seguindolhes o alcance, os lançaram

fora delle de maneira que em espaço de quatro horas, foi ganhado; onde os nossos estiverão oito dias continuos, sem os da terra os virem cometer, nos quaes o saquearão e derribaram a mesquita, que era hum muito fermosa casa, e poserão fogo ao lugar de que ardeo todo. Entre os que morrerão dos imigos, que passaram de oitenta, foi hum delles o Xequete que fezera o concerto com Afonso Dalbuquerque, o qual fugindo pera a serra, em sobindo hum ladeira, se voltou pera os que o seguiam, dizendolhe, que elle era sem culpa de se os da cidade revoltarem, e por na companhia não aver quem se movesse de piedade; aos sinaes que dava de pedir misericordia, o mataram sendo a isto presente dom Antonio de Noronha, que hia por capitam deste alcance, e apos elle matarão vinte seus familiares que o seguião. Acabado este negocio, em que morrerão oito Portugueses, Afonso Dalbuquerque se partio dalli aos xvj do dito mes de Septembro de M. D. vij. e foi surgir diante doutro lugar del Rei de Ormuz, chamado Soar, em que tinha hum fortaleza, o capitam da qual era entam ido a Ormuz, e deixara em seu lugar hum seu cunhado, que sabendo o que Afonso Dalbuquerque fezera nos lugares atras, lha entregou pacificamente e se fez vassallo, e tributario aos Reis de Portugal. Deste lugar se foi Afonso Dalbuquerque a hum villa del Rei de Ormuz per nome Orfaçam, cercada de muros baixos, em que avia algumas bombardas roquiras, villa bem arruada, e de boas casas de pedra, e cal, com seus sobrados, e terrados, e posto que nella estivesse por Regedor hum capitão del Rei de Ormuz, homem esforçado, e pratico nas cousas da guerra, o desmaio foi tamanho nos moradores da villa, que em vendo ancorar as nossas naos, a começaram logo a despejar, de maneira que na-

quella noite tiraram todas as mercadorias, e moveis que nella avia. O que sabido per Afonso Dalbuquerque, sabio pela manhã em terra, e mandou a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, que fosse contra o sertão com cem soldados per onde caminhou quasi huma legoa sem achar outra resistencia que de huns poucos de homens de cavallo, que juntamente lhe fazião rosto, e se acolhiam sem lhe poder chegar, e por a calma ser grande, e os nossos irem cansados se tornou perá villa, com xxij homens, e molheres, que captivou. Nesta villa esteve Afonso Dalbuquerque tres dias mandando recolher o despojo que se achou, em que ouve alguma artelharia, e polvora o que feito, e tomados os mantimentos necessarios, mandou queimar a villa, da qual que he a derradeira da costa de Arabia do senhorio del Rei de Ormuz, se fez a vela pera a mesma ilha, onde o Rei reside a mor parte do tempo, pelo grande proveito que recebe do muito trato que nella ha.

CAPITULO XXXII

Do sitio da ilha de Ormuz, e principio da cidade, e costumes da gente, e dos apercebimentos que se fizeram pera receberem Afonso Dalbuquerque de guerra.

A ILHA de Ormuz a que Ptholomeu chama Armazō, e os da terra Gerum, está situada quasi na boca do mar da Persia, da parte de dentro terá de roda quatro legoas, a della a terra firme, da banda de Arabia dez, e tres a da Persia, e assi na outra como nesta tem muitas cidades, villas, fortalezas, lugares rasos e outras ilhas. He muito seca, e esterile de todo o genero de mantimentos, nem tem outros senam os que lhe vem das ilhas de Queixome, Larec, e outras, e assi do Mogastam, que he terra firme, defronte de Ormuz, e o mesmo he dagoa, porque nella nam a senão tres poços de que se possa beber, huma legoa da cidade onde chamam Corumbaca, o demais sam cisternas, e poços solobros. A nella huma serra pequena, que de huma banda tem vieiro denxofre, e da outra huma mina de sal em pedra, que as naos levam dalli por lastro, tem dous portos de muito bom surgidouro, pera naos grandes, hum da banda do Levante, e outro do Ponente. Em huma ponta desta ilha, entre estes dous portos, por respeito das muitas naos que alli vem de Arabia, Persia, e India, e doutras partes, se começou pouco a pouco fazer huma cidade, que veo ser de grão trato, a que do nome da ilha chamão Ormuz, cidade rasa, muito bem arruada de muitas, e mui nobres casas de pedra gesso, e cal, com seus sobrados, e

terrados, em que os Reis tem huns paços em modo de fortaleza, e por a terra ser muito quente, tem todos moradores no meo das casas humas chaminés com cataventos, com que as refrescam por dentro, e se defendem da calma, vem a ella cafilas, ou recovas de muitas partes, como de Maracante, Tauriz, Caxem, e doutras cidades da Persia, e Arabia que trazem muitas, e mui ricas mercadorias, e muitos cavallos que dalli levão perá India, que lá vendem, por duzentos, trezentos, quatrocentos, qninhentos, e seiscentos pardaos, e alguns por mais. Os moradores desta cidade, pela mor parte sam Arabios, e Persios, dados a viços, e muito ciosos das molheres, e com rezam, por ellas serem muito fermosas, as quaes quando vão fora de casa levão os rostos cubertos de maneira que as nam podem conhecer: os homens sam bem dispostos, e grandes cavalgadores. Averia entam na cidade passante de duzentos de cavallo dos moradores della, os quaes tem por exercicio jugar a choca a cavallo, no que sam tam destros que espantam os estrangeiros que os vem jugar, são muito musicos, e dados a trovas, andam bem tratados de suas pessoas, com pannos de seda, chamalotes, brocadilhos, e algodam. Trazem continuamente, assi na paz, como na guerra armas offensivas, e deffensivas, a entrelles homens de muito trato, de que vieram muitos delles a ser mui ricos, e poderosos, todos mantimentos se vendem a peso, ate a lenha, e quem falsa peso, ou medida he castigado sem remissam, e tem este erro por tão grande, que o abominão mais que nenhum outro genero de pecado, porquê dizem que he em prejuizo de toda a Republica. Tem em tudo tanta policia e usam tanto exercicio das letras, que em huma casa que pera isso edificarão nesta cidade, vem todos dias ler hum homem docto, Chronicas, e Historias de

Alexandre, e Dario, e outras antigas, e modernas, e livros de doctrina, a qual lição vem ouvir muitos homens assi velhos, como mancebos, cousa muito digna de louvar, e que parece que os Venezeanos tomarão destes, ou estes delles, porque em Veneza, nam estando mais que cinco legoas de Padua, Universidade celebre, se faz o mesmo, e se lem em casas publicas, duas liçoens no dia, huma em Philosophia, e outra em humanidade, e historias, das quaes liçoens eu ouvi muitas estando naquella cidade, e de homens mui doctos, e do que mais me espantei, foi ver nestas liçoens, muito gentis homens de cincoenta, sessenta, setenta annos, de que os mais delles eram dos principaes do conselho, e de todo o governo da Republica, donde acabada a lição se hião ao Senado, ou a outros lugares a tratar cada hum delles o officio que tinha a cargo. Mas tornando a Afonso Dalbuquerque depois que partio de Orfação veo ter ao cabo de Moçamdomo onde da banda da terra firme Darabia faz fim o senhorio del Rei de Ormuz, e delle a outra banda da terra da Persia avera quinze legoas da travessa, em que a algumas ilhas, das quaes a principal he a de Gerum, onde esta situada a cidade de Ormuz, a que Afonso Dalbuquerque veo ter, sendo ella, e todo o regno regido per hum Mouro capado muito bom cavalleiro natural de Bengala, per nome Cojeatar, por o Rei que então regnava, per nome Ceifadim não ser de mais de doze annos. Este Cojeatar tendo aviso do que Afonso Dalbuquerque vinha fazendo polas villas do regno de Ormuz per onde passava, se apercebeo pera o receber de guerra, e lha fazer com sessenta naos destrangeiros que aquelle tempo estavam no porto de Ormuz, em que entravão huma del Rei de Cambaia per nome Meri, que era doito centos toneis, e trazia muitos soldados

fartaques, abexis, e outra do Principe de Cambaia, somenos desta, ambas muito bem artilhadas, e providas de muitas muniçoens de guerra. Allem destas sessenta naos havia muitos navios da terra a que chamam terradas, que servem da carretar mantimentos, e aguoá do sertam e das outras ilhas a Ormuz, nas quaes todas, e nas naos dos mercadores, pos muita artelharia, e gente de guerra, de maneira que assi nesta armada como na cidade teria Cojeatar dez mil homens de peleja, que começara da juntar desno dia que soube novas da vinda Dafonso Dalbuquerque, que chegou ao porto de Ormuz, aos xxv dias de Septembro.

CAPITULO XXXIII

Do que Afonso Dalbuquerque fez em chegando a cidade de Ormuz.

DEPOIS que Afonso Dalbuquerque descobrio o surgidouro onde as naos dos mouros estavam ancoradas, mandou chamar os capitães da frota a sua nao, e com elles teve conselho, no qual ouve varios pareceres, mas em fim se assentou, que se ouvesse de aver guerra que pelejassem com as naos dos mouros antes de cometer a cidade, e que Afonso Dalbuquerque fosse surgir junto da nao Meri del Rei de Cambaia, e Ioão da Nova da do Principe, e Francisco de Tavora doutra das que lhe parecessem que estavam melhor armadas, e pelo consequinte os outros capitães. Ancorada a frota, Afonso Dalbuquerque mandou dizer a el Rei, que elle vinha alli pera com elle tratar pazes, e amizade em nome del

Rei de Portugal seu senhor, e poer aquella cidade a sua obediencia que se lha quisesse entregar pacificamente, elle o deixaria viver em seu estado, e aos seus, em todas as liberdades, como o ate alli fizeram, e o defenderia, e a todo seu regno, e senhorios de quem o quisesse anojár, e que o mesmo farião sempre todos os capitães del Rei seu senhor. Com a resposta deste recado lhe mandou el Rei hum mouro (que depois veo a este regno) per nome Cojebeirame, com hum carta assinada por elle, e por Cojeatar, o qual mouro recebeu com muito aparato, sem querer tomar hum presente de fructas que lhe el Rei mandava, dizendo que nam avia de aceitar nada de homens que ainda não tinha por amigos, e que quanto a carta se era verdade que queria com elle paz, e amizade, como nella dizia, que ate o outro dia pela manhã lhe mandassem recado certo do modo que nisso queria ter. Com a resposta deste recado tornou Cojebeirame dizendo que el Rei queria paz, e que os Portugueses poderiam ir seguramente a cidade fazer o que lhes comprisse, aqueixandosse el Rei a Afonso Dalbuquerque do mau tratamento que fezera aos seus lugares per onde passara, ao que dando suas desculpas, o tornou a despedir, per quem el Rei mandou outros recados, mas tudo eram dilações que usava Cojeatar, esperando hum armada que naquella noite chegou com muita gente da terra firme socorrer a cidade, com o que ficou tão ufano, que mandou apregoar que ninguem matasse Portuguez, senam que os tomassem vivos pera se el Rei servir delles na guerra, mandando naquella noite poer todas as naos grossas de longo da praia, pera com ellas defender a cidade, allem disto ordenou que se as nossas naos se desamarrassem, pera irem cometer as da sua armada, que as terradas, em que tinha muita artelharia, e

gente, as cercassem pola banda do mar porque assi cercadas de todas as partes, seria impossivel poderem defender. Ao outro dia pela manhã, que a frota dos inimigos appareceu nesta ordem vio Afonso Dalbuquerque, que tinham vontade de pelejar pelo que mandou no mesmo instante alevantar as ancoras que ficavão da banda do mar, para que as fossem surgir nas gorias das dos mouros. O que vendo Cojeatar abalou logo da praia com todas as terradas em ordem, começando de cercar a nossa frota, o qual em abalando os das suas naos abriram as portinholas, o que ate alli nam fizeram, começando de servir as nossas de muitos tiros d'artelharia, frechas, e lanças darremesso, que tam juntas estavam humas das outras. Afonso Dalbuquerque em vendo abrir as portinholas, mandou antes que nenhuns dos tiros das naos dos mouros desparassem, poer fogo a hum camello contra a nao Meri, que lhe deu em huma entena que trazia de fora da murada com que matou, e ferio muitos delles. Travada esta peleja de huma frota a outra, Cojeatar se vinha chegando da banda do mar perá nossa, contra a qual depois de a ter cercada, mandou disparar a sua artelharia, por debaixo da fumaça da qual, e da com que lhe respondiam da nossa frota fazia chegar os seus a tiro de frecha, das quaes lançavam tantas dentro das nossas naos, que encobriam o ceo, e feriam muitos, mas isto durou pouco, porque a nossa artelharia meteo tantas destas terradas no fundo, que as outras tomarão por partido arredarem-se, de que as mais se acolheram perá terra firme, e Cojeatar se foi com as suas pera el Rei, que do cerame estava vendo esta batalha, a qual foi tam aspera, que muitos dos cidadãos fugiram pera dentro da ilha, e muitas mulheres prenhes moveram do estrondo da artelharia, e foi tamanha a

desordem, e medo dos inimigos, que em fogindo tiravam tam sem tento com as frechas que se matavão muitos huns aos outros, dos quaes corpos mortos, que per espaço de tres dias andaram sobela agoa, recolherão os nossos hum grande despojo. As naos dos inimigos fizeram mui bem seu officio, em quanto Cojeatar andava rodeando, e combatendo a nossa frota, no qual tempo com hum tiro grosso com que tiravam da nao Cyrne, arrombaram a do Principe de Cambaia de maneira que se foi ao fundo, e tras ella com o tiro da mesma bombarda outra das milhores armadas, que era de Miliquiaz senhor de Dio, nas quaes, e na Meri tinha el Rei de Ormuz toda sua esperanza. A gente que avia nestas naos ficou toda sobela agoa, o que vendo os das outras, que estavam ja bem maltratadas, se lançarão todos ao mar pera se salvarem a nado, o que vendo Afonso Dalbuquerque mandou pojar gente nos bateis, pera matarem daquelles, os que podessem, o que executaram bem a sua vontade, com tudo os da nao Meri a nam dessempararam, porque posto que estivesse destroçada da nossa artelharia, o capitam era mui bom cavalleiro, e tinha muita e boa gente consigo. O que vendo os nossos a foram cometer com alguns bateis da frota, em que hiam George Barreto de Castro, George da Sylveira, Aires de Sousa Chichorro, Duarte de Sousa, Nicolao Dandrade, Antonio da Costa, irmão Dafonso Lopes da Costa, Lisuerte de Freitas, Antonio de Sá, Antonio Fragoso, João entam escrivam darmada, Iaimez Teixeira, Lourenço da Silva hum fidalgo castelhano, Nuno Vaz de Castel Branco, João Teixeira, filho de Ioam Peçanha de Alanquer, Gaspar Diaz alferez de Afonso Dalbuquerque, Ianne Mendez Botelho, Lourenço da Sylva, Gonçalo Queimado, Ianne Mendez da ilha Pero Cão, e outros, an-

tre os quaes foi Pero Gonçalvez piloto da frota que sobio primeiro, sem achar resistencia, por quanto os imigos vendoos encaminhar perá nao, pera que cuidassem que se lançavam tambem ao mar, se esconderam todos debaixo da cuberta, e parecendo ao piloto depois que sobio sobelo bordo da nao que nam avia nella gente, o dixe aos que ainda estavam nos bateis, pelo que desistiram de entrar por seguirem o alcance aos que andavam nadando. Mas os da nao como viram o piloto, e Pero Fernandez marinheiro, e Gaspar Diaz alferez, que sobiram tras elle, saíram debaixo da cuberta, e as frechadas os começaram de tratar mal, do que se emparavam com muito trabalho, bradando aos bateis que lhes acodissem, que a nao estava chea de mouros, o que nam poderam fazer tam asinha, por a nao ser alterosa, que ja nam achassem estes tres mui feridos: mas depois de entrarem andarão hum bom pedaço aos botes, com os mouros que acharam na tolda, ate os fazerem recolher perá popa, que tinham atravessada com a verga da nao, e vela, no que se os nossos embaraçaram, e detiveram algum tanto, por se os mouros defende-rem, mui esforçadamente as frechadas, e com lanças, e dardos darremesso, com tudo elles forão entrados, e mortos alguns delles, porque os mais se lançaram ao mar, os quaes os nossos seguiram nos bateis, de que matarão tantos, e dos outros que andavão nadando perseguidos tambem dos outros nossos bateis, que a agoa foi toda tinta em sangue. George Barreto que hia por capitam dos que foram cometer a nao Meri, depois de a ter despejada dos mouros, deixou nella alguns Portuguezes, mandandolhes que com a artelharía que nella avia varejassem a cidade, o que fizeram bem a sua vontade. Nam achando ja os nossos quem matassem sobela agoa, poseram fogo a al-

gumas terradas que tomaram nesta revolta, e se apoderarão de todas as naos de mouros, a que Afonso Dalbuquerque mandou poer o fogo as que estavam afastadas da nossa frota, e as outras que estavam junto della arrombar, e metter no fundo, e logo no mesmo instante elle com o esquife da sua nao, e batel, e outros encaminhou pera o Cerame onde ainda el Rei estava, e Cojeatar com elle espantados de verem tamanha destroição, donde se logo acolheram pera dentro da cidade, e o esquife chegou tão perto do Cerame, que os que nelle estavam ferirão Afonso Dalbuquerque, e outras pessoas as frechadas, de que o pior foi ferido foi Emanuel Telez de huma que lhe deu no rosto. Dalli foi Afonso Dalbuquerque correndo de longo da ribeira, onde mandou poer fogo, e cortalas amarras a mais de trinta velas, as quaes com o vento forão dar consigo na costa, da banda da Persia, e passando adiante chegou ao varadouro das naos, em que estavam cento, e corenta breadas, e concertadas pera se lançarem ao mar, a que mandou poer o fogo, e assi a hum arrabalde que estava junto delle, em que avia huma mui fermosa mesquita. No qual negocio andavam ja os nossos tam acesos que quiseram entrar a cidade por aquella banda, se lho Afonso Dalbuquerque nam defendera, por dentro nella aver muita gente de guerra, e os nossos serem tam poucos como eram: do que receoso os fez logo recolher aos bateis, pera delles as bombardadas varejarem o varadouro, se os da cidade saissem apagar o fogo. Esta peleja durou bem oito horas, em que morreram dez Portugueses, e foram feridos mais de cincoenta, antre os quais Gaspar Dias alferez perdeu a mão direita, que lhe na nao Meri hum mouro cortou de hum golpe, de que lhe cahio aos pes juntamente com a espada, pelaqual aleijam lhe deu Afonso Dal-

buquerque dez mil reaes de tença em sua vida: dos mouros morrerão quasi dous mil. O espanto, e tristeza foi tamanho em todolos da cidade por caso do fogo que se posera as naos por aquella ser a mor riqueza que tinham, que no mesmo instante el Rei, e Cojeatar per conselho de Raixnordim, que era guazil mor, mandarão pedir paz a Afonso Dalbuquerque per Cojebeirame, e outro mouro natural do regno de Grade, per nome Abedala, que falava bom castelhano. Estes a primeira cousa que lhes dixeram foi, que el Rei, a quem a menos parte da culpa do que era feito cabia por sua pouca idade, lhe mandava pedir que desse seguro aos da cidade pera sairem ao varadouro apagar o fogo que andava nas naos, e que elle se submetia a obediencia del Rei de Portugal, com todalas condiçoens que lhe a elle parecessem honestas, no contratar das quaes usaria de seu conselho como de pai, em cujo lugar o queria ter dalli por diante. Afonso Dalbuquerque lhe respondeo, que aquillo lhe ouvera de mandar dizer mais cedo, por evitar o danno que ja tinha recebido, que quanto ao das naos que viessem os da cidade seguramente apagar o fogo, e assi o do arrabalde, e que do que tocava as pazes mandasse logo algumas pessoas principaes de sua corte, pera as assentarem: dos quaes mouros reteve Afonso Dalbuquerque Abedala, e Cojebeirame despedio com o recado, e elle se recolheo a frota com os outros capitaens. Depois de Afonso Dalbuquerque ser na sua nao, logo dahi a pouco tornou Cojebeirame, dizendo que por ser ja muito tarde lhe mandava el Rei pedir que fosse contente de esperar ate o outro dia pela manhã, que elle mandaria as pessoas com que avia de contratar, e que disse se tivesse por seguro: o que assi fez, e antre os que a isso vierão o principal foi Raixnordim guazil mor e

as pazes depois de muitas altercações se assentaram no modo seguinte.

Item. Que el Rei de Ceifadim Rei de Ormuz segundo deste nome, se fazia vassalio del Rei dom Emanuel de Portugal, e de tributo lhe pagaria cada anno de pareas quinze mil xerafins douro, pagos em ouro, prata, e aljofar: e que allem destes pera ajuda das despesas que se fizeram naquella guerra, e pera a paga da gente lhe daria logo cinco mil xerafins do preço, e valia dos outros.

Item, que el Rei daria em qualquer parte da cidade de que Afonso Dalbuquerque fosse contente, lugar pera se fazer hum a fortaleza, e que em quanto se nam acabasse lhe daria casas na cidade, a sua custa junto della pera se recolher a gente Portuguesa. Destes, e doutros artigos contheudos nas ditas capitulações, se fezerão duas patentes, hum a escripta em papel com letras douro, e pontos azues, em lingua Persia, pera ficar a Afonso Dalbuquerque, e outra em lingua Arabia pera mandar a el Rei dom Emanuel, e esta era de hum a lamina douro, do tamanho de hum a folha de papel, abertas as letras ao boril, com humas brochas douro. Estas escripturas ambas erão assinadas por el Rei, por Cojeatar, e por Raixnordim guazil mor, e em cada hum a tres sellos pendentes, per cadeas douro, de que o do meo era del Rei em ouro, e o da mão direita da famosa cidade de Ormuz, e o da esquerda de Cojeatar, ambos de prata. As quaes entregaram ambas a Afonso Dalbuquerque, metidas cada hum a em hum a caixa de prata, que lhes tambem deu em lingua Portuguesa hum a patente feita per Ioão entam escrivam darmada com todas as clausulas, e pontos necessarios a confirmação destas pazes, que deste modo foram por entam concluidas, e assentadas.

CAPITULO XXXIV

De como se Afonso Dalbuquerque vio com el Rei de Ormuz, e dalgumas cousas que logo socederam que forão causa de se a guerra começar de novo.

ASSENTADAS assi as pazes, e entregues as capitulaçoens, como fica dito, el Rei mandou pedir huma bandeira a Afonso Dalbuquerque das armas de Portugal, que foi recebida na cidade com muita alegria, e arvorada na torre dos paços del Rei, e pera mor firmeza desta amizade, e confederação, ordenaram de se verem em terra, pera o que Afonso Dalbuquerque com todos os capitaens da frota se foi ao Cerame onde el Rei o veo receber a huma varanda que sahia ao mar, toldada, e alcatifada de pannos douro, e seda, acompanhado de Cojeatar, Raixnordim, e outras pessoas principaes de sua corte. Os quaes depois de fallarem todos tres hum pouco em pe, dêrão hum scabello a Afonso Dalbuquerque, e el Rei com Cojeatar, e Raixnordim se assentarão no chão sobre huma alcatifa, segundo seu costume, onde estiveram praticando hum grande pedaço, fazendosse offerecimentos de huma parte a outra, nomeando elles logo alli o lugar em que se avia de fazer a fortaleza, e dar a casa pera se recolher a gente. O que assentado, el Rei, e estes seus dous governadores juraram no Moçafó de sua lei, de manterem as pazes, assi como as tinham confirmadas, e o mesmo fez Afonso Dalbuquerque em hum livro dos Evangelhos. Isto acabado se despedio del Rei, e dos outros senhores, mostrando cada hum delles grandes sinaes damizade, e se tornou perá frota, següindo

tras elle hum presente, que lhe el Rei mandou, em que entravam hum cinto douro, e pedraria, e huma adaga do jaez, e quatro aneis cada hum com huma muito rica pedra, e hum cavallo fouveiro Arabio mui bem ajaezado, e outras peças, e a cada capitam a sua; Afonso Dalbuquerque recebeo este presente, estando ja na nao, a troco do qual mandou outro a el Rei de peças douro, e prata, feitas em Portugal, que elle estimou muito, e logo ao outro dia mandou Afonso Dalbuquerque Pero Vaz Dorta, que hia provido de Portugal da alcaidaria mor desta fortaleza, que fosse tomar posse da casa que lhe el Rei dera, pera se recolher a gente em quanto se a fortaleza fazia, a qual lhe foi logo entregue, e deste modo teve Afonso Dalbuquerque a paz por tam segura, que mandou tirar a monte a sua nao, e a de Francisco de Tavora, e juntamente proceder na obra da fortaleza, que se começou a vintaquatro dias do mes Doutubro de mil, e quinhentos e sete, a que pos nome nossa Senhora da victoria, em que elle em pessoa andava, e lançou a primeira pedra do fundamento. A porta principal da torre era de tres ancoras de marmore muito grossas, que foram da nao Meri del Rei de Cambaia, pelas quaes os mouros davam muito dinheiro, mas elle lhas não quis nunca dar. E porque arreceava que os Mouros (pelo odio que tem aos Christãos, e pola pouca verdade que tratam) buscassem meos, e modos de estorvar esta obra, mandou concertar, e artilhar huma terrada, em que estava o mais do tempo, em huma ponta darea, que se faz na mesma ilha defronte da cidade, a par dos paços del Rei, na qual ponta se fazia a fortaleza, em que todos serviam cada hum per seu gyro, sem disso ser nenhuma pessoa excusa, per muito nobre que fosse, pera o que el Rei de Ormuz tambem mandava prover de todalas cousas ne-

cessarias. E porque antre os da cidade, e os nossos começava de aver muitas differenças, e brigas sobre negocios particulares, ordenou el Rei, per conselho de Raixnordim que quatrocentos frecheiros dos seus andassem de dia repartidos pela cidade, pera acudir aos nossos se os da terra os quisessem anojar, e que estes todos juntos guardassem, e vigiassem de noite da banda da terra a casa em que se recolhiam, e pela muita amizade que este Raixnordim mostrava a todas as cousas do serviço del Rei dom Emanuel, Afonso Dalbuquerque lhe ouve perdão pera dous seus filhos que conjuraram contra el Rei de Ormuz pera o matarem, um per nome Raix de lamixa seu porteiro mor, e outro Raix xerafe seu guarda mor, e os fez vir da terra do Xequé ismael, onde andavam desterrados, depois da chegada dos quaes a Ormuz vieram dous embaixadores per via do Senhor de Xiraz, e por este senhor ser vassallo do Xequé ismael, que he Rei da mor parte da Persia, e mui visinho ao regno de Ormuz, tinha cuidado darrecadar certas pareas, e tributo que os Reis de Ormuz pagavam cada anno ao Xequé ismael, os quaes embaixadores as vinham pedir, do que el Rei mandou dar conta a Afonso Dalbuquerque per Cojeatar, e per Raixnordim dizendolhe, que estes embaixadores despedira do Xequé ismael depois de saber que elle viera aquella cidade, e a fezera tributaria, com todo o regno a el Rei de Portugal, que elle tinha ja em lugar de irmão, e defensor, que por este respeito lhe parecia que a reposta desta embaixada lhe tocava mais a elle, que a nenhuma outra pessoa. Afonso Dalbuquerque lhe mandou dizer que descançasse, que elle satisfaria a embaixada, pelo que mandou logo visitar os embaixadores com hum presente de pilouros de bombardas, arcabuzes, espingardas, e setas misturadas com ferros

de lanças, dizendolhe que aquella era a moeda em que el Rei dom Emanuel de Portugal, e da India, e de Ormuz seu senhor pagava o tributo, e pareaes a quem as pedia, aos Reis, e senhores seus vassallos, do qual recado scandalizados os embaixadores se virão com Cojeatar, ao que lhes respondeo, que nam podia el Rei de Ormuz pagar dous tributos, e que com a resposta de Afonso Dalbuquerque se podiam tornar, sobela qual o Xequé Ismael podia ordenar o que lhe bem parecesse. Neste tempo tinha ja Afonso Dalbuquerque posta a fortaleza em altura pera se poder defender, pelo que começaram os capitaens de fingir que seria mais serviço del Rei tornarsse ao cabo de guardafum as presas, que estar alli, requerendolhe, que deixasse nella hum capitam com a gente necessaria, e fizesse o que lhe deziã, mas como elle era sagaz, entendendo que isto nam era se nam pelo particular proveito que esperavam do ganho das presas, lhe nam quis responder, mas antes tomou o requerimento da mão do escrivam da frota, e sem o ler o mandou meter debaixo de huma pedra do rebate da porta da fortaleza, pelo que lhe poseram nome, a porta dos requerimentos: Do que os capitaens scandalizados, derão a entender a Cojeatar que aquella fortaleza se fazia sem pera isso Afonso Dalbuquerque ter mandado, nem provisam del Rei dom Emanuel, que a que tinha era que guardasse o cabo de Guardafum, pera que não passasse nenhuma nao de Meca a India. Cojeatar folgou muito com estas desavenças, e dessimuladamente, entre outras praticas que cada dia tinha com Afonso Dalbuquerque lhe dixe, que por respeito de sua estada alli, com medo delle nam vinham as naos aquella cidade como sohiã, do que el Rei de Ormuz recebia grande perda, o que seria causa de não poder pagar

as pareas a que se obrigara, que lhe pedia que se fosse, que quanto a fortaleza que deixasse nella hum capitam, e a gente que quizesse que elle daria ordem pera se acabar o que ficava por fazer, no que se Afonso Dalbuquerque mostrou frio, dando suas razoes ao contrario do que lhe dizia Cojeatar, o qual vendo que lhe não socedia bem este ardil, ordenou outro sobornando com dadivas cinco marinheiros da frota, tres Levantiscos, e hum Biscainho, per nome mestre Martim fundidor dartilharia, e hum Pedreanes mulato, natural da ilha da madeira, os quaes mandou logo a terra firme, onde lhe deram todo o necessario pera a fundiçam, isto foi com tanto segredo, que o nam soube Afonso Dalbuquerque senão dalli a alguns dias, do que anojado os mandou logo pedir a el Rei e a Cojeatar, ao que responderão, que de taes homens não sabião parte, mas que sobre isso mandariam fazer diligencia, e que achandoos lhos mandariam entregar e dalli a tres dias lhe mandaram dizer que aquelles homens eram idos pera o sertam que trabalhariam pelos aver, e lhos mandarem. Em quanto estes recados hiam, e vinham o fundidor, com ajuda dos quatro companheiros tinham ja feitas algumas peças de bronço, e de ferro, e Cojeatar metia cada dia na cidade gente de guerra, tão secretamente que Afonso Dalbuquerque o nam podera saber, se hum mouro per nome Coje abraham lho nam descobria, afirmandolhe que alguns dos seus capitaens, e outros Portuguezes forão causa de Cojeatar aver aquelles cinco homens, do que muito espantado se calou dando graças a Deos pela merce que lhe fizera em lhe revelar huma tamanha treição, pedindo ao mouro que do que mais soubesse o avisasse, que elle lhe satisfaria a amizade que lhe mostrava, e lhe teria em segredo o que delle soubesse.

CAPITULO XXXV

De como se rompeo a paz, e do que se de huma, e da outra parte sobrisso fez, e da conjuraçam dalguns capitaens contra Afonso Dalbuquerque, e de como se partio de Ormuz pera Çacotorá.

VENDO Afonso Dalbuquerque o modo que el Rei, e Cojeatar tomavam nestes negocios, quiz usar com elles alguns comprimentos, mandandolhes pedir pelo feitor aquelles cinco homens, e que não quisessem por tam pouca cousa dar ázo a se de novo atear a guerra, ao que deram muitas excusas, jurando por sua lei que delles nam sabiam parte, do que deu conta aos capitaens, pedindolhe seus pareceres, antre os quaes ouve alguns que lhe aconselhavam que por cousa que tam pouco importava se não quisesse poer a perigo de se perder, e renovar guerra que nam poderia levar ao cabo com sua honra visto a pouca gente que tinha, que o melhor era dissimular por então; e irsse dalli com ficarem assentadas as pazes do modo que estavam. O qual conselho elle não quis tomar, mas antes tornou a mandar duas ou tres vezes o feitor com estes recados, com os quaes vendo, que não aproveitava nada, e tendo aviso de Coje abraham como na cidade secretamente entrava cada dia gente de guerra, e munichoens, mandou huma noite recolher o mais sustancial da fazenda que estava em terra, e toda a gente, com os quaes sinaes el Rei, e Cojeatar tiverão a guerra por declarada, pelo que mandarão poer nas bombardeiras das estancias que tinham feitas, muita artelharia, e tras isto na praia dar mostra de gente armada. O que

Afonso Dalbuquerque vendo mandou aos capitaens que fossem nos bateis varejar a cidade com a artilharia, no qual tempo mandara ja Cojeatar allar pera terra algumas naos que estavão no porto, por lhas não queimarem, ao que os nossos acodiram, e com muita resistencia lhe poserão o fogo, no qual debate ferirão alguns dos nossos, e mataram o piloto de Francisco de Tavora com hum pilouro de bombarda no que se passou aquelle dia, e outros dez ou doze, em que continuadamente mandou esbombardear a cidade, com que fez muito danno, e porque sabia que esta guerra era por entam fraca, em comparação da que lhe podia fazer, tolhendolhes os mantimentos que vinha da terra firme, mandou a Emanuel Telez Barreto, Afonso Lopes da Costa, e Antonio do Campo que cada hum fosse guardar seu passo, que erão os tres principaes, per onde passavam as terradas que traziam mantimentos, o que elles fizeram, posto que de ma vontade dizendolhe que o melhor conselho era iremse ao cabo de Guardafum, e sobrisso houve ahi alguns requerimentos a que nam quis responder. Estes tres capitaens logo no primeiro dia tomaram muitas terradas, descuidados os que vinhão nellas do que passava, e as mandaram todas a Afonso Dalbuquerque, em que usou huma grande crueza, porque aos que eram frecheiros, ou marinheiros mandava cortar os narizes, orelhas, e mãos, e aos que nam eram do mar, nem frecheiros mandava cortar os narizes, orelhas, e hum pe pelo meo, e assi os fez lançar de noite na ribeira: mandando por elles dizer a Cojeatar que a todolos que trouxessem mantimentos a cidade avia de fazer o mesmo, ate a poer em tanta necessidade que morressem todos a fome, o que pos grande terror, e espanto, assi nos naturaes della, como nos Arabios, Persios, e outros que vieram ao

socorro, de que os principaes, vendo que isto continuava, constrangidos de fome e sede se foram lamentar a el Rei, e a Cojeatar com palavras mais cheas de desobediencia que de acatamento, ao que lhes Cojeatar respondeo, que quanto a agoa que com as cisternas da cidade, e poços de Terumbaque se poderiam passar, e com os mantimentos que avia na cidade ate que chegasse hum armada que vinha de Lara, e de Baharem, com a qual sperava de lhes dar todolos portugueses vivos nas mãos, mas na cidade nam avia mantimentos pera oito dias, nem agoa nas cisternas, nem nos poços de Terumbaque que abastasse pela muita cantidade de gente que nella avia. Continuando assi esta guerra, determinou Afonso Dalbuquerque de a fazer mais aspera, com mandar entupir os poços de Terumbaque, que estão hum legoa da cidade, pera o que ordenou George Barreto de Castro, Afonso Lopes da Costa, que era vindo do passo que guardava, onde Afonso Dalbuquerque mandara outro capitam, e João da Nova, cada hum em seu batel com oitenta homens, os quaes sendo ja perto donde os poços estavam, lançou George Barreto de Castro em terra, Iames Teixeira, Simão Velho, Nuno Vaz de Castel Branco e hum fidalgo Castelhana per nome Lourenço da Silva, e outros pera tomarem lingoa, os quaes em saindo encontraram dos mouros de que souberam que nos poços estava hum capitão per nome Cidiamer com duzentos frecheiros, e vinte cinco de cavallo, o que sabido mandaram aprestar a voga pera chegarem antes que amanhacesse, onde acharam os mouros dormindo, e bem descuidados do que lhe aveo, porque delles mataram os nossos quasi todos em que entrou o mesmo capitão, que dom Antonio de Noronha matou, com os corpos destes, e dos cavallos que mataram, e dal-

guns que tomaram vivos intupirão os poços, e o mesmo se fez depois em huma grande cisterna que estava no campo, de que Cojeatar então trazia a chave, sem afiar de ninguém. Intupidos assi os poços, os nossos se tornaram pera a frota, a dar conta a Afonso Dalbuquerque do que deixavam feito. Os quaes poços, pera mor segurança, posto que contra parecer de muitos, mandava guardar, pera que os imigos os não alimpassem, do que deu cargo a Lourenço da Sylva que era mui esforçado cavalleiro, com vinte soldados, sobelo qual negocio se onvera de perder Afonso Dalbuquerque com cento, e cincoenta homens, por acudir a estes que de todo estavam cercados, e desbaratados dos mouros, porque da cidade, nam tam somente sahio muita soma de gente de guerra, mas ainda el Rei em pessoa, e Cojeatar de maneira que foi constrangido Afonso Dalbuquerque se rcolher aos bateis, com quasi todolos seus feridos de frechadas. Morreu nesta peleja Christovam de Figueiredo paje de Afonso Dalbuquerque, e morreram muitos mais se os poços não forão tam chegados a praia donde estão a tiro de besta ao so pé de huma ladeira. Raix delamixa porteiro mor del Rei, foi o primeiro capitão que sahio da cidade, e o que mais perseguio os nossos, o qual como bom cavalleiro chegou tanto acerca de Afonso Dalbuquerque, que lhe tirou de sobre hum cavalo acubertado em que andava, com huma lança darremesso, com que lhe chegou, e o ferira se nam levara vestida huma boa saia de malha que o salvou deste golpe, e de muitas frechadas que lançava de si, com tudo andando Raix delamixa de longo da praia, cevado neste alcance lhe tiraram de hum batel com hum falcão que lhe levou hum pedaço da polpa de huma coxa. Recolhido Afonso Dalbuquerque aos bateis deu muitas graças

a Deos, dizendo que aquelle fora o mor perigo em que per todo o discurso de sua vida se achara, mas nem por isso deixou de continuar na guerra costumada, posto que contra vontade de alguns dos da frota, mandando guardar os passos como dantes fazia, e allem disto mandava de dia, e de noite com os bateis rodear a ilha, pera que de nenhuma parte lhe podessem vir mantimentos, com o que pos a cidade em tal aperto, que o popular della de dia, e de noite corria em magotes as casas del Rei, pedindolhe das ruas misericordia, e que ouvesse delles do, e piedade, porque perecião a fome, e a sede ao que os continuos del Rei, e da sua guarda acudiam por comprazerem a Cojeatar, e com boas palavras ou força os faziam arredar. Mas a fome era ja tanta que estes brados e clamores se nam podia poer remedio, e defeito se Afonso Dalbuquerque continuara, el Rei, e Cojeatar fizeram tudo o que elle quisesa, mas aquelles que eram os que o aviam dajudar e servir em hum caso tam honroso lho estorvavam, que forão os mesmos capitaens da sua frota, dos quaes Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, e Emanuel Telez Barreto o deixaram neste trabalho, e sem o elle saber se foram caminho da India, e o mesmo segundo se sospeitou fizeram Ioam da Nova, Francisco de Tavora, se os Afonso Dalbuquerque nam prendera, e provera as suas naos doutros capitaens, aos quaes depois perdoou, e tornou as capitancias, e os levou consigo sobre hum lugar da ilha de Queixome que se chama Arbez, onde matou o capitam, que alli estava por el Rei com xxx de cavallo, e duzentos frecheiros, de que matou a mor parte, sem dos nossos morrer mais que hum homem de Ioam da Nova, posto que muitos fossem feridos, o qual negocio acabado com cem homens que consigo levava, roubou a po-

voaçam, e do despojo e mantimentos carregou os bateis, e duas terradas, e se tornon para a frota. Depois de Afonso Dalbuquerque ter feito este salto lhe veio nova de como a fortaleza de Çacotorá estava muito necessitada de mantimentos, por caso da guerra que lhe fazião os fartaques, com ajuda dos da terra, e assi soube dalguns mouros que tomou como de Lara, e Baherem se esperava em Ormuz huma frota de lxx velas, com muita gente, e artilharia, a qual nam podia tardar, pelo que determinou de dar outro salto em hum lugar da ilha de Queixome, per nome Homeloal, em que avia muitos mantimentos para com elles se ir a socorrer a fortaleza de Çacotorá, no qual lugar achou muita resistencia, por nella estarem dous sobrinhos del Rei de Lareec com quinhentos soldados frecheiros, que vinhão a socorrer Ormuz, os quaes ambos os nossos mataram, e boa parte dos seus, e a povoaçam foi saqueada, e queimada; nesta peleja morreo hum marinheiro, e dous mouros dos que andavão com a nossa gente, e foi ferido Ioam da Nova. Carregados os bateis, e algumas terradas de mantimentos, mandou Afonso Dalbuquerque poer os corpos dos dous sobrinhos del Rei de Lareec, com outros que pareciam nos trajos homens fidalgos, em huma terrada, e lançar na praia defronte da cidade. O que feito se partio pera Çacotorá no fim de Janeiro, de mil, e quinhentos, e oito, e a Ioam da Nova deu licença que se fosse perá India.

CAPITULO XXXVI

Do que Afonso Dalbuquerque fez em Çacotorá, Calaiate, e Ormuz, ate se ir perá India.

CHEGADO Afonso Dalbuquerque a Çacotorá cessou a guerra que os fartaques faziam a fortaleza de S. Miguel, porque com medo huma parte delles se acolheo em barcos perá terra firme, e outra com favor dos Çacotorins pera dentro da ilha, e porque por sua causa delles se ordenara aquella guerra lhes concedeo a paz com tributo de seis centas cabeças de gado meudo, e vinte vacas, e quarenta fardos de tamaras cada anno. E por na fortaleza aver tão poucos mantimentos, que posto que lhes desse a mor parte dos que trazia nam abastavam, mandou Francisco de Tavora, a Melinde buscallos, e elle se foi na volta da ilha de Bedaleuria, por lhe dizerem os pilotos mouros, que era melhor aguardar as naos que vinham demandar o cabo de Guardafum alli que em nenhuma outra parajem, da qual por ser muito doentia se foi para o cabo de Guardafum. Estando Francisco de Tavora em Melinde tomando mantimentos, vierão ter com elle em dia de nossa Senhora de Março, de M. D. viij. Diogo de Mello, e Martim Coelho, que como fica dito, invernaram em Moçambique, os quaes todos tres se partiram de Melinde aos quatro de Abril, levando consigo Ioam Sanchez, Fernam Gomez o sardo, e Cide Mafamede, que alli ficaram darmada de Tristam da Cunha, encarregados a el Rei de Melinde para os mandar ao Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, como ja fica dito os quaes deteve por não achar modo pera o fa-

zer com segurança de suas pessoas como o elle desejava. Partidos estes tres capitaens de Melinde, aos sete do mesmo mes tomarão huma nao de mouros defronte de Magadaxó, que se lhes rendeo sem peleja, a qual depois de roubada queimaram, e fazendo sua derrota, chegaram ao cabo de Guardafum aos xviiij deste mes Dabril, onde acharam Afonso Dalbuquerque enfadado de em quasi tres meses que avia que alli estava não ter tomada mais que huma nao de mouros que hia das ilhas de Maldiva pera o estreito de Meca, em que captivou hum mouro pratico nas cousas da terra do Abexi, e outras provincias, que mandou a el Rei, o qual se fez Christão neste regno, e lhe poseram nome Miguel Nunez, que eu conheci, de quem se el Rei depois servio na India. Com a vinda destes capitaens foi Afonso Dalbuquerque mui ledo, e a Cide Mafamede, e aos dous companheiros deu dinheiro pera a despesa do caminho, e os mandou per Nuno Vaz de castel branco poer junto de huma povoaçam, tres legoas do cabo de Guardafum, que se chama Foelix, donde fazendo seu caminho forão ter a corte do Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, que se chamava David, e por elles soube a Rainha Helena sua mãe, (que por o filho ser moço governava o regno) como os Portugueses andavam na conquista da India, a qual com a reposta das cartas que lhe derem del Rei dom Emanuel, e de Afonso Dalbuquerque, mandou a este regno por Embaixador Matheus Armenio, como se em seu lugar dira. Partidos estes homens, Afonso Dalbuquerque se tornou dalli perá Çacotorá, onde teve o inverno, e deixando ha fortaleza provida o melhor que pode, se fez á vela em dia de nossa Senhora Dagosto, pera o cabo de Roçalgate, e aos xx do mesmo mes chegou a Calaiate, onde pera saber novas do que passa-

va em Ormuz, depois que de lá partira, mandou dom Antonio de Noronha seu sobrinho na fusta de Nuno Vaz a terra, avisandoos, que se lhes perguntassem que naos eram aquellas, que dicessem que vinham de Portugal, e que chegaram áquelle porto pera saberem novas do que Afonso Dalbuquerque fazia em Ormuz, pera onde elles hião buscallo: mas antes de dom Antonio chegar á ribeira, veo huma almadia com dous mouros honrados a bordo da fusta ha saberem, que naos eram aquellas, os quaes cuidando, pelo que os da fusta dixeram que vinham de Portugal, e que ainda nam sabiam o que passava em Ormuz, se foram a nao de Afonso Dalbuquerque ao qual depois de o conhecerem pediram misericordia, e liberdade por entrarem na sua nao, como amigos, e que neste officio o serviriam, no que delles quisesse. Estes mouros eram naturaes de Calaiate, e conheciam Afonso Dalbuquerque do tempo que alli estivera, e sabião o engano, que lhe o capitam da cidade fezera e por isto estavam timorizados, mas elle lhes deu seguro, se lhe dicessem sem mentir, se o capitão, que entam alli estava era o mesmo, os mouros lhe dixeram que sim: pelo que mandou embarcar gente nos bateis pera que em surgindo desse logo na cidade. O capitão della duvidoso se era aquella frota de amigos se de imigos, vendo chegar has naos pera o surgidouro, se veo com alguns frecheiros a huma mesquita que está junto da praia, donde vendo que os nossos vinhão de guerra, sairão a elles determinados de lhe defender, que nam saisse em terra, o que nam podendo fazer se recolherão a mesma mesquita, sendo ja o seu capitão acolhido pera cidade com parte dos seus, o que estoutros forão tambem constrangidos fazer, no qual alcance hiam os nossos tão acesos, que de mestura quiseram entrar com elles, se lho Afonso

Dalbuquerque nam defendera, por ser ja quasi noite, e a cidade de terrados, e ruas estreitas, em que facilmente se poderam todos perder: O que feito se foi a mesquita, onde esteve aquella noite com toda ha gente, na qual se despejou ha cidade de todo, que no dia seguinte mandou saquear, onde depois esteve oito dias, em que obra de mil mouros, de que era capitão Xarafadim, criado del Rei de Ormuz, o vieram cometer huma noite, mas foram tratados de maneira, que nam tornaram mais. Recolhidos os mantimentos necessarios á frota, que foi o mor despojo que acharam, Afonso Dalbuquerque mandou cortar as orelhas, e narizes a todos os mouros que se alli tomaram, e os deixou em terra, e fez poer fogo a cidade, e a mesquita, que era huma fermosa casa e a xxvij naos antre grandes, e pequenas. O que feito se partio aos xxx dias Dagosto pera Teuhij, quatro legoas de Calaiate, onde tomou agoa com trabalho, por achar resistencia nos mouros do lugar, com favor dalguns que alli vierão ter de Calaiate. Feita aguada, no que esteve dous dias se partio pera Ormuz, onde chegou aos treze de Setembro, e achou a torre que elle começara ja acabada posta em dous sobrados, terrada por cima, e bem artilhada, e assi as estancias que estavam de longo da praia com todolas bocas das ruas que vinhão dar nellas taipadas, o que Cojeatar mandou fazer suspeito que Afonso Dalbuquerque tornaria a tomar vingança do passado, o qual depois que chegou defronte da cidade a mandou esbombardear, com que fez algum danno, mandando vigiar a ilha com as naos e bateis, por defender que não viessem terradas com mantimentos de fora de que tomarão algumas carregadas delles, e em huma hum mouro mancebo honrado, muito privado del Rei, e de Cojeatar, do que elles forão muito anojados. Passando

assi estes negocios, mandou Cojeatar a mostrar a Afonso Dalbuquerque cartas, que dizia serem do Vicerrei dom Francisco Dalmeida, que lhe mandara per hum mouro per nome Cojeamir, em que se declarava por seu amigo, e mostrava ter desgosto da guerra que fezera Afonso Dalbuquerque a Ormuz, mas isto aproveitou pouco, porque elle continuou nella como dantes, e vendo que por ter poucas vellas não podia defender que não viessem mantimentos a cidade, como o fezera da outra vez, determinou de dar em hum lugar chamado Nabande que he na terra firme do Mogastam, pera intupir, e gastar huns poços de muito boa agoa de que se a cidade provia o que não tão somente fez, mas ainda queimou o lugar em que achou muitos mantimentos, e matou dos capitaens do Xequé Ismael, que alli vierão em guarda de huma cafila com quinhentos frecheiros, dos quaes alguns morrerão, e os outros se acolheram com os do lugar pera dentro do sertam o que não foi sem morrerem alguns dos nossos, e ficarem muitos feridos. As novas desta victoria mandou Afonso Dalbuquerque a el Rei e a Cojeatar per hum mouro, e huma moura velhos, marido, e molher que em Nabande se vieram pera elle de suas proprias vontades. Neste mesmo tempo tinha Afonso Dalbuquerque mandado Diogo de Mello a ilha de Lara, pera guardar huns poços que alli a de muito boa agoa, o qual por engano de dous mouros que tinha captivos foi fazer hum salto antre a ilha de Queixome, e terra firme onde vieram dar com elle quatro terradas da companhia de quarenta darmada que vinhão de Iulfar, em socorro de Ormuz, das quaes quatro foi cometido, e morto com nove Portugueses, que com elle hiam em huma terrada, em que foi cometer este negocio sem licença de Afonso Dalbuquerque, o qual vendo que a cidade

estava forte e provida do que lhe era necessario, e que nam podia por entam fazer mais do que tinha feito, se fez a vela perá India, aos trez dias de Novembro, e chegou a Cananor aos cinco de Dezembro, do mesmo anno de M. D. viij.

CAPITULO XXXVII

De como em se o Vicerei fazendo prestes pera ir a Dio buscar os Rumes, recebeo cartas del Rei, per que lhe mandava que entregasse a governança da India Afonso Dalbuquerque, e do que com elle sobrisso passou, e como despachou sete naos pera o regno.

PELAS naos da companhia de George Daguiar, que partio do regno no anno de M. D. viij, como fica dito, recebeo ho Vicerei dom Francisco Dalmeida cartas del Rei, perque lhe mandava que entregasse a governança da India Afonso Dalbuquerque nas quaes se remetia as que trazia George Daguiar, que se perdeo como ja dixe, em que se continha o que mais avia de fazer. Estas novas de sua tornada pera o regno lhe deram em Cochim no mes Doutubro do mesmo anno, no qual tempo se fazia prestes pera ir buscar os Rumes a Dio, onde se recolhera Mirhocem, depois da morte de dom Lourenço, e por ter aviso que lhe mandava el Rei de Calecut huma armada, que estava ja prestes pera sair ao mar, mandou outra de onze velas, de que deu a capitania a Pero Barreto de magalhaens, pera a impedir, e com elle Emanuel Telez, Afonso Lopez da Costa, Antonio do Campo, Pero Cão, Philipe Rodri-

guez, Paio de Sousa, Diogo Pirez, Alvaro Paçanha, Luiz Preto, e Simão Martinz, em naos, gales, e dous caravelloens, os quaes se tornarão sem fazer nada, por quanto a armada era ja partida. O que sabido pelo Vicerei, com a mor brevidade que pode despachou pera o regno sete naos com a carga das especiarias, de que das duas que partiram primeiro, era capitão dom Alvaro de Noronha, e das cinco que partirão depois Fernam Soarez, e a nao Bethalem de que era capitam George de Mello Pereira, por ser grande, e ter necessidade de naos daquella calidade ficou, e o mesmo capitão pera ir nella, que se lhe para isso offereceo. Dada ordem ao despacho destas sete naos, o Vicerei se partio pera Cananor, e ahi teve conselho, se antes de passar adiante daria primeiro em Calecut, mas foi assentado que o nam devia fazer, por importar mais lançar os Rumes da India, que fazer por entam guerra a Calecut. Andando assi o Vicerei ocupado neste negocio, chegou Afonso Dalbuquerque a Cananor, o qual em surgindo mandou o Vicerei convidar pera a cea, e o mesmo fez ao outro dia ao jantar, o qual acabado ficando ambos sos o Vicerei lhe dixe, que em hum capitolo de huma carta que tinha del Rei lhe mandava que lhe entregasse a governança da India, e se fosse pera o regno, o que faria de mui boa vontade, mas que aquelle anno nam poderia ser, por duas razoes, huma por George Daguiar que trazia a via em que lhe el Rei mandava o que avia de fazer antes de se partir da India, não ser chegado, a outra por ter prestes aquella armada que fizera com muito trabalho para ir buscar os Rumes a Dio, os quaes sperava em Deos de desbaratar, e lançar fora da India, que era a cousa que então mais importava ao serviço del Rei, e assossego das cousas della. Afonso Dalbuquerque nam contente

com esta reposta ajuntou ao outro dia alguns dos que tinham sua parte, e com elles Antonio de Syntra que servia de secretario, por Gaspar Pereira ficar doente em Cochim, cujo officio era, com os quaes se foi a nao do Vicerei, estando elle provendo em cousas da sua viagem, onde Antonio de Syntra abriu a provisão que lhe Afonso Dalbuquerque deu, ao pé do sobre scripto da qual estava hum postilha assignada por el Rei, em que dizia que se nam abrisse se não quando o Afonso Dalbuquerque requeresse. O theor da provisam era, que ficasse na vagante do Vicerei com os mesmos ordenados, quando ouvesse por seu serviço de o mandar vir pera o regno. Pelo que Afonso Dalbuquerque lhe requereo que lhe entregasse a governança, do que se por entam excusou dizendo, que elle estava prestes pera com a armada que alli tinha ir buscar os Rumes a Dio que se o Deos deixasse tornar lhe entregaria a governança, e que se la ficasse ja estava seguro della, pois pera isso tinha provisoens de sua Alteza. Afonso Dalbuquerque, cujo intento era com a mesma armada ir buscar Mirhocem, e ganhar a honra de hum tamanho negocio, lhe respondeo que se fosse pera Portugal como lho el Rei mandava, que elle mesmo iria a Dio com a mesma armada a pelejar com os Rumes, do que o Vicerei o desenganou, com tudo elle se lhe offereceo pera o acompanhar nesta viagem, do que se o Vicerei excusou, dandolhe por isso as graças, dizendolhe que devia de repousar dos trabalhos passados em Cananor ou em Cochim. Afonso Dalbuquerque lhe respondeo, que como nam fosse ir com elle, que antes queria ficar em Cochim, pera onde se logo partio, e posto que lhe alguns que não queriam bem ao Vicerei, aconselhassem que pousasse na fortaleza, que seria quasi tomar posse della, como governador da India

que era, elle o nam quis fazer, e se agasalhou em humas casas de Antonio Real. Depois da partida de Afonso Dalbuquerque pera Cochim partiram as naos de carga pera o regno, das quaes se perderam a de Rui da Cunha, e de Fernam Soarez, por quem elle mandava a el Rei duas perlas de muito preço, e hum fio de ricas perlas que ouvera de Cojeatar em desconto dalguma parte das pareas que el Rei de Ormuz era obrigado pagar cadanno, e quatro Persios mancebos nobres, frecheiros, que cativara em Ormuz, os quaes dous capitaens se perderam, sem nunca se delles saber novas, os outros cinco chegarão a salvamento a Lisboa.

CAPITULO XXXVIII

De como o Vicerei partio de Cananor em busca dos Rumes, e do que fez em Dabul.

PARTIDO Afonso Dalbuquerque pera Cochim, e os capitaens das naos de carga para Portugal, o Vicerei se fez a vela de Cananor pera Dio, aos xij dias do mesmo mes de Dezembro, em busca de Mirhocem capitam do Soldam de Babilonia, com dezanove velas, e mil, e trezentos soldados Portuguezes, e quatrocentos Malabares de Cochim, a fora gente de serviço. As velas erão as seguintes. sc. seis naos grossas em que hiam por capitaens, Ioão da Nova, esta era a capitaina por o Vicerei ir nella, das outras o eram George de Mello Pereira, Nuno Vaz Pereira, que havia pouco que chegara de Zeilande, onde o mandara o Vicerei, a cousas que cumpriam a serviço del Rei, Garcia de Sousa, Francisco de Ta-

vora, Pero Barreto de Magalhaens, e quatro navios de gavia, capitaens, Emanuel Telez Barreto, dom Antonio de Noronha, Martim Coelho, Afonso Lopes da Costa, e seis caravellas, capitaens, Antonio do Campo, o commendador Rui Soarez, Phelippe Rodriguez, Pero Cão, Alvaro Paçanha, Luiz Preto, e duas gales, capitaens, Paio de Sousa, e Diogo Pirez, e hum bargantim de que era capitão Simão Martinz. E porque neste tempo el Rei de Baticála tinha alguns desgostos de Timoja, que era nosso amigo e lhe fazia guerra, a seu rogo foi surgir o Vicerei na barra de Baticála para o favorecer com el Rei: mas quando ahi chegou elles tinham ja antre si feita paz, pelo que se fez dalli a vela pera Onor, onde Timoja o foi visitar, e lhe levou hum grande presente de refresco, de quem sabendo o Vicerei que no rio avia alguns paraos de Calecut, mandou Paio de Sousa, e Simão Martinz que os fossem queimar, o que fizeram com muita resistencia dos que os guardavam, dos quaes alguns sairão feridos, e outros mortos, e dos nossos muitos encravados das frechas, posto que não morresse nenhum. Deste porto de Onor se foi o Vicerei a Anchivediva fazer agoada, e parecendolhe que acharia os Rumes no caminho, teve alli conselho, acerca do modo que teria em os cometer. O que assentado se partio Danchivediva pera dar em Dabul, cidade de Çabaio senhor de Goa, que era hum dos que favorecia os Rumes, e dera azo a virem a India, e sobretudo pela má companhia que os desta cidade fizeram as naos de Cochim, quando dom Lourenço foi dar guarda as que forão a Chaul, como fica dito, pelo que determinou de dar neste cidade. Pera onde seguindo seu caminho, sem sua licença, se foi Paio de Sousa a huma aldeia de Mouros, pera tomar refresco, e agoa, e porque os seus se desmandarão a roubar gado, os da

terra sairão a elles, e os fezerão recolher a gale deixando o capitam Paio de Sousa morto, e George Guedez, per cuja morte deu o Vicerei a capitaina da galé a Diogo Pirez, e a de Diogo Pirez deu a Diogo Mendez. Surta toda a armada diante da barra de Dabul, mandou o Vicerei sondar o porto de noite, pera ao outro dia entrar no rio que he muito largo, e a cidade era mui grande, e fermosa, situada de longo do rio, ao pé de hum serra muito fresca, no regno de Dacão, em que entam estava hum capitão Mouro, que alli mandara o Çabaio, com quinhentos Turcos, e outra gente da terra, que seriam per todos seis mil, o qual tinha fortificada de tranqueiras, baluartes, artelharia, e todalas outras cousas necessarias pera se defender, e no Rio quatro naos de Cambaia, com outros navios da terra, tão confiado que trouxe consigo a sua principal molher, com todo seu thesouro, e fez vir muitas pessoas que moravam em outros lugares, e quintas pera verem a victoria que cuidava aver dos Portugueses, allem do que mandou apregoar sob pena de morte que ninguem se saisse, nem tirasse fazenda da cidade. Passada a noite, em começando a mare de crescer e a viração de servir a nossa armada, o Vicerei mandou dar a vela, levando diante as gales, e apos ellas as caravellas, e por derradeiro as naos, todos com os bateis fora, prestes pera em chegando sairem em terra. Emparelhadas as gales com hum baluarte, e tranqueiras que era o mais forte da cidade, se começou de hum, e de outra parte, hum medonho jogo d'artelharia, e o mesmo se fez das caravellas, e naos depois que chegaram, no qual instante teve o Vicerei tempo pera dos bateis sair em terra, elle primeiro com a bandeira real, que assi o tinha ordenado: O qual em desembarcando foi cometer o baluarte mas antes que la chegasse o ca-

pitão da cidade o veo receber com sua gente em boa ordem trazendo diante de si, por desprezo do Vice-rei, sete mouros honrados, cada hum em seu andor com sombreiros de pé, mas o scarneo lhe custou mais do que cuidava, porque os sete mouros, com muitos outros que os defendiam forão mortos, e todos desbaratados, e o capitão o primeiro que fugio, dos quaes seguindo os nossos o alcance ganharam o baluarte, e juntamente entraram na cidade demvolta com os vencidos, em que foi tamanho o medo, que nenhum dos que se pode acolher ficou nella, e os que ficaram morrerão quasi todos assi homcns, como molheres, no que creceo tanto a crueza na nossa gente que tomavão os mininos dos collos das mãis, e sem lhes abastar as matarem as ellas, esborrachavam as crianças nas paredes innocentes da causa porque se a tal vingança tomava. Nesta furia mataram tambem a molher do capitão, em huma casa em que estava, com outras de muita calidade, que por resgate de suas pessoas prometião muito dinheiro, e foi tanta a crueza nesta victoria, que ficou em toda a India por proverbio dizerem por praga, a ira dos franges venha sobre ti, assi como veo sobre Dabul. Durou isto ate noite, em que pereceo grande numero dalmas, e durara mais se o dia se alongara, porque o Vicerei por se a gente nam espalhar mais pela cidade, em se o sol pondo mandou recolher todos a uma mesquita, onde passaram aquella noite, com duzentos, e vinte feridos, e xvj mortos. Na qual noite por honra de tamanha victoria armou muitos cavalleiros na mesma mesquita, donde em amanhecendo mandou sair a gente a saquear a cidade, mas vendo que se desmandavam no muito que avia que roubar, lhe fez secretamente poer fogo, em que arderão muitos cavallos, que estavam presos em estrebarias, e mor-

rerão todas as pessoas que com medo do fogo se saíram das casas, em que estavam escondidas, sem perdarem a nenhuma, posto que como vencidos pedissem misericórdia. De maneira que do roubo, e do fogo a cidade foi de todo destruída, e as casas, e mesquitas que nella avia abrasadas, e o mesmo se fez das naos de Cambaia, e outros navios que estavam no porto, do que tudo foi tamanha a perda, afora a multidão da gente que morreo, que se estimou em mais de dous contos douro, porque da cidade, pelo assi mandar apregoar o capitão, como fica dito, além de não sair nenhuma pessoa, senão tirou cousa alguma de todas as mercadorias, e riqueza que nella avia, do que ainda não satisfeito o Vicerrei, se foi a Serra, onde fez queimar muitos, e mui frescos castellos, e quintas. No qual negocio matarão os nossos muitos dos inimigos, que em alguns passos da serra lhe sairão ao caminho, e porque soube de alguns captivos, que cinco legoas pelo rio acima avia hum lugar raso, grande, e rico, se foi lá nas gales, e no bargantim, com alguns bateis, e sem lhe poder chegar, por caso do vento ser contrario se tornou, destruindo muitas aldeas, de huma, e da outra parte do rio, no qual caminho tomaram vacas, bois, e gado meudo para provisam de armada. O que acabado estando o Vicerrei ainda em Dabul lhe derão cartas de offerecimentos de Miliquiaz, e outras dos Portuguezes que captivara em Chaul, em que lhe scrivião sobre o resgate de suas pessoas, e quão bem de tratados delle eram, mas a visitaçã de Miliquiaz era mais para pelo mensageiro saber o que o Vicerrei fazia, que não por desejo que tivesse de sua amizade. Recolhida a artelheira que se achou na cidade as naos, e algumas outras cousas que escaparão do fogo, o Vicerrei se fez a vela aos cinco de Janeiro, de M. D. ix,

e de caminho recolher as pareas que Nizamaluco senhor de Chaul devia de tres annos, per virtude do contrato que com elle fezera dom Lourenço, como fica dito, sobelas quaes o Vicerei renovou o contrato, contentandosse de dous mil cruzados cadanno, porque soube que nam tinha Nizamaluco poder para pagar os cinco mil que lhe dom Lourenço pedira. De Chaul foi ter ao rio de Maim, que he no regno de Cambaia onde tomou refresco e mantimentos, e achou hum lugar, com hum grande, e mui fermosa mesquita, cercada de hum adro, no qual avia mais de cem mil cabeceiras de covas de finados, o que querendo saber lhe foi dito pelos da terra, que alli ouvera o grande Hercules duas batalhas com o Rei que entam regnava, em que Hercules fora desbaratado, e lhe mataram toda a gente de guerra que consigo tinha, e que por memoria se poseram aquellas cabeceiras, o que parece concordar com Herodoto, que diz, que Hercules escapou da India de todo desbaratado. Seguindo o Vicerei seu caminho deste rio de Maim, chegou a barra de Dio aos dous de Fevereiro dia da Purificaçam de nossa Senhora onde desbaratou a armada do Soldam de Babilonia como no capitulo seguinte ouvireis.

CAPITULO XXXIX

De como o Vicerei pelejou com Mirhocem, e com a armada de Calecut, e de Miliquiaz senhor de Dio, e os venceo, e desbaratou.

EM o Vicerei chegando a barra de Dio, determinou Mirhocem de sair ao largo pelejar com elle, posto que contra vontade, e parecer de Miliquiaz, peloque mandou logo aos capitães das suas gales, paraos de Calecut, e fustas de Miliquiaz que saíssem pera fora do baluarte do mar, e por lhes acalmar o terreno surgiram ao longo da terra junto de quatro naos de Cambaia que estavam avante do baixo pera fora, das quaes huma era de Miliquiaz. As velas de Mirhocem erão tres naos mui grossas, tres galeoens, e seis galles, allem dos paraos do Çamoriij Rei de Calecut, e fustas de Miliquiaz, que farião per todas mais de cem velas, mui bem artilhadas, e esquipadas de tudo o que lhes era necessario. A gente da guerra de Mirhocem, eram oitocentos Mamalucos, e cutros soldados de diversas naçoens, armados de saias de malha, laudeis de laminas de ferro, e corno de Bufaro, e outras armas Levantiscas, ao nosso modo afora os Malabares de Calecut, e gente de Miliquiaz, que era muita, avia tambem nesta frota alguns Christãos de que os mais erão Sclavoens, e Venezeanos, em espicial os comitres, e officiaes das gales. O Vicerei por o vento acalmar vendo surgir os imigos fez o mesmo esperando pela viraçam, o qual depois de surto teve conselho na sua nao com os capitães pera assentarem a maneira, e ordem que cada hum delles avia de ter nesta peleja.

O que feito se forão pera seus navios aperceber do que lhes era necessario, no que occupados começou a viração, mas posto que ja fosse tarde, o Vicerei mandou desferir o traquete, o que tambem fezerão todolos outros capitaens, seguindoo ate se poer a tiro de bombardas das naos dos Rumes, onde surgio, por a mare ainda aquelle tempo vazar, e estar junto de hum baixo, que alli ha, em que se podera perder se passara adiante. Os navios de remo dos imigos que estavam surtos de longo da terra, em vendo fazer a nao do Vicerei a vela, se alevantaram, e se forão lançar a tiro de falcam da nossa frota, começando logo de jugar com a artilharia, o que tambem no mesmo instante se fez, assi da cidade, como do baluarte do mar com quarenta bombardas grossas, que de huma, e da outra parte estavam assentadas em lugar donde mui bem lhe podião impedir o passo, ao que se lhes da nossa frota tambem respondeo com o mesmo jogo, no que estiveram ate a noite, em que os navios de remo dos imigos se recolheram pera dentro do banco. E porque no conselho que tiverão, assentou o Vicerei que elle avia de ir diante de todos cometer a nao de Mirhocem, considerando os capitaens, que se elle perigasse seria causa de se todos poeram em desordem, sa foram a sua nao pedir-lhe que em maneira nenhuma o nam fizesse, o que lhe elle muito agradeceo, elegendo logo pera isso Nuno Vaz Pereira, dizendolhe, que tirava esta honra de si pera lha dar, como seu amigo que era, e porque a sua nao era grande, e demandava muita agoa, mandou com elle Diogo Pirez, pera na galé ir sondando diante. Assentado que fosse Nuno Vaz o que avia de aferrar Mirhocem, passaram-se pera sua nao Ioam Gonçalves de Castel branco de Coimbra, Antonio de Sousa de Santarem, hum filho de Emanuel

Paçanha, e João Gomez cheira dinheiro, e outros, e pera a nao de George de Mello, que avia de seguir Nuno Vaz, se passou Fernam Perez Dandrade, e Simão Dandrade seu irmam se passou pera a de Francisco de Tavora seu cunhado, na qual noite repartio Nuno Vaz as capitãias da nao, de que deu a proa a Rui Pereira, e com elle João Gonçalves de Castel branco, Antonio de Sousa de Santarem, João Gomez cheira dinheiro, Henrique Machado, Francisco de Madureira, Simão Velho de Soure, e Francisco Lamprea, a capitania do conves deu a Rui de Nobaes, e elle ficou na popa, nesta mesma noite vendo Mirhocem quam determinado o Vicerei estava pera pelejar, mudou o proposito que tinha de o ir cometer fora do baixo, porque alli donde estava o podia fazer com mor vantagem, por caso da artelharia da cidade que o ajudava, e assi pelo socorro que lhe podia vir de terra, pelo que assentou que as suas naos, e galeões esperassem a aossa frota encadeadas de duas em duas, e elle no meo dellas, e detras as gales, e fustas de Miliquiaz com os paraos de Calecut, pera lhe acudirem depois que estivesse aferrado, e as naos de Cambaia com a de Miliquiaz mandou que ficassem de fora do banco de longo da terra assi como estavam. O dia seguinte que era de sam Bras, em a viraçam começando, que seria as nove horas do dia mandou o Vicerei tirar com huma bombardas, que era o sinal com que se avião de fazer a vela, como fizeram, seguindo a nao de Nuno Vaz Pereira, em que iriam bem duzentos homens, o que George de Mello Pereira não pode fazer, por negligencia, e mao azo do seu mestre que se nam quis desamarrar tam asinha como os outros. Miliquiaz como o vio deferir a nossa armada mandou disparar a artelharia da cidade, e do baluarte do mar, e o mesmo fez Mirho-

cem com a sua, ao que o Vicerei, respondendo, se travou huma brava peleja, no começo da qual hum pilouro matou na nao de Nuno Vaz Pereira dez homens juntos no conves, que hiam caçando a escota, de que hum foi Rui de Nobaes, mas nem por isso deixou Nuno Vaz de seguir avante. Os das naos de Mirhocem vendo que a determinação de Nuno Vaz Pereira era de os aferrar, se abriram pera o tomarem no meo, o que elle entendendo, mandou ao seu condestabre, per nome João de la Camara, que tirasse com huma bombarda grossa a huma destas naos, que estava atravessada diante da de Mirhocem, o que fez em tão boa hora, que lhe passou por baixo da amura ao lume dagoa ambolos costados ao que os Rumes acudindo, parecendolhes que nam fazia a nao agoa se nam por huma banda lhe deram pendor, com que se foi logo ao fundo, e se afogarão os mais dos que nella estavam, ao que a nossa gente deu huma grande grita, com que os imigos começarão de desacoroçoar. Passando assi Nuno Vaz adiante pera aferrar a nao de Mirhocem lhe fez Diogo Pirez, que hia diante sondando, sinal que amainasse por achar pouca agoa. Mirhocem vendoo surto alargou a amarra, e sem nenhum medo o veo aferrar per hum bordo, o que tambem fez Nuno Vaz, e ficando assi ambas as naos aferradas huma de longo da outra, Rui Pereira, com os que estavam na proa se lançaram na de Mirhocem, levando com muito trabalho, e perigo os imigos ate o conves onde mataram Henrique Machado. Neste tempo andavam ja alguns dos nossos envoltos com os imigos sobela rede do conves, de maneira que debaixo, e de riba se tratava o negocio com muito animo, e os que dos imigos, com mais esforço pelejavam erão alguns Abexis, que Mirhocem trazia a soldo. Durando esta peleja hum galeão dos

seus aferrou a nao de Nuno Vaz pelo outro bordo, com que se dobrou o trabalho, e perigo a todos, e a elle se causou a morte, porque no tempo em que o galeão aferrou a sua nao pelo outro costado, elle andava na de Mirhocem pelejando, onde sabendo o que passava temendosse que aferrado dambalas naos o venceriam, por acudir a sua se apressou tanto, que pera tomar folego abaixou em tal hora a barbote que trazia sobre um gorjal que lhe deram huma frechada pela garganta, de que logo cahio, e morreo dalli a tres dias: alguns dos nossos que andavão apar delle o levaram logo a nao pera que o curassem, aos quaes andando neste trabalho, sem vencerem, nem serem vencidos, acodio Francisco de Tavora, que com a sua nao veo aferrar a de Mirhocem pela outra banda, na qual se lançou com hum golpe de gente, sobela rede da cuberta, com tanto impeto, que quebraram as perchas sobre que estava, e com ella juntamente caíram todos embaixo, com que de novo se começou a pelleja de maneira, que os mais dos da nao de Mirhocem foram mortos, outros se lançaram ao mar e porem elle escapou ferido, no esquite da sua nao. Os do galeam, que tinham aferrada a nao de Nuno Vaz a alargarão, os quaes seguidos dos nossos navios as bombardas, sem mais sperarem, se lançaram todos ao mar, e o galeão assi como hia, com o traquete desferido, sem nelle aver pessoa nenhuma que o governasse entrou com a mare pera dentro. Entre tanto que astas naos pelejavam, os outros capitães não estavam ociosos, porque Pero Barreto aferrou outra nao das de Mirhocem, e a rendeo; ainda que com muito trabalho, e perigo, e Antonio do Campo tomon hum dos galeoens de Mirhocem, e George de Melo Pereira depois que se desamarrou foi cometer as naos de Cambaia, e Pero Cão se che-

gou tanto a outro galeão dos Rumes, que sem o aferrar, saltou dentro sobela rede com trinta e oito homens, e por na caravella não ficarem se não alguns pajens, e grumetes que a nam podião marear, a levou a corrente, mas vendosse Pero Cão com os seus sobela rede, e que os imigos que todos estavam debaixo della os tratavam mal, correo a portinhola pera entrar por ella, pela qual em metendo a cabeça lha levou dos hombros hum Mamaluco, de hum golpe despada. Os outros que ainda andavam sobela rede pelejando foram socorridos, e o galeão entrado, e mortos quantos nelle avia, dos outros capitaens nam ficou nenhum que nam aferrasse com os imigos, salvo o Vicerei que não passou o baixo, donde as bombardadas meteo huma nao dos Rumes no fundo, e alguns paraos de Calecut, e fustas de Miliquiaz, o qual Miliquiaz, durando a peleja não fazia outro officio, que da praia onde andava mandar gente de refresco a frota dos Rumes, e elle com hum terçado que trazia nu no mão feria, e matava os que podia alcançar, daquelles que fugiam pera terra, e os outros fazia tornar perá frota, finalmente os imigos forão vencidos, e desbaratados de todo, e tantos mortos que a agoa era toda tinta em sangue. Os primeiros que fugiram forão os paraos de Calecut, que per todo o cominho foram dando novas que ficava o Vicerei desbaratado. As fustas de Miliquiaz se recolheram pera dentro o que tambem fizeram as gales de Mirhocem, o que vendo o cômendador Rui Soarez, as seguio, com a sua caravella por lhe servir a viração, e mare, e se meteo antre duas dellas, que hiam juntas, nas quaes mandou lançar em cada huma sua ancora, e as teve aferradas ate que as despejou de todo, e as trouxe ambas atoadas a nao do Vice-rei, e assi se acabou de desbaratar de todo a arma-

da de Mirhocem. Mas a nao de Miliquiaz que estava com as tres de Cambaia, ficou ate fim do jogo, sem a poderem entrar, porque tinha muita, e boa gente, e artelharia, e era cerrada por cima, e cuberta de couros crus de maneira que se nam podia entrar senão pellas portinholas, as quaes querendo os nossos cometer depois de terem a nao aferrada, forão tão mal tratados que o Vicerei teve por melhor partido mandala esbombardear; mas a nao era tam forte de costado, e tinha taes arrombadas por dentro que assi como lhe os pilouros davam, assi tornavam pera tras, no que estiverão hum bom pedaço, ate que do navio de Garcia de Sousa lhe acertaram com hum tiro grosso ao lume dagoa, com que se foi logo ao fundo pello que os que estavam dentro vendosse alagar se lançaram todos a nado, dos quaes os nossos, que andavam nos bateis fazendo esta caça, mataram muitos e assi se acabou de todo a execuçam desta batalha, que durou desno meo dia ate noite, em que morrerão dos imigos mais de tres mil afora os Mamaluquos que de oitocentos que eram, sos xxij escaparam de serem mortos; ou captivos, e Mirhocem com medo que o entregasse Miliquiaz ao Vicerei, se acolheo logo pela poste a corte del Rei de Cambaia. Foi esta batalha tam travada e bem cometida dambalas partes, que nam ouve nenhuma vela das nossas em que se nam achassem muitos pilouros das bombardadas dos imigos, com que todas padesadas, e obras mortas ate o lume dagoa estavam desmanchadas, e em algumas dellas se acharão passante de cinco mil frechas: dos nossos forão feridos mais de trezentos, e morreram trinta e dous, de que os conhecidos eram, Nuno Vaz Pereira, Rui de Nobaes, Pero Cão, Fernam Soarez, Henrique Machado, e dous filhos de Emanuel Pa-

çanha. Das velas dos Rumes se meteram duas naos no fundo, e a de Miliquiaz, e algumas das suas fustas, e dos paraos de Calecut, tomaramse dous galeões, e duas gales, e duas naos dos Rumss, e duas naos de Cambaia, nas quaes velas se acharam muitas armas, e artelharia, e muita moeda douro, e prata, e panos de brocado, seda, e algodão o que se repartio per todos os darmada, sem o Vicerei querer nada para si. Avia nesta frota dos Rumes tanta diversidade de gente, e lingoagens que se acharão nas naos, e gales que tomaram, muitos livros em Latim, Italiano, Alemão, Esclavom, e Frances, Castelhana, e alguns em Portugues. No despojo entraram tres bandeiras Reaes do Soldão de Babilonia, com a divisa que elle trazia, por ter sugeita a casa Sancta de Hierusalem, que era um Caliz com huma Hostia alevantada, metida nelle, as quaes bandeiras vieram a este regno, e el Rei as mandou ao Convento de Tomar, onde devem destar guardadas por lembrança desta tão gloriosa victoria.

CAPITULO XL

De como o Vicerei assentou pazes com Miliquiaz, e se partio pera Cochim, e do que fez ate la chegar.

COM quanto as armadas do Soldão, e del Rei de Calecut, e de Miliquiaz eram desbaratadas, nem por isso deixavão de tirar da cidade a nossa, pelo que o Vicerei, por evitar o danno que lhe faziam, e com receo que lhe nam lançassem balsas de fogo, se sahio de noite pera fora com muito trabalho, e perigo. Mas posto que o Miliquiaz visse alongado da cidade, nem por isso perdeu o receo que tinha, parecendolhe que por vingança do passado lhe faria guerra, pelo que ao outro dia pela manhã lhe mandou huma carta, per Cide alle o Torto (natural do regno de Grada que conhecia o Vicerei do tempo que andara nas guerras daquelle regno, quando el Rei dom Fernando, e a Rainha donna Isabel o ganharam aos Mouros) desculpandosse da ajuda que dera a Mirhocem, rogandolhe que dalli por diante o quisesse ter por amigo, que sua tenção era em quanto vivesse ser servidor del Rei dom Emanuel, para firmeza do que daria todas as seguranças necessarias. O Vicerei avendo respeito a quam importante era a amizade daquelle homem ao serviço del Rei, lhe concedeo a paz, com condiçam que lhe entregasse os Portugueses que tinha captivos, e Mirhocem, com os Rumes que escaparão da batalha, e assi as galés, e outros navios que se da sua frota salvaram no porto da cidade. Dada esta resposta, Cide alle se tornou, com quatrocentos cruzados de que lhe o Vicerei fez

merce, ao que Miliquiaz respondeo, que quanto a Mirhocem que na mesma hora que se saíra da nao sacolhera pera dentro do sertam, sem lhe fallar, e que delle nam sabia parte, e posto que soubesse onde estava lhão não entragaria, nem menos a outra gente que se salvara da batalha, que costume era dos bons cavalleiros emparar, e defender os que se a elles acolhião, mas que as galles, e quaesquer outros navios que ouvesse naquelle porto da armada de Mirhocem lhe mandaria entregar de mui boa vontade, e assi os Portugueses que tinha captivos. O Vicerei communicou isto com os capitães, o que a todos pareceo muito bem: pelo que as pazes se fezerão, capitularam e se juraram antrelles: o que acabado Miliquiaz lhe entregou quatro galles das de Mirhocem, com todalas munições, bombardadas, e armas que nellas avia. Estas quatro gales com as duas que tomára o cõmendador Rui Soarez mandou o Vicerei logo queimar, e a Ioam da Nova deu cargo de ir buscar os captivos, a quem Miliquiaz entregou os que ainda viviam, que erão dezasete, todos vestidos de cabaia de seda. Feitas estas entregas, o Vicerei despachou dom Antonio de Noronha com duas naos carregadas de mantimentos perá fortaleza de Çacotorá, de que era capitão dom Afonso de Noronha seu irmão, allem do que lhe mandava alguma roupa de Cambaia da que tomára nas naos, e elle se partio perá Iudá, deixando naquelle porto Tristão de Gá, hum dos que forão captivos, por capitam de duas naos, das que foram dos Rumes, para as levar a Cochim com mantimentos, e cousas necessarias pera os almazens, como fez. Esta victoria que o Vicerei ouve da armada do Soldão de Babilonia, foi o principio da deminuição de seu estado, ate lho Selimão Emperador da Turquia tomar, e o matar, o que aconteceo

no anno de M. D. xvij, e erão tamanhos os direitos que lhe pagava das especiarias depois de as trazerem de Calecut á India, e de ahi as levarem a Cayro, e do Cayro a Alexandria, que se tinha pelo melhor, e mais sustancial de todas suas rendas. Mas depois que as armadas que el Rei trazia na India, começarão de impedir a navegaçam de Calecut perá India os ganhos forão mingando, porque por não navegarem tantas naos como soham, estes tributos se deminuirão. De maneira que por o Soldão acudir a isso com favor dalguns dos Reis, e senhores da India, ordenou esta armada, que o Vicerei desbaratou, o qual depois de ter capituladas as pazes que fez com Miliquiaz, se partio de Dio aos dez dias de Fevereiro, donde foi ter a Chaul, e confirmou as que assentara com Nizamaluco, do qual recebeo as pareas daquelle anno, e lhe deu carta de vassallagem. Dalli se foi a Onor, pera fallar com Timoja, sobela tomada de Goa, em que ja tinham praticado, mas nam o achou porque era fugido dalli com medo que el Rei de Narsinga (que então viera aquellas partes) o mandasse prender, por ser cossairo. No qual lugar se veo ver com o Vicerei el Rei de Onor, e acrescentou aos mil pardaos que cadanno dava de pareas, duzentos e cincoenta, e o Vicerei lhe pedio que tivesse sempre em sua graça Timoja, e assi lho prometeo. Dalli foi ter a Baticala, aos xxv. do mesmo mes de Fevereiro, onde o el Rei veo visitar a praia, e se fez vassallo del Rei dom Emanuel, com tributo de dous mil fardos darroz cadanno. O que feito mandou Pero Barreto, Garcia de Sousa, e Martim Coelho a monte Delli pera ahi andarem darmada, e guarda da costa, e elle se partio pera Cananor, e a vista da fortaleza mandou enforçar alguns dos Rumes que trazia captivos, e com outros usou outra mor crueza, porque os

mandou poer nas bocas das bombardas grossas, com as quaes, e com os pedaços dos corpos destes miserios salvou a cidade, negocio tam barbaro, que parece que quis Deos por castigo de huma tamanha deshumanidade, que morresse elle depois a mãos da mais barbara gente que se sabe em todo o universo mundo, como se ao diante dira. El Rei de Cananor o veo receber á praia, acompanhado de muitos Cai-maens, e Naires, e com elle Lourenço de Brito capitam da fortaleza. Depois de o Vicerei repousar algumas dias em Cananor, e prover nas cousas que compriam, se partio pera Cochim, onde chegou aos oito dias de Março, e foi recebido, assi de Afonso Dalbuquerque, como de todos Portugueses, e del Rei com muita festa, e alegria, mas em chegando á porta da fortaleza, tendosse ja el Rei de Cochim despedido d'elle, Afonso Dalbuquerque, per conselho de homens zelosos de mal, se lhe atravessou diante, requerendo-lhe que não entrasse nella, e lhe entregasse a governança da India, como o el Rei mandava, o Vicerei espantado de um tam desasosoado requerimento, lhe dixe que o deixasse repousar do trahalho do caminho, que quanto a governança elle lha não negava, e della lhe faria entrega quando fosse tempo, o que dito se recolheo pera dentro, e mandou fechar as portas ficando Afonso Dalbuquerque de fora. Sobelo qual negocio, per induzimento destes maos homens, ouve antrelles tantas desavenças, que o Vicerei parecendo-lhe que era assi serviço de Deos, e del Rei, por evitar mores desconcertos, dos em que ja andavão, o mandou como preso pera Cananor, onde esteve ate a chegada do Marichal a India, como se no capitulo seguinte dira. Deste negocio fazem os que escreveram as cousas da India largos capitulos, os quaes eu tivera por mui excusados, por nam servirem pera mais

que pera ficarem por muito tempo, odio, e malquerença arreigados entre as progenias destes dous tam valerosos, e esforçados capitaens, e tam dignos de serem louvados, pelas grandes calidades de suas pessoas, e particular prudencia que em cada hum delles ouve.

CAPITULO XLI

De como el Rei mandou o Marichal dom Fernando Coutinho a India por capitão de quinze naos.

POR el Rei ter todos os annos novas pelas naos que vinhão da India quão contrairo lhe era o Çamorij Rei de Calecut, e quanto favorecia os Mouros em seu deserviço, determinou mandar dom Fernando Coutinho Marichal de Portugal a India, pera lhe destruir a cidade de Calecut, dandolhe a capitania de quinze naos, em que irião mais de mil, e seiscentos soldados Portugueses. Os outros capitaens eram, Pedrafonso Daguiar, que hia por sota capitão, Francisco de Sa veador da fazenda do Porto, Sebastião de Sousa Delvas, Lionel Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, Rui Freire, Gomes Freire, George da Cunha, Francisco Corvinel, Rodrigo Rabelo de Castelbranco, Francisco Marecos, Bras Teixeira, Alvaro Fernandez, e George Lopes Bixorda. Com estas xv naos partio o Marichal de Lisboa aos doze dias de Março, de M. D. ix, e o primeiro porto que tomou foi Moçambique, donde foi ter a Melinde, e dahi a Cananor no mes Doutubro, com toda a frota junta, salvo Francisco Marecos que invernou em Moçambique. Com a chegada do Marichal foi Afonso

Dalbubuerque mui alegre, mas nam Lourenço de Brito, por ter a parte do Vicerei, o qual como soube as novas da vinda do Marichal, que era muito parente de Afonso Dalbuquerque, receoso que lhe fizesse alguma sem razam, entregou a fortaleza ao alcaide mor, e elle se foi pera Cochim. Afonso Dalbuquerque foi visitar o Marichal a nao, e lhe contou as desavenças que ouvera antrelle, e o Vicerei dom Francisco, do que o Marichal tomou as informaçoes que lhe parecerão necessarias, pera nisso poer algum bom meo. O que feito se partio pera Cochim, levando consigo Afonso Dalbuquerque, onde depois de chegada, o Vicerei o veo receber a praia com sua guarda ordinaria, de cem alabardeiros. Chegado o Marichal a Cochim, trabalhou quanto pode em concertar o Vicerei com Afonso Dalbuquerque, e assi o fez. E prestes tres naos de carga, que avião de vir pera o regno, o Vicerei entregou a governança da India Afonso Dalbuquerque, e disso tomou estormentos publicos, e assinados do mesmo Afonso Dalbuquerque, do estado em que deixava a India, com quantas fortalezas, naos, gales, caravellas, e artelharia. O que acabado se embarcou sem mais sair da nao, onde mandava negocear as cousas que lhe compriam, ate que se partio, muito amigo com Afonso Dalbuquerque, que a tudo o que lhe mandava pedir dava, e mandava dar todo o aviamento necessario, com muita diligencia. Partido o Vicerei, de cuja viagem se tratará o diante, o Marichal amostrou uma carta del Rei a Afonso Dalbuquerque, perque lhe mandava que em tudo o que fosse necessario para se destruir Calecut, fizesse o que o Marichal ordenasse, sobelo que teve conselho sendo el Rei de Cochim presente, em que se assentou, que para se saber o estado em que estava a cidade mandassem secretamente chamar

Cojebequi, que la morava, e era nosso amigo, do qual souberam como el Rei de Calecut andava dentro no sertam fazendo guerra a hum Rei seu visinho, muito amigo del Rei de Cochim, com tudo que na cidade avia multos Naires, e Mouros que lhes poderiam resistir, e que por isso cuidassem bem no negocio que queriam cometer. Finalmente o Marichal se fez logo prestes, no que Atonso Dalbuquerque o ajudava, e fazia tudo o que lhe parecia comprir a serviço del Rei. Andando assi ocupado nestes apercebimentos, chegou a Cochim Vasco da Sylveira, com cartas de Duarte de Lemos, em que lhe mandava pedir naos, e gente pera refazer a frota de que era capitão, com que defendia que as naos dos mouros nam passassem da India ao mar Darabia: mas Afonso Dalbuquerque, posto que visse as provisoens, e as tivesse por boas; respondendo que o nam podia prover ate nam tornar de Calecut. O que vendo Vasco da Sylveira, se offereceo ao Marichal pera com elle ir servir el Rei neste feito de Calecut, o que lhe agradeceo muito, e o levou consigo. Os quaes deixaremos todos ocnpados neste apercebimento que durou ate fim do anno de M. D. ix, e antes que entremos no de M. D. x, tratarei algumas cousas das que neste tempo passaram no regno.

CAPITULO XLII

Do nascimento do Infante dom Afonso, e de como Duarte Pacheco Pereira venceo o cossairo Mondragom, e o trouxe preso a Lisboa.

A TRAS fica dito como a Rainha donna Maria pario, em Abrantes o Infante dom Fernando, na qual villa el Rei esteve alguns dias, e dahi se foi pera Evora, onde a Rainha pario o Infante dom Afonso, aos xxij dias Dabril de mil, e quinhentas, e nove. A este Principe mandou o Papa Leão decimo o capello de Cardeal no anno de M. D. xvi, com titulo de Bispo Zagitano, Diacono, Cardeal de sancta Lucia, o qual lhe trouxe Emanuel de Noronha da Camara, que agora he Bispo de Lamego, de cuja mão o racebeo em Lisboa, nos paços da ribeira, sendo el Rei seu pai a isso presente. Foi assaz docto na lngoa Latina, e que estimava muito homens letrados e lhes fazia muitas merces, principalmente aos Theologos, foi Bispo Devora, e Arcebispo de Lisboa juntamente, e Abdade Dalcobaça, nas quaes dignidades deu sempre mostras de mui prudente, e catholico Christão, porque elle fazin muitas vezes os officios divinos, e foi o primeiro Prelado que nestes regnos ordenou que se lesse todos os dias a Doctrina nas egrejas, e que se escrevessem os nomes dos que se casavão, e dos que batizavão, e elle mesmo baptizava algumas vezes as crianças, fazendo nisso o officio de verdadeiro Prelado, teve algumas desavenças com el Rei dom João terceiro seu irmão, per cujo respeito se quizera ir secretamente para Roma, ao que el Rei acudio com muita prudencia, e pelo tirar

dalguns pensamentos a que o induzião homens zelosos de mal, lhos tirou de casa, e lhe deu outros de mor confiança, do que tudo se elle teve por satisfeito, conhecendo que se fazia por lhe assi cumprir, pelo que em quanto viveo foi sempre mui verdadeiro amigo do serviço del Rei, e lhe acatou como a hum tal, e tão bom irmão convinha. Atras fica feita mençam como o cossairo Mondragom Frances roubara Iob Queimado tornando da India, sobelo que el Rei no anno passado de M. D. viij, em que se fez este roubo, mandou recados a França sobela restituicam desta fazenda, mas sabendo que tudo se passava em dissimulaçoens, e dilaçoens, e que o mesmo Mondragon armava quatro naos pera outra vez sair ao mar, fazer seu acostumado officio, mandou fazer prestes algumas velas, de que deu a capitania a Duarte Pacheco, o qual aos dezoito dias de laneiro, deste anno de M. D. ix, sencontrou com este cossairo ao cabo de finis terræ, entre os quaes se travou huma crua batalha, mas em fim Mondragon foi vencido, e huma das suas naos metida no fundo, e elle trazido preso a Lisboa, com as tres, onde depois fez seus concertos com el Rei, e se tornou pera França, com lhe prometer que dalli por diante seria seu leal, e bom servidor, e trataria bem seus vassalos onde quer que os achasse.

CAPITULO XLIII

De como matarão o Marichal em Calecut, e o governador Afonso Dalbuquerque, e todos os que com elles hiam foram desbaratados, e do que aconteceu a seis naos que despachou para Portugal.

DEPOIS que a armada com que o Marichal, e Afonso Dalbuquerque avião de ir sobre Calecut foi prestes, elles se partirão ambos de Cochim ao derradeiro dia de Dezembro, de M. D. ix. donde com bom tempo chegaram a Calecut, aos dous dias de Janeiro, de Mil e quinhentos, e dez, ja sobela tarde, levando o Marichal ha mesma armada que trouxera de Portugal em capitania sobre si, e Afonso Dalbuquerque ha que elle fizera em Cochim, e Cananor de que erão capitaens dom Antonio de Noronha seu sobrinho, dom Hieronymo de Lima, e Emanuel Paçanha, George da Sylveira, Aires da Sylva, Fernam Perez Dandrade, Francisco Pantoja, George Fogaça, Duarte de Melo, Francisco Pereira Coutinho, Emanuel de Lacerda, Antonio Pacheco, Simão Dandrade, Diogo Mendez, Vasco da Sylveira, Francisco de Miranda Chicorro, Phelipe Rõiz, e Simão Pirez: nas quaes armadas hião mais de dous mil soldados Portuguezes, afora seiscentos Malabares de Cochim, de que era capitam o Rei de Porcá, que Afonso Dalbuquerque levava em sua companhia com alguns parãos. Surta ha armada, se teve conselho no modo que se teria em cometer a cidade, o que assentado, o Marichal dixe a Afonso Dalbuquerque, que elle viera de Portugal, nam pera enriquecer, se nam pera ganhar a honra que sperava de aver na destruição

de Calecut, de que elle ja tinha adquerida tanta na India, que lhe nam averia enveja a esta, que por isso lhe quisesse dar a dianteira, o que lhe Afonso Dalbuquerque concedeo, posto que pesadamente, por conhecer o Marichal por colerico, e apressado em suas cousas, polo que arreceava o que depois aconteceo. Acabado o conselho, o demais que ficava da noite se passou em se cada hum fazer prestes pera seguir seu capitam, do modo que se assentara, o que pareceo mal a algumas pessoas, principalmente a Emanuel Paçanha, que era mui bom cavalleiro, e mui pratico nas cousas da guerra, que logo adivinhou o triste successo deste negocio. Prestes os bateis, e embarcada a gente nelles, ficando na frota a necessaria para guarda della, indo o Marichal, e Afonso Dalbuquerque diante, que aviam de ser os primeiros que saíssem em terra, com o mor silencio que poderão chegaram a praia, nam cuidando de achar o bravo recebimento que lhes fez hum capitam del Rei de Calecut que alli estava, com muitos Mouros, e Naires, com estancias feitas, donde, e do Cerame del Rei os começou atratar mal com a artelharia, e o fezera pior se as estancias e Cerame estiveram mais alivel da praia que causava passarem muitos tiros por cima dos ferros das lanças, e outros darem pelas astes dellas, o que vendo Afonso Dalbuquerque dixe ao Marichal, que por não receberem tanto danno se devião despalhar os bateis, e que cada hum trabalhasse por chegar a praia, com a sua gente, o que se assi fez. Mas Afonso Dalbuquerque que nas cousas da guerra tinha muita conta com a ocasiam do tempo, como se vio apartado do Marichal, (o qual tendosse por seguro da dianteira hia com a voga branda) mandou apressar a sua, e em chegando a praia pojou em terra, remetendo logo a huma tranqueira que ganhou

com trabalho, por debaixo de muitas bombardadas e frechadas, e fazendo fugir os imigos pera o Cerame del Rei, que era em huma casa grande de madeira, a tiro de besta dalli, em que por ser forte, e aver nella Naires que a guardavam, se recolheram muitas molheres, mininos, e outra gente. A estes que hiam fugindo acodiram alguns Naires dos que estavam no Cerame, os quaes todos em hum corpo fizeram rosto aos nossos, com que se travou huma peleja melhor ferida que a da tranqueira, e andando assi envoltos, alguns dos nossos chegaram ao Cerame, e lhe pose-ram fogo, o que vendo o Marichal, que ja neste tempo chegara a tranqueira, começou de dizer a altas vozes que mal lhe guardara Afonso Dalbuquerque o que lhe prometera, e outras palavras cheas de colera, e paixam. Afonso Dalbuquerque como soube que o Marichal estava na tranqueira, e o que dizia, se veo pera elle, dandolhe sobre isso muitas desculpas que elle nam quis receber, mas muito auojado chamou Gaspar o lingoa, e lhe dixe alto, onde estão os paços del Rei que la quero ir buscar homens com que peleje, que os desbaratados, com tam pouca resistencia nam o devem ser, Gaspar lhe mostrou de hum teso os paços, que seria da praia mais de mea legoa. Resoluto o Marichal em ir queimar os paços, mandou desembarcar dous tiros de metal que entregou a Pedrafonso Daguiar seu sota capitam, pera os levar diante, e sem querer tomar o parecer dalgumas pessoas que lho desaconselharam mandou tocar as trombetas, ao som das quaes abalou com obra de oitocentos homens, e todos los capitaens de sua frota, mandando dizer a Afonso Dalbuquerque sua determinação, que o podia seguir, ou fazer o que lhe parecesse. O governador posto que tivesse o perigo por mais certo que a victoria, o seguiu com obra de

seiscentos homens, e os Malabares de Cochim deixando seu sobrinho dom Antonio de Noronha, e com elle Emanuel Delacerda, Simão Dandrade, e Rodrigo Rabelo em guarda da praia, e dos bateis, com trezentos homens, mandandolhes que recolhessem a artelharia da tranqueira, e a que ficara do Cerame, e posessem fogo as naos, e outros navios dos imigos que estavam varados em terra, o que elles fizeram bem a sua vontade. O Marichal chegou aos paços del Rei com alguma resistencia dos imigos, de que os mais forão mortos, mas nos paços a achou mór, porque dentro se recolheram o Regedor da cidade com muitos Naires, que lhe defenderam a entrada, mas em fim elles se escoaram per portas secretas, e os paços foram ganhados com muita riqueza que nelles avia, por respeito do que, e de serem grandes de muitos pateos, jardins, e casas, os nossos se começaram de desmandar, o que vendo Emanuel Paçanha dixe ao Marichal que mandasse recolher os que se desmandavão, porque estava em mais perigoso lugar do que lhe parecia, e que antes de huma hora se se dalli não fosse, se ajuntariam tantos Naires que per nenhum modo poderião escapar de serem todos mortos as frechadas, pelo que devia de mandar logo poer fogo aos paços, e recolher-se pera a praia, ao que respondeo, que ja sabia quam fracos, e covardos erão os Mouros da India, e Naires de Calecut, e quão mal pelejavão, que elle avia de repousar alli, e que se recolheria quando lhe parecesse tempo. Andando o negocio travado deste modo, chegou Afonso Dalbuquerque aos paços, e sem querer entrar nelles, por estarem ja muitos Naires tam perto delle, que lhe feriram muitos dos seus, em que hum foi Fernam Perez Dandrade, mandou dizer ao Marichal que se recolhesse porque recrecia muita gente dos imigos,

e que dalli a praia era longe, e o caminho muito azado pera poucos a poucos os matarem todos, sem se poderem valer, ao que lhe respondeo que se fosse elle diante com a sua gente, que elle o segueria, como o fogo fosse bem ateado nos paços, que lhe ja mandara poer. Afonso Dalbuquerque como teve este recado encaminhou pera praia, levando os feridos diante e o mesmo fez o Mârichal depois que vio arder os paços per muitas partes onde avia mais de duas horas que estava sem querer tomar o conselho de Emanuel Paçanha, de que se lhe causou a morte, porque os imigos como viram abalar Afonso Dalbuquerque começaram de vir mais sem medo, chegando-se huns pera os paços, e outros pera Afonso Dalbuquerque, seguindo de perto as frechadas, matando, e ferindo, assi os que hiam com elle, como outros que andavam espalhados pelas casas a roubar. O Marichal em saindo dos paços achouse cercado dos imigos, sobellos quaes (vendo muitos dos seus feridos, e quasi todos postos em desbarato) voltou com obra de trinta homens, recolhendo-se o melhor que podia as voltas. A gente de Afonso Dalbuquerque apertada dos imigos se lhe começou de desmandar, o que elle vendo os animou o melhor que pode, fazendo corpo pera acudir ao Marichal, porque sabia o trabalho em que estava, mas a multidam delles era tanta, que o nam deixou voltar. Finalmente o Marichal foi ferido em huma perna de hum golpe despada de que cahio, sem se mais poder soster que em geolhos, e com elle foram jarretados Emanuel Paçanha, e outros os quaes assi como estavam se defenderão dos imigos, e mataram alguns delles, ate que cansados, e feridos cairão mortos, dos quaes os que morreram junto do Marichal, forão Rui Freire, Francisco de Miranda Chicorro, Pero Fernandez Tinoco, Phelipe Rodriguez,

e outros ate treze, em que entrou Vasquo da Sylveira, que sabendo o perigo em que estava o veo socorrer per antre huns vallos, em que elle mesmo matou tres Naires com huma lança, a morte dos quaes, e a sua mesma adivinhou Emanuel Paçanha, com ja ter sacrificado na India quatro filhos no serviço de Deos, e de seu Rei. Mas tornando a Afonso Dalbuquerque, elle se foi recolhendo com muito tento, porque de riba dos valados por serem altos lhe ferião, e matavão muitos dos seus, e a elle deram huma zangunchada no ombro do braço esquerdo, de que ficou quasi aleijado, e huma frechada no pescoço e por derradeiro lhe deram com hum canto nos peitos, de que caio embaçado, e se lhe nam acodira Diogo Fernandez de Beja, alli ficara morto, donde o levaram em hum pades caminho da praia a qual se nam fora tam perto, como era do lugar em que ferirão o governador, a nossa gente se podera mal salvar, que tanto os apertavam os imigos, e o fizeram muito mais se dom Antonio, e Rodrigo Rabelo, com outros capitaens lhe não acudirão, com cuja vinda começaram de afloxar de maneira que os nossos se recolherão com menos perigo aos bateis, e dahi a frota dos quaes o derradeiro que se recolheo foi George Botelho de Pombal. Foram feridos dos nossos neste desbarato mais de trezentos, morrerão setenta, e oito de que os conhecidos forão, o Marichal, Vasco da Sylveira, Lionel Coutinho, Emanuel Paçanha, Rui Freire, Francisco de Miranda Chicoro, Gonçalo Queimado que trazia a bandeira de Afonso Dalbuquerque, e hum seu paje per nome Antonio Borges, Phelipe Rodriguez, Fernão Valarinho do Algarve, e Pero Fernandez Tinoco, e as duas bombardas perdidas. Dos imigos morreram (como se soube per conta) mil, e cento, e trinta a fora quinhentos, e se-

tenta homens, molheres, e mininos que perecerão no Cerase del Rei, e nas casas da cidade que arderam com boa parte dos paços del Rei, forão queimadas vinte naos da carreira de Meca, que estavam varadas em terra recolhidos os nossos ja de noite, ao outro dia pela manhã Afonso Dalbuquerque se fez a vela com toda a frota foi surgir no largo, donde logo despachou Pedrafonso Daguiar pera o regno com tres naos que ja estavam carregadas, as quaes despedidas Afonso Dalbuquerque se fez a vela pera Cochim onde foi recebido, nam com alegria, posto que a perda dos imigos fosse mor que a nossa, senam com tristeza pela morte do Marichal, e dos mais Portuguezes, e assi por elle ainda estar tam maltratado das feridas e golpe da pedra duvidavam os surgioens, e fisicos de sua vida. A primeira cousa que fez em chegando a Cochim, foi despachar outras tres naos com carga despeciaria pera o regno, de que eram capitaens Sebastiam de Sousa, Francisco de Sa, e Gomez Freire, dos quaes Sebastião de Sousa, e Francisco de Sá foram encalhar nos baixos de Padua, e por o tempo ser bonança se salvou toda a gente nos bateis, em hum ilheo que esta junto dos baixos, com muitos mantimentos, e fazenda, o que tudo se depois levou a Cananor, e Gomez Freire foi ter a Moçambique onde achou Pedrafonso Daguiar em cuja companhia partio pera o regno, e tanto avante como o cabo das correntes fez uma nao tanta agoa, que foi necessario tornarse Pedrafonso Daguiar com ella a Moçambique, e mandar dalli a sua para Portugal, porque era grande, e levava muita especiaria, encarregando a capitania della a Bras Teixeira, e o navio de que era capitam Bras Teixeira tomou pera ir nelle, acompanhando esta nao que fazia augoa, e pera mor segurança da gente se salvar, se se ha nao fosse ao fundo,

fez com Gomez Freire que tornasse em sua companhia a Moçambique, onde recolheo toda a fazenda em casas que para isso mandou concertar. O que feito se partiram pera o regno, aos oito dias do mes de Junho de mil e quinhentos, e dez, que era ja bem tarde, com tudo Deos os trouxe o salvamento a Lisboa, onde chegarão aos dezanove dias de Outubro do mesmo anno.

CAPITULO XLIV

De como dom Francisco Dalmeida foi ter auguada de Saldanha onde o mataram os negros naturaes da terra, a que chamam Cafres.

ENTREGUE a governança da India a Afonso Dalbuquerque, dom Francisco Dalmeida se partio de Cochim pera Cananor, aos xix, dias de Novembro de Mil e quinhentos, e nove, a tomar alguma carga para as suas tres naos, de que os outros capitaens eram George de Mello Pereira, e Lourenço de Brito, que fora capitam de Cananor, onde dom Francisco continuando seu acostumado officio de liberal, deu mais de dez mil cruzados de sua propria fazenda a alguns fidalgos, e outras pessoas que tornavão pera Portugal em sua companhia por saber que vinham pobres. Tomada a carga, e mantimentos necessarios, se fez a vela ao primeiro de Dezembro, e seguindo sua viagem foi ter a auguada de Saldanha, que he junto do cabo de boa Sperança, no qual porto estando ja prestes pera se fazer a vela, hum Diogo Fernandes Labaredas, tendo tomado alguma familiaridade com os negros que vinhão resgatar gado a

praia, se foi com elles a huma aldea huma legoa pelo sertão dentro, dos quaes foi festejado, e por sinal da amizade lhe deram hum carneiro grande, e gordo, que elle por ser tal apresentou a dom Francisco Dalmeida, gabandolhe muito a terra, e a multidão de gado que nella vira, e simplicidade da gente, e porque na armada avia ainda necessidade de carne, e outros refrescos, mandou o mesmo Diogo Fernandez com doze homens, que fosse aquella aldea resgatar vacas, que era a carne que se mais avia mister, pera o que levou algumas cousas das que os negros daquella parajem usão, e acostumão trazer sobre si. Chegados estes homens a aldea os negros os convidaram com carneiros, e outras viandas da terra. Acabado o jantar, entenderam no resgate trazendo logo o gado que aviam de dar a hum escampado fora da aldea, contra a praia, onde estavam juntos os doze homens que forão com Diogo Fernandez, que andava na aldea vendendo os curraes, escolhendo o gado que lhe parecia bom, e dalli o mandava ao lugar do resgate. O qual acabado começaram de caminhar perá praia, levando o gado consigo, e ja hum pouco alongados da aldea veo hum negro com alguns carneiros, a tenção de resgatar, o qual parece que mandou o espirito maligno, pera se ordenar o triste caso que aconteceo, porque dentrestes doze hum delles per nome Gonçalo Homem, parente de João Homem cuidando que fazia negocio porque os negros ficarião mais seguros na nossa amizade, dixe aos outros que tomassem aquelle negro, e que o levassem a dom Francisco Dalmeida, peraque o vestisse, e lhe desse algumas peças, com que se tornasse contente pera a aldea, que isto seria causa de resgatarem sempre de melhor vontade com as naos que alli viessem ter, o que parecendo bem aos outros lançaram mão do negro, o

qual vendosse preso deu dous brados, a que da aldeia acudiram alguns dos negros. Diogo Fernandez que ainda la estava, vendoos correr acudio de mistura com elles, e com assaz trabalho se meteo entre os nossos, que a poder de pedradas, que lhes os negros tiravão, tomarão por partido soltar o negro, e o gado que levavam, os quaes chegados a nao de dom Francisco lhe deram a entender o negocio ao contrario do que passava, do que movido teve conselho sobre ir dar na dea, e a destruir, o que lhe contrariarão Lourenço de Brito, e George de Mello Pereira, e Martim Coelho, dizendo que a vingança de homens tam barbaros nam era victoria, que quanto ao que tinhão feito era cousa de pouca importancia, e que se se lhes tomasse desculpa, ou a elles soubessem dar, que por ventura não seria sua a culpa se não dos nossos, que tinhão por costume serem desmandados, e mal comedidos em terras alheas, e que quando o caso merecera castigo, nam era bom conselho illos cometer huma legoa pelo sertam, sem terem noticia do caminho, nem do socorro que lhes poderia vir dos lugares vizinhos. Deste parecer forão contrairos Pero Barreto de Magalhaens, Emanuel Telez Barreto, e Antonio do Campo, dando pera isso suas razoes as quaes inclinando dom Francisco, assentou de ir dar na aldeia, pera o que mandou fazer prestes os bateis, e com cento, e cincoenta homens chegou a praia a huma hora depois de mea noite, encaminhando logo de seu vagar pera a aldeia, a qual Pero Barreto, e George Barreto que hiam diante como fora ordenado, chegarão ante manhã, e a entrarão cada hum com sua gente per duas partes. Os negros em os sentindo acudirão cada hum com seu çurram de couro de cabello cingido, cheos de pedras, e de ferros de setas de feição de farpoens, en-

castoados em troços de hum palmo de comprido, que enxerião em astes de pao tostado, que traziam nas mãos, com as quaes, e com as pedras se serviam darremesso de maneira, que em pouco spaço fezerão voltar a nossa gente perá praia, matando dos primeiros tiros Fernam Pereira, com tudo os nossos levavam algum gado grosso diante de si, que tomaram antes de chegar a aldea, com que encaminharam pera onde dom Francisco ficara com a bandeira Real, o qual acharão ja quasi junto da aldea, que em os vendo vir de longe, tendo o negocio por acabado a sua vontade, aballou contra a praia, pera o lugar em que deixara os bateis, os quaes nam achou porque Diogo de Unhos, mestre da sua nao, se mudara dalli pera outro lugar de melhor embarcadouro. Pelo que dom Francisco tomou o caminho pera lá, indo diante de todos por se nam encher do po que fazia o gado, que os nossos ainda trazião junto, guiado per tres homens, e elles vinham detras aos botes com os negros, os quaes depois de serem juntos tantos que lhes pareceo que sem receo podiam cometer os nossos, bradando, deram sinal ao gado, e o fizeram ajuntar em hum magote, o que feito remeterão aos tres homens que o guiavam, os quues logo mataram com tiros darremesso, ficando elles entre o gado, e a nossa gente que vinha hum pouco detras, na qual deram com tanto impeto que a fezerão espalhar, de que alguns acudiram ao gado, levando-o pera onde estava dom Francisco que lhe dixe a alta voz, deixai esse gado que o ham de levar os negros, e a nos com elle. O que dito começou de caminhar mas vendo que a gente se desordenava, e espalhava cada vez mais, e que os negros matavam, e ferião muitos delles, fez volta, e os recolheo todos em hum corpo, começando de encaminhar pera onde estavam os

bateis, mas os Cafres, ganharam o gado, o qual levando diante de si, fazião estar, e andar segundo o sinal que lhe davam, e detras d'elle tiravam aos nossos, que por irem juntos os feriam, e matavam a sua vontade, indo ja alguns tam cansados, que se nam tinhão criados, ou amigos que os levassem de braço, caião no chão, onde os trilhava o gado passando por cima delles, e se alguns ficavam vivos os negros que vinhão detras os acabavam de matar, os quaes vendo que os nossos hião ja desbaratados, se começaram a desmandar, passando adiante do gado, lançandolhe tiros, fazendo biocos, que he manha que usam na guerra pera espantar os contrarios, o que nam podendo sofrer Pero Barreto remeteo a hum destes que se mais chegava, e correndo hum pedaço tras elle o passou com huma lança de que logo cahio morto, ao que acudindo os Cafres, a poder de pedradas matarão a Pero Barreto, o que sabendo dom Francisco quisera voltar, o que nam pode fazer por os negros levarem a nossa gente muito apertada, com tudo não deixava de caminhar pera a augoada, na melhor ordem que podia: mas vendo que cada vez crecia mais o numero dos Cafres desfalecia da sua gente, adivinhando o que foi, dixe a George de Mello Pereira, que lhe entregava a bandeira Real del Rei seu senhor, que a não deixasse em poder daquelles negros, onde segundo via lhe estava limitado o fim dos serviços que lhe sempre fizera. Isto era ja perto daugoada, onde Diogo de Vnhos estava com os bateis prestes pera recolher a gente, a qual hora tendo dom Francisco tirado o barbote lhe deram com hum zaguncho sem ferro na garganta que lha atravessou de parte a parte, a dor do qual golpe lhe fez logo poer os geolhos no cham, com as mãos na aste para a arrincar, mas sentindo que se afogava, as ale-

vantou pera o ceo e sem poder dar outro sinal de catholico Christão, cahio morto, junto do qual mataram os Cafres Diogo Pirez, pelejando sobelo seu corpo, que fora aio de seu filho dom Lourenço, e assi acabaram todos tres nesta viagem da India. Morto dom Francisco Dalmeida, os nossos se começaram a desbaratar de todo, fugindo pera os bateis, nos quaes entrarão com lhes dar a agoa pela cinta, porque Diogo de Vnhos, que era homem pratico nas cousas do mar, vendo o que passava com receo que se lançassem muitos dos que fugião em alguns dos bateis, e que poderia assi ficar em seco, os mandou alargar todos, com tudo alguns da companhia quizeram antes morrer que salvaremsse com deshonnra, antre os quais foram, Lourenço de Brito, e Martim Coelho, que em sabendo como dom Francisco era morto bradavão aos que fugiam dizendolhes, que razam dareis em Portugal de deixardes morto o vosso capitão de gente tam barbara, e tão desarmada, sem tomar disso vingança, e com isto pelejando sem fazerem pé atras, os mataram com alguns outros de sua companhia. Morrerão neste triste caso, que aconteceu ao primeiro dia de Março, de Mil, e quinhentos e dez, sessenta, e cinco Portuguezes, em que entraram onze capitaens, que foram dom Francisco Dalmeida, em idade de sessenta annos, Lourenço de Brito, Emanuel Telez, Pero Barreto de Magalhaens, Martim Coelho, Francisco Coutinho, Antonio do Campo, Fernão Pereira, Gaspar Dalmeida, Diogo Pirez, e Pero Teixeira, todos mui esforçados cavalleiros experimentados nas cousas da guerra, acostumados a vencer nos mais dos negocios em que se acharam, por debaixo de tiros de bombardas, rotas, e bombas de fogo, contra homens, armados, e exercitados em todo o genero de guerra, os quaes alli acabarão a mãos de gente barbara, de-

sarmada, a tiros de pedras, e azagaias de ferro morto, com tão pouco acordo que parece que lhes tinha Deos ordenada a morte naquelle lugar, por castigo dalgumas crueldades, e sem razoens que poderião ter usadas nas victorias que lhes concedera, nas quaes os homens devem de ser mui moderados, e se devem de lembrar, que assi como vencem podem ser vencidos, e como captivam podem ser captivos, e que da clemencia, ou crueza que nisto usão, resultalhes guardar Deos o galardão, ou castigo para lho dar em seu tempo. O mesmo dia a tarde depois dos negros terem recolhido o despojo, e serem idos pera suas aldeas sahio George de Mello Pereira, e George Barreto em terra, com a mais da gente da frota, pera enterrarem os mortos, os quaes acharam todos nus, e o de dom Francisco Dalmeida aberto pelos peitos, e pela barriga. Enterrados estes que jaziam na praia, sem mais passarem adiante, se recolheram as naos, onde logo ouve differenças antre George de Mello Pereira, e George Barreto sobela capitania da armada, no que se tomarão pareceres, em que se assentou que a bandeira fosse na mesma nao em que hia, e que George Barreto fosse o capitão. O que assi concluido se partirão ao outro dia, os quaes todos chegarão a salvamento a Lisboa, onde então el Rei estava, que com toda a nobreza do regno sentio muita a morte de dom Francisco Dalmeida, e com muita razão, pelas boas partes, e calidades que nelle avia sobre ser mui esforçado cavalleiro, de que deu manifestos sinaes, sendo ainda mancebo nas guerras do regno de Granada, quando o el Rei dom Fernando, e a Rainha dõa Isabel ganharão aos mouros, a quem nesta conquista elle fez muitos, e assinados serviços, por lembrança dos quaes el Rei dom Fernando, quando lhe el Rei dom Emanuel mandou a nova de sua morte, foi mui

anojado, retrahemdosse, como se fora por pessoa de seu sangue Real. Foi dom Francisco Dalmeida, allem de bom cavalleiro, mui prudente, e sagaz, bem assombrado, e grave em sua pratica, acerca das cousas da India, foi de opinião, que quantas mais fortalezas el Rei la tivesse, tanto mais fraco seria, que a força com que avia de senhorear a India era no mar, que sem nelle trazer grossas armadas, nam poderia defender, nem soste as fortalezas, e assi lho screveo, e que nunca seria bem servido, se não quando seus capitaens, e officiaes não comprassem nem vendessem, nem levassem camara.

*Fim da Segunda Parte da Chronica do Felicissimo
Rei dom Emanuel*

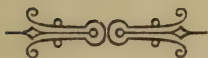
CHRONICA
DO SERENISSIMO
SENHOR REI
D. EMANUEL

ESCRITA

Por DAMIÃO DE GOES,

Dirigida ao Serenissimo Principe Dom Henrique, Infante de Portugal, Cardeal do Titulo dos Santos Quatro Coroados filho deste felicissimo Rei.

PARTE III. E IV.



COIMBRA:
Na Real Officina da Universidade,
Anno de MDCCLXXXX.

Com Licença da Real Mesa da Commisão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros

Foi Taxada cada huma das Partes desta Chronica em papel a 480 reis.

CHRONICA

1771

1772

MANUEL

FOR DAMIANO DE GOS

1773

1774

1775

1776

1777

1778

1779

1780

1781

1782

1783

1784

1785

PROLOGO

NA CHRONICA DEL REI DOM EMANUEL,
dirigida per Damiaão de Goes ao Serenissimo
Principe Dom Henrique, Infante de Portugal,
Cardeal do Titulo dos Santos quatro
coroados filho deste felicissimo Rei

MUITOS, e graves authores nos principios de suas Chronicas trabalharão em louvar a historia, da qual tudo o que dixerão foi sempre muito menos do que se devia dizer, porque assi como ella he infinita, assi seus louvores não tem fim nem termo a que se possam reduzir, e pois tudo o tratado nesta parte, he quasi nada em comparaçam do que deve ser, voltarei daqui a vela, pera poer a proa nesta: na qual por certo não ousara nem de-vera de tocar, se me nam fora mandado por V. A. por ser de qualidade, que depois dalgumas pessoas a terem começada, el Rei dom lão vosso irmão, que *sancta* gloria haja, lhes mandou tomar o que ja ti-nhão scripto, pera se acabar per outros, de cujas ha-

belidades tinham mór opinião, em mãos dos quaes ficou ate seu falecimento. E considerando V. A. que pois estas pessoas de que se tanto sperava, nam tinham feito em tempo de trinta, e sete annos, que á, que el Rei dom Emanuel vosso pai faleceo, cousa que respondece ao merecimento de tal negocio, sem se lembrar de quão fraco eu devo ser pera hum tamanho peso, me mandou neste anno do Senhor de M. D. LVIII. que daquillo em que muitos, como em cousa desesperada, se nam atreveram poer a mão, tomasse eu o cuidado, o que fiz com mor ousadia do que a meu fraco juizo convinha. movido com tudo por sos dous respeitos, o hum por eu ser fectura do dito senhor Rei vosso pai, criado em sua casa, e em seu serviço, desde idade de nove annos, o outro por me parecer que se nam movera V. A. a me mandar cousa em que consistiam todos os feitos, e louvores deste felicissimo Rei, e daquelles que o serviram na guerra, e na paz, senam por confiar de mim o mais substancial que no screver das Chronicas se requiere, que he com verdade dar a cada hum o louvor, ou reprehensam que merece. Pelas quaes rezões me atrevi a tomar este trabalho, o qual tal qual he, me pareceo que não devia, nem era bem que dedicasse se nam a V. A. quomo a principal author de a fama, e gloria del Rei seu pai sairem em luz e nam perecer a lembrança das cousas notaveis que aconteceram aos Portugueses per todo o descurso de seu Reinado.



TERCEIRA PARTE
DA CHRONICA
DO
FELICISSIMO REY
D. EMANUEL
DA GLORIOSA MEMORIA,

A qual por mandado do Serenissimo Principe, ho
Infante Dom Henrique seu Filho, ho Cardeal de
Portugal, do Titulo dos Santos Quatro
Coroados

DAMIAM DE GOES

Collegio & compoz de novo.

CAPITULO I

*Do que Diogo Lopes de Siqueira passou ate chegar a
Malaca, e do sitio e trato della assi da ilha de
Samatra.*

NA segunda parte desta Chronica fica dito co-
mo el Rei mandou Diogo Lopes de Siqueira
com quatro naos costear a ilha de sam Lou-
renço, e saber se havia nella minas dourou, prata, e

algumas speciarias, como lhe tinham dito, e para dahi passar adiante a ho regno, e cidade de Malaca do trato da qual, e grandes riquezas que nella havia tinha ja certas informaçoes. Das outras tres naos que hiam debaixo da sua capitania eram capitaens Gonçalo de Sousa, Hieronymo Teixeira, e João Nunez, com as quaes partio de Lisboa aos cinco dias Dabril de M. D. viij, seguindo sua viagem foi ter aos Medãos do ouro aos xx. de Julho, onde se veo encontrar com elle Duarte de Lemos, que hia por sota capitão de George Daguiar, de quem fica já feita mençam : no qual lugar estando sobre ancora lhes deu hum temporal com que Duarte de Lemos foi ter a Moçambique, e Diogo Lopez a ilha de São Lourenço, aos quatro dias Dagosto, aos dez chegou a hum cabo da ilha. pela banda de fora, a que pos nome de São Lourenço, por ser o dia em que se celebra a festa deste bema-venturado Sancto. Passado este cabo achou humas ilhas onde vieram ter com elle dous grumetes da companhia de Ioam Gomez Dabreu, hum Portugues per nome Andre, e outro Genoes, per nome Bartholomeu, que lhe contaram como acontecera o caso da sua morte, dalli levando consigo estes homens entrou no porto de huma povoação, que se chama Turrubaia, no qual se vio com o senhor da terra, e levou consigo outro Portugues, per nome Antonio que alli estava dos da mesma companhia. Desta povoação navegou de longo da costa ate chegar a humas ilhas, a que pos nome de sancta Clara, por as achar no mesmo dia, alli sahio em terra, e ouve da gente a troco de algumas cousas que lhes deu arroz, inhames, milho, vacas, carneiros, e muita carne de veado, e porcos monteses do que tudo a muito naquella ilha donde partio aos xij dias do mes Doutubro, sem tomar porto ate o regno de Matatana, no qual desembarcou

em huma povoação, onde vieram ter com elle dous homens que mandara do cabo de São Lourenço per terra, que fallavão arabia, pera verem a ilha, e saberem o que nella avia, os quaes lhe dixeram que do lugar onde desembarcaram atte alli não virão outra nenhuma speciaria senam algum gengivre, que nascia de si mesmo sem o plantarem, e que acharão dous Mouros de Cambaia, que avia trinta annos que deram alli a costa, dos quaes souberam, que naquella parajem nam avia outra nenhuma speciaria. Daquelle lugar foi ter Diogo Lopez ao rio de Matatana, donde levou tres Portugueses dos da mesma companhia de João Gomez Dabreu, tomando dalli seu caminho ao longo da costa achcu muitas povoaçoens ate chegar a huma grande baia em que saem tres rios ao mar, e por ser em dia de sam Sebastiam lhe pos o nome do bemaventurado Sancto. Partido desta baia sem achar em toda a costa cousa de que se possa fazer mençam, fez sua derrota pera a ilha de Zeiland, mas por lhe o tempo nam servir arribou a Cochim, onde chegou aos xxj dias Dabril de M. D. ix, e foi mui bem recebido do Vicerei dom Francisco Dalmeida, que o agasalhou na fortaleza, e despachou em Agosto, que era ho tempo da navegaçam de Malaca, e por lhe parecer que levava pouca gente para hum tamanho negocio, lhe deu huma taforea com sessenta homens, capitão Garcia de Sousa, com que hia Fernão de Magalhaens, e Francisco Serram, dos quaes se trattara ao diante. Com estas cinco velas partio Diogo Lopez de Cochim aos xix Dagosto, e ahos xxj houve vista da ilha de Zeiland, donde começou atravessar o golfam para Malaca, e passando as ilhas de Niçar foi ter a cidade de Pedir, que he na ilha de Samatra, a que os Cosmographos chamam Taprobana, a qual he repartida em regnos de Mouros, e Gentios, que sam os de

Pedir, Pacem, Lira, Achem, Campar, Manamcabo, Zunda, Andraguir, e Aru, que he dentro no sertam povoado de Gentios muito barbaros, que quasi tem os costumes do Brasil, porque comem os homens que captivam na guerra. A nesta ilha de Samatra, em alguns lugares della, beijoim muito bom, e camfora, e muitas minas, e ribeiras em que se acha ouro, que se leva por mercadoria a outras partes, principalmente pera Malaca, a nella muitas, e grandes cidades rasas, de que as casas pela maior parte sam cubertas de colmo, ha gente della, assi Mouros, como Gentios fallam Mallaio, e tem quasi todos ho mesmo modo de viver, he toda ha ilha abundantissima de mantimentos, caças, e criaçoens, mui frequentada de estrangeiros, pelo grosso trato que nella ha. Chegado Diogo Lopez de Siqueira ao porto da cidade de Pedir, que tomou o nome do mesmo regno, e he ha principal da ilha, mandou visitar el Rei, e pedirhe licença pera o ir ver, do que el Rei se excusou, por estar muito doente, mandandosse desculpar per hum dos principaes de sua casa, ho qual em nome del Rei assentou pazes com Diogo Lopez, em sinal das quaes se meteo hum padrão das armas de Portugal em terra. Ho que concluido, e assentado Diogo Lopez se fez a vella, e foi ter a cidade de Pacem, que he o melhor porto de toda a ilha, vinte legoas de Pedir, que tambem tem o nome do mesmo regno, onde chegou aos seis dias do mes de Septembro, no qual lugar assentou com elle pazes, hum grande senhor dos da terra, em nome del Rei, e se pos ahi outro padrão, mandandolhe el Rei huma carta escripta em Arabigo de pazes, e amizade, pera el Rei Dom Emanuel. Desta cidade partio Diogo Lopes de Siqueira para a de Malaca, a qual chegou aos onze dias do mesmo mes de Septembro que naquelle tempo era a mais pros-

pera que se sabia em todo o mundo, porque avia nella mercadores tam ricos, e de tanto cabedal, que fallavão per bahares douro, que tem cada bahar quatro quintaes, dos quaes bahares alguns destes mercadores tinham entam dez, e doze: Esta situada na costa do regno de Siam, na boca de hum rio pequeno, era esta cidade neste tempo de huma legoa de comprido, muito estreita em comparaçam da longura em que avia mais de trinta mil vizinhos, he muito viçosa de fructas, e boas augoas, os outros mantimentos lhe vem de carreto, dizem que ha nella huma fructa de feiçam de alcachofres, tamanhos como cidras, a que chamão durioens, que sam de tam delicado, e suave gosto, que muitos homens estrangeiros se deixão alli ficar por respeito desta fruta, ainda que a terra seja doentia. O rio corta a cidade em duas partes, e pera serventia dambas tem huma ponte de madeira. A nella muito boas casas, algumas de pedra, e cal, as outras sam de madeira, cubertas de folhas de palma, o Rei he Mouro, e assi os naturaes da terra: tinha na cidade huns paços muito sumptuosos onde estava o mais do tempo. Esta gente Malaia he baça, a lingoagem delles he doce, e boa de tomar, são mui bemdispostos, e atabiados de suas pessoas, musicos, dados a boa vida, assi elles, como as molheres, com tudo na guerra são mui esforçados, e arriscados no que querem cometer. Vinhão a esta cidade naquelle tempo totalas naçoens de gente que a desno regno de Quiloa, mar de Arabia, Persia, ate China, Laqueos, e Luçoens, a que trazião totalas mercadorias que a naquellas provincias, que alli trocavam humas pelas outras, era tamanho este trato, e de tanto ganho que avia na cidade alguns mercadores que atravessavam cinco, seis naos, e tornavam a dar carga parellas aos mesmos de que compravão, do

que el Rei pelos continuos, e muitos direitos que recebia veo a ser tam poderoso que negou a vassalagem a el Rei de Siam, cujo sugeito era, ao que el Rei não acudia por ser tamanho senhor que quasi lhe não lembrava a perda daquella cidade, avendo nella tamanho trato, e tanta riqueza que quasi era sem numero o preço das mercadorias que nella entravam, e sahiam acostumadamente todos os annos. Com tudo algumas vezes tinham ambos guerra sobresta vassalagem, ho que el Rei de Malaca remedeava por meo de outros senhores seus vizinhos, e com dadivas, e emprestimos que fazia aos Governadores del Rei de Sião, e grandes presentes que lhe a elle mesmo muitas vezes mandava.

CAPITULO II

Do que Diogo Lopez de Siqueira fez depois destar surto no porto da cidade de Malaca, e da treizã que lhe ordenaram, e do que lhe mais aconteeo ate chegar a Lisboa.

No mesmo dia que Diogo Lopez de Siqueira surgio no porto de Malaca ho vieram visitar os capitaens de quatro juncos da China, com os quaes tomou tanta familiaridade, polos achar homens quasi do modo da gente da Europa, que foi muitas vezes aos seus juncos folgar, e comer com elles, e o mesmo fazião tambem os Chins, nas nossas naos, o que durou todo o tempo que esteve naquelle porto, ao qual em chegando vieram loguo a bordo alguns dos officiaes del Rei (que se chamava Mafamedé) dos que tem cargo de receber direitos, e

ancoragens a saber que gente era, e ho que queriam, e donde vinham, do que informados se tornaram pera terra, dando aviso a el Rei, que alli entam estava, e a hum seu tio, que ho governava, e era Regedor da cidade, a que chamam Bendara, do que elles levaram muito contentamento, por verem gente de tam longe, e de tam desacostumado trajo, e de que esperavam proveito, pelo que mandarão as naos alguns homens nobres visitar o capitão, e offerecerlhe todo o bom despacho, e gasalhado que lhe cumprisse, continuando de hum parte, e da outra estes recados, assentarão que Diogo Lopez saísse em terra pera se ver com el Rei pera ho que se fez grande apercebimento, com que os principaes da cidade, e corte ho vieram receber a praia donde foi levado sobre hum Elephante, muito ajaezado, aos paços del Rei, que o recebeo presente ho Bendara, com muitas ceremonias, ao seu modo, e depois de Diogo Lopez lhe dar as cartas que levava del Rei, e fallar hum pedaço, ho tornou a despedir com o mesmo aparato, começando daquelle dia por diante tratar per terceiras pessoas de paz, e amizades, do que se fizeram contratos assinados, e assellados por el Rei, e pelo Bendara, e principaes da corte, e cidade, jurados na sua lei, e o mesmo fez Diogo Lopez sobre os sanctos Evangelhos, o que assentado deram huma casa na cidade, pera nella Rui Daraujo, que hia por feitor, com os outros officiaes estarem negociando o que cumprisse no despacho darmada, começando logo os nossos de ir a cidade a comprar, e vender com os da terra, com tanta seguridade como se estiveram em Cochim, ou em Cananor o qual desmancho vendo os capitaens Chins, dixeram a Diogo Lopez que se nam fiasse tanto daquelle gente Malaia porque naturalmente erão tredores, cobiçosos, e envejosos. Mas Diogo Lopez

vendo o grande gasalhado que recebera del Rei, e o que estava assentado per seus contratos, não lançou muito mão deste conselho, porque não tão somente deixava ir a nossa gente a terra com a soltura acostumada, mas ainda muito seguro deixava entrar em totalas naos hos Malaaios, e todo outro mercador estrangeiro, tanto sem receo, como se estivera ancorado diante da cidade de Lisboa. Durando esta amizade, e familiaridade alguns mercadores Iaos, e outros Guzarates tiverão modos, e meos de darem a entender a el Rei que eram os nossos ladroens, cossairos, do que tinham dadas mostras per toda a India, destruindo os lugares em que os recebiam como amigos, fazendo guerra per toda a provincia, de maneira, que os que melhor ficavão de partido erão aquelles que lhes consentião fazer fortalezas, com as quaes ficavam senhores absolutos das cidades, e villas, que lhes pera isso davão lugar, usando tantas tyrantias, quantas se ao mais podia cuidar, nem imaginar de nenhuma outra nação do mundo, por barbara que fosse. Os autores principaes destas informaçoes forão hum Xabandar dos Guzarates, que he como capitão, per nome Nahodabeguea, e hum filho de hum Iao, per nome Vtetimutaraja; o mais poderoso homem de Malaca, depois del Rei, porque alem de ser muito rico, tinha de seu na mesma cidade mais de seis mil escravos casados, afora outros muitos solteiros. Estes tratos começaram de ordir com Bendara tio del Rei, que por ser tyranno, e muito cubiçoso com dadivas, e peitas que recebia, e sperava destes, como cabeceiras dos outros Mouros, induzio el Rei a crer o que dição dos nossos, aos quaes crimes juntos o odio que naturalmente esta gente tem ao nome Christam, contra parecer de Lasamana que era Almirante, e de Tamungo que era veador da fazenda del Rei, con-

cluíram de em hum banquete matarem Diogo Lopes, com os principaes da frota, pe lo que o mandou el Rei logo convidar. Este banquete avia de ser em huma grande casa de madeira que el Rei pera isso mandou concertar junto da ponte, no qual tempo huma Moura Perseana, que tinha estalajem na cidade, mandou dizer a Diogo Lopez, per hum Duarte Fernandez alfaiate, que pousava em sua casa, e sabia a lingoa Persia, que lhe queria fallar em segredo, em cousas que lhe muito importavam, pera o que ella mesma iria a sua nao de noite, por nam ser vista dos da cidade, se lhe elle desse pera isso licença. Deste recado que a Perseana mandou per tres vezes, zombava Diogo Lopez, dizendo que tinha alguma filha fermoza, ou amiga, que lhe queria dar, mas Deos, que guiou os nossos aquellas partes, pera se nellas conhecer a sua sancta Fe, os quis guardar da traição que lhes estava ordenada inspirando naquella Moura per tal modo, que posposto todo o perigo que lhe de tal caso podia vir o descubrio ao alfaiate, mandando por elle dizer a Diogo Lopez, que não fosse ao banquete, porque el Rei tinha assentado de o matar, com todolos que consigo levasse. Diogo Lopez com esta nova, e com a pouca fe que lhe os Chins dixerão que avia naquella gente, dissimulou, fazendosse doente no mesmo dia que estava ordenado o convite. El Rei, e o Bendara entre tanto que se fazião os apercebimentos do banquete dissimulavão com a entrega das speciarias, que Rui Daraujo tinha compradas, e outras de que dera sinal, mas como virão que pela má disposiçam que Diogo Lopez fingio, o trato que ordenavão se lhes danara, buscarão outro modo mais dissimulado, que foi mandarlhe dizer, que fizesse logo vir todolos bateis a terra para lhe darem algumas speciarias, que mandarão tomar aos mercadores, que lhas venderão, por

serem informados que não comprião com o que lhe tinham prometido, o que faziam por lhe darem avia-mento, e se lhe nam passar o tempo da navegação para a India, que seu desejo era mostrarlhe a vontade que tinham de o favorecer, e cumprir com o que lhe tinham prometido per seus contratos. Diogo Lopez parecendolhe que era isto assi mandou todos os bateis a terra, sem ficar narmada mais que o da taforea por lhe estarem calafetando a cuberta, e servia de ir, e vir a terra buscar cousas necessarias. Antes del Rei, e o Bendara mandarem este recado a Diogo Lopez ordenaram que em muitos navios ligeiros da terra a que chamam manchuas, lancharas, calaluzes, e baloens, se metessem armas, arcos, frechas, por lastro, e per cima muitos mantimentos, e homens de guerra, vestidos em trajos de mercadores acostumados a vender cousas semelhantes, dos quaes erão capitães o filho de Vtetimutaraja, e Nahodebeguea ambos conjurados pera matarem Diogo Lopez, e quantos dos nossos achassem na frota, o qual feito avião de cometer como lhe da cidade dessem sinal com hum grande fumaça. Isto ordenado, ao outro dia em amanhecendo que era o tempo em que Diogo Lopez dixe que mandaria buscar a carga, por lhe darem o recado no dia passado ja sobela tarde, tendo os Malaios feito abalar os bateis para terra, sairão donde estavam com dissimulaçam de irem vender mantimentos a frota, e muito de seu vagar se forão pera as nossas naos, perguntando se queriam comprar refresco da terra, chegandosse a bordo de cada hum das naos, tantos quantos pera isso ja vinhão ordenados, os nossos como ouviram fallar em refresco, bradaram que se chegassem, o que davam tam barato, e tão de graça, que cuidaram serem vilões de algumas aldeas, longe de Malaca, que lhe ven-

dião aquillo pelo preço que ho davam aos regatoens da Cidade, de maneira que embebidos no bom mercado, de tudo o que aquelles soldados traziam os deixavam sobir as naos sem nenhum receo, nem suspeita, dos quaes entrarão tantos na Taforea, que se agastou Garcia de Sousa capitão della, e os lançou fora as chuçadas, mandando logo recado a Diogo Lopez de Siqueira, per Fernão de Magalhaens, que olhasse como estavam cercadas todalas naos de barcos da terra, e a sua mais que todas, que visse o que lhe cumpria porque o negocio lhe não contentava. Chegado Fernão de Magalhaens a nao, achou Diogo Lopez muito descansado, sem lhe alembrear o aviso do banquete jugando ao enxadres, cercado de oito Malaioes, de que os dous eram o filho do Vtetimutaraja e Nahodabeguea, o qual em ouvindo o recado, dixe ao contramestre muito seguro, sem deixar o jogo, nem lhe parecer que podia aquillo ser assi, que sobisse a gavea a ver se vinham os bateis que foram a terra buscar as speciarias. Dado o recado Fernam de Magalhaens se tornou para a taforea por lho assi dizer Garcia de Sousa que ficava nella com muito pouca gente, o contramestre em chegando a gavea vio estar hum dos Malaioes que era o filho de Vtetimutaraja, detras de Diogo Lopez com hum cris meo arrincado, e que outro Malaio que estava defronte deste lhe acenava que o não fizesse, como que lhe dizia que não era ainda tempo, por não verem o signal da fumaça. Diogo Lopes e o que com elle jugava estavam tam embebidos no jogo que não vião nada e tão descuidados, que sem terem nenhum Portugues apar de si se deixavam estar cercados de oito homens que não conheciam, e em terra onde ja sabião que lhes andavão ordenando a morte. Mas tornando ao contramestre, em vendo o que passava bradou da

gavea, ao que se Diogo Lopez alevantou, pedindo armas, mas antes que lhe acudissem, os Malaios se lançaram aos barcos, e se foram pera a cidade a seu salvo, e o mesmo fizeram os que estavam nas outras naos. Os da terra como o fogo, que havia de fazer o sinal da fumaça, começou de arder, derão nos nossos, que andavam muito seguros espalhados pela cidade, matando todolos que podião, de que se salvarão vinte na casa em que Rui Daraujo estava. Francisco Serrão que andava na cidade com alguns outros se acolheu ao batel da nao de João Nunez, per quem Diogo Lopez soube o que passava, sobelo que teve conselho em que ouve pareceres que devia fazer guerra a cidade, e queimar as naos que estavam no porto (as dos Chins excepto) mas o parecer de Diogo Lopes de Siqueira, e dos mais foi que visto como lhe faltava muita gente, e que em poder dos imigos ficavam dous bateis, que tomarão na praia, que se devião logo fazer a vela e andar pairando as voltas, pera verem se per algum partido poderião aver Rui Daraujo, e os mais Portuguezes, o que se logo pos em obra. O Bendara vendo desferir a nossa frota, temendo que na barra do porto, e ao sair fizessem danno as naos que ahi estavam, e as que viessem pera a cidade, se foi logo pera casa onde ainda estava Rui Daraujo defendendosse dos que o tinham cercado, e fingindo que o negocio se começara sem el Rei, nem elle serem disso sabedores, deu sua fe a Rui Daraujo, e o tomou em sua guarda, ficandolhe por fiador do mesmo Bendara hum mercador muito rico, per nome Ninachatu gentio que favorecia muito os nossos, o que feito, mandou o Bendara recado a Diogo Lopes, excusandosse que de tudo o que se fezera, el Rei, e elle erão sem culpa, que lhe pedia que tornasse pera cidade, que lhentregaria Rui Daraujo,

e todos os outros Portuguezes que escaparam da furia dos Guzarates, e Iaos, que foram authores daquella treição, os quaes castigarião do modo que elle quisesse, e lhe darião toda a carga despeciarias que lhe fosse necessaria, Diogo Lopez lhe respondeo que se lhe mandasse Rui Daraujo, e os mais Portuguezes, que tornaria a entrar no porto, ao que el Rei, e o Bendara replicaram que tornasse a entrar, que tudo se faria como elle quisesse; mas vendo que erão manhas pera o acolherem, e poerem em obra a treição que desejavão affectuar lhes mandou dizer que guardassem bem os Portuguezes que tinham presos, porque antes de muitos dias elle tornaria a lhes pedir conta delles, e tcmar a vingança do erro que cometeram, e porque de todo se passava o tempo da navegação perá India, per parecer dos capitaens, pilotos, e mestres da frota, sem mais sperar seguio sua viagem, na qual ate chegar a ilha Polvoreira, que he quarenta legoas de Malaca tomou com muito trabalho dous juncos, hum delles carregado de arroz, sandaló aguila, e canella da Iaoa, e o outro de outras mercadorias, que hião ambos pera Malaca. Na Polvoreira mandou queimar o navio de Gonçalo de Sousa, por não ter gente pera o marear, e dalli foi ter a Travancor, no mes de Janeiro, de M.D.x, que he hum porto no cabo de Comori, com a nao de Hieronymo Teixeira menos, porque se perdeu em huma enseada, com tudo ha gente se salvou, e a mor parte do que hia nella, e por elle ir por sota capitão lhe deu a de João Nunez. Em Travancor soube como dom Francisco Dalmeida era partido pera o regno, e que governava Afonso Dalbuquerque, e porque no tempo que estivera em Cochim, foram as mais das desavenças que ouvc antre elles, nas quaes Diogo Lopez se mostrou pelo Vicerei, temendosse que Afonso

Dalbuquerque o tratasse mal mandou dalli Garcia de Sousa, pera Cochim, com a Taforea, e Hieronymo Teixeira na nao que lhe dera, avisandoo per suas cartas do que passara em Malaca, e elle se fez dalli a vella a xxvij Dabril, donde veo ter a ilha terceira, e dahi ao porto de Lisboa no mesmo anno de Mil, e quinhentos, e dez.

CAPITULO III

De como Afonso Dalbuquerque partio de Cochim com tençam de ir de novo fazer guerra a el Rei de Ormuz, e como per conselho de Timoja foi sobre Goa, e do sitio da ilha, e cidade, e calidade da terra, e gente della.

DESPACHADAS todalas naos que neste anno de Mil, e quinhentos, e dez partiram pera o regno, Afonso Dalbuquerque desejoso de fazer guerra a el Rei de Calecut, mandou sobrisso huns apontamentos a el Rei de Narsinga, per frei Luis da Ordem de São Francisco, o qual despedido determinou de ir outra vez sobre Ormuz, dando cor que queria fazer humo fortaleza na boca do mar de Arabia, e de caminho deixar algumas naos a Duarte de Lemos, que era capitão daquella costa, pera o que armou vinta tres velas, em que entravão dezoito naos de que a fora elle erão capitaens, dom Antonio de Noronha, Fernão Peres Dandrade, George da Sylveira, Aires da Sylva, Francisco Pantoja, Duarte de Mello, dom Hieronymo de Lima, Francisco Pereira Coutinho, Bernaldim Freire, Emanuel de Lacerda, Francisco de Sousa Mancias, George da Cunha, Francisco Corvinel, Luis Coutinho, Hieronymo Teixeira,

Garcia de Sousa, e Ioam Nunez, e duas galés, de que eram capitaens Simão Dandrade, e Diogo Mendez, e hum bargantim de que era capitão Simão Martinz, e duas caravellas, de que erão capitaens Antonio da Costa Pacheco, e George Fogaça, em que iriam ate dous mil soldados Portugueses, afora Malabares de Cochim, e Cananor. Com esta armada partio Afonso Dalbuquerque de Cochim no fim de Janeiro, deixando por capitão Antonio Real, que era alcaide mor da fortaleza, e patrão da ribeira: o primeiro porto que tomou foi o de Cananor, onde deixou por Alcaide mor da fortaleza Diogo Mendez, e a sua galé deu a Diogo Fernandez de Beja. De Cananor foi ter a Batticalá, no qual lugar tomou duas naos de mouros de Meca, que vendeo com a carga, que tinham, a mercadores da mesma cidade. Estando pera partir deste porto lhe veo falar Timoja em hum ilheo que está ao mar de Onor, e lhe dixe, que se espantava muito de se ir naquelle tempo, e com huma tal armada ao mar Darabia fazer fortalezas, segundo se dizia, tendo a ilha, e cidade de Goa tão vezinhas, onde estavam fazendo por mandado do Çabaim Dalcão senhor della vinte naos de castellos, como as nossas, de que as cinco estavam ja acabadas, afora outra muita fustalha, que toda seria prestes antes de dous meses, pera com ella, e muita artelharia que mandara fazer, e mais de mil Turcos que tinha a soldo, e com os da terra guardar toda aquella costa, e vir sobre Cochim, e Cananor, que seu conselho era que antes que se esta armada lançasse ao mar desse na cidade, e a tomasse, o que poderia fazer facilmente, por quanto o Çabaim dalcão andava occupado na terra firme em guerras contra alguns seus vassallos que se lhe rebelarão depois da morte do Çabaio seu pay, e levara consigo a mor parte da gente que tinha em

Goa, para o qual negocio se lhe offerecia, e pedia que nelle lhe desse a dianteira pera poder milhor mostrar a vontade, e desejos, que tinha de o servir. Desta pratica deu Afonso Dalbuquerque conta aos capitaens, cujo parecer, e voto, no conselho que sobrisso tiverão foi, que era cousa mui necessaria ao serviço del Rei, e assossego dos negocios da India tomasse Goa. O que assi assentado, Afonso Dalbuquerque por satisfazer Timoja, em lugar da dianteira, lhe mandou que fosse per terra sobela fortaleza de Cintacorá, onde estava hum capitão do Çabaim com gente de guarnição, o qual se partio logo, mandando aos que ficavão na sua armada (que era de quatorze navios de remo bem artilhados e equipados) que o fossem sperar ao cabo da Rama. Despedido Timoja, Afonso Dalbuquerque fez rosto sobela cidade de Goa, na barra da qual foi ancorar hum dia depois de vespera, onde veo ter com elle Timoja, com ja deixar a fortaleza de Cintacorá destruida, e queimada e mortos os mais dos que nella estavão. Esta cidade de Goa he situda em huma ilha que tambem se chama Goa, donde a cidade toma o nome, a ilha chamão os Canarins naturaes da terra Ticuari, esta antre dous braços de um grande rio a que os da terra chamam Pangim, sera de sete, ou oito legoas de roda, a qual ilha com algumas terras no sertão deu el Rei de Dacam, cujas erão a hum seu criado per nome Çabaio em satisfação de sens serviços, a condição que fezesse per aquella parte, a sua propria custa, guerra aos Reis de Narsinga, quando a elle com elles tivesse. Per falecimento deste çabaio soccedeo na herança çabaim dalcão seu filho, que no tempo que Afonso Dalbuquerque chegou a ilha (como fica dito) andava no sertão fazendo guerra, no qual tempo era ja Goa cercada de muros, e baluartes, e avia nella muitas

bombardas, e outras armas, e muitas, e mui fermosas casas de pedra, e cal, era habituada de Mouros, e Gentios, naturaes da terra, de que alguns erão mercadores, e doutros estrangeiros, que alli vinhão viver, pelo muito trato que nella avia, o que causava o bom porto que tinha, e bons ares, e trescura da terra. Allem destes vivião nella muitos cavalleiros, naturais da mesma ilha, ricos, e abastados, que sentretinhão de suas heranças, e soldo que ganhavão no tempo da guerra. A ilha he mui fertil de sementeiras, fructas, arvoredos de palmares, arequaes, e outras arvores, e muy viçosa dortaliças, fontes, e poços dagoa muito boa, com muitas quintas, pumares, hortas, e heranças que lavrão, e aproveitão os gentios naturaes a que chamão Dacanís : colhesse nella muito gergelin, de que fazem azeite, que abasta a terra, e se vende para fora, he de grandes criaçoens de vacas, bufaros, porcos, e outro gado, e de muitos, e bons pescados, allem do que a hi muitas mesquitas, e outras casas doração ao seu modo, dellas mui sumptuosas, e que tem muita renda. Desta ilha faziam o Çabaio, e seu filho muito caso, e a tinham em tanto que nenhum homem entrava nella que não fosse registado, e scriptos todos os sinais que tinha no corpo, e o lugar donde era, e o nome de seu pai, e mãe, pera o que avia officiaes em Pangim, Agacim, Benestarym, Gondalim, e Dauguim, que sam cinco passos, per onde se entra na ilha, na qual depois de ser nossa, em hum homem desfazendo os alicerces de humas casas achou hum Crucifixo de metal, que Afonso Dalbuquerque mandou levar a egreja com procissam solemne, e o mandou depois a el Rei dom Emanuel, que he sinal que ouve ja naquelia ilha Christãos, como os ainda agora á em outras partes da India. Mas tornando ao que se fez depois que surgio, a primeira cousa foi

mandar logo dom Antonio de Noronha seu sobrinho em huma fusta, e Simão Dandrade na sua gale, e Simão Martins no seu bargantim, e George Fogaça, Hieronymo Teixeira, George da Sylveira, João Nunes, e Garcia de Sousa nos seus bateis, pera darem em hum baluarte, que esta na ilha abaixo de Pangim, e com elles o piloto darmada em outro batel, pera ir diante sondando o rio, e lhe trazer recado se avia fundo pera as naos poderem entrar. Allem destes mandou a Timoja, que fosse no mesmo tempo dar em outro baluarte que esta na terra firme, os quaes elles ganharam ambos, e queimaram com assaz de resistencia. O que feito foram sobella villa de Pangim, onde se recolhera Miliqui Cufgurgi, do Baluarte que tomou dom Antonio, mal ferido de huma setada que lhe passou huma mão pelo meo da palma, o qual vendo o pouco animo dos seus, e que estavam ja os nossos defronte da fortaleza pera sairem em terra mandou aos em que mais confiava que se fossem pera onde os bateis estavam, pera defenderem aos nossos que não saissem em terra, e elle sem disso dar conta a ninguem, se acolheo pera cidade. No desembarcar teve dom Antonio, e os da companhia algum trabalho, com tudo elles desembarcaram a pesar dos imigos, e os fezerão recolher pera dentro, e varar pela porta do sertam. Ganhada a villa de Pangim, dom Antonio fez logo tirar as armas, artilharia, e mantimentos que se nella acharam, e lhe fez poer o fogo, e do que lhes acontecera mandou o piloto darmada com recado a Afonso Dalbuquerque, e por ja ser noite nam quis passar adiante. Sabido per Afonso Dalbuquerque o que dom Antonio, e Timoja tiuham feito mandou que entrassem pelo rio todolos navios muito pequenos, e se fossem pera onde estava dom Antonio, e porque o tempo

não servia pera poderem entrar as naos, posto que o rio pera isso tivesse fundo, elle se meteo na gale de Diogo Fernandez de Beja, e se foi para o lugar em que estava dom Antonio, e os outros capitaens, onde pois de surto vierão ter com elle alguns Mouros de Dio, dizendolhe como estavam naquella cidade fazendo seus negocios, que pedião a sua senhoria os quizesse tomar em sua guarda, pois erão vassalos del Rei de Cambaia, e de Miliquiaz, amigos, e confederados del Rei de Portugal: Afonso Dalbuquerque os seguiu, e sabendo delles a disposiçam da cidade, e pouca gente de guerra que nella então estava, e como antre os Regedores, e Cidadãos avia differenças, porque os mais estavam dopinião de se lhentregar, lhes mandou alguns destes Mouros com recado, que se o quisessem receber na cidade lhes guardaria todas suas liberdades, e deixaria viver cada um em sua lei, e quitaria a todos a terça parte dos tributos que pagavão ao Çabaim dalcão, sobelo que ouve muitos recados de huma, e da outra parte, de que a principal pessoa dos da cidade que andava nestes negocios se chamava Mirale, com quem Afonso Dalbuquerque assentou as pazes, em que franqueava, e libertava todos os naturaes da terra, mercadores, Mouros, Canarins, e Bramanas, posto que fossem estrangeiros, do modo que lho mandara prometer, mas que isto se não entenderia na gente de guerra, de qualquer nação que fosse, porque dos bens, e pessoas destes que achasse na cidade faria o que lhe aprouvesse, do que os da cidade por mais não poderem forão contentes. Nos quaes concertos não querendo consentir Miliqui cufgorgi, que de Pangim se acolhera a cidade, pera a defender, se foi com alguns soldados pera fora da ilha, e dahi pera o Çabahim dalcão, a lhe dar conta do que passava em Goa.

CAPITULO IV

De como Afonso Dalbuquerque foi recebido pacificamente na Cidade de Goa, e do que fez ate o Çabaim dalcão o vir cercar.

FEITOS, e concluidos estes contratos, que foi aos xvj de Fevereiro do mesmo anno de M. D. x. logo ao dia seguinte entrou Afonso Dalbuquerque na cidade de Goa, onde foi recebido dos Regedores, e povo, com muita solemnidade, e lhe foram entregues as chaves, pera della fazer como de cousa que de todo se submetia a obdiencia del Rei dom Emanuel, no qual dia destribuiu a guarda da cidade per estancias, o que feito começou de entender no modo que teria na governança della, e da ilha, o que fez per conselho, e parecer dos naturaes da terra. Nesta cidade, e per toda a ilha achou Afonso Dalbuquerque muitos mantimentos, e cavallos da Persia, e Arabia, de que nas estrebarias do Çabaim achou cento, e sessenta, e nos seus almazens, e outras partes da cidade quarenta bombardas grossas, e cincoenta e cinco falcoens, que elle mandara fazer, e seis berços com as spheras, e armas de Portugal, e duzentos espingardoens, e muitos pilouros de bombardas, polvora, breu, estopa, azeite, alcatrão, aço, ferro, cobre, armas, e outras muniçoens necessarias pera armada que fazia, de que as mais das naos, e outra fustalha estavam ainda em estalleiro. Na qual armada, em que avia quarenta naos grossas, e desazeis bargantins, pos Afonso Dalbuquerque grande guarda, por lha nam queimarem os da terra, no que andando occupado, lhe foi fallar hum moço gentio, per no-

me Crisna, que veo depois a este regno, e se tornou mui satisfeito das merces que recebeo del Rei, este era filho doutro gentio, do mesmo nome, que fora rendeiro das alfandegas de Goa, a que chamão tanadarias, e lhe deu huns appontamentos, em que se continha o rendimento das alfandegas de toda a ilha, das quaes a da cidade, valia cadanno vinte, e cinco mil pardaos douro e as das ilhas annexas a ella quinze mil, e os almoxarifados, ou tanadarias da terra firme, que eram Barde, Coste, e Antruz sessenta, e cinco mil, de maneira que valia naquelle tempo toda a massa da ilha e terra firme deste senhorio cem mil pardaos douro, o que Afonso Dalbuquerque dixe em conselho a todos os capitaens, e gente nobre da frota declarandolhes que tamanha cousa, e tão importante ao serviço del Rei, não se devia deixar, que sua tenção era ficar alli aquelle inverno, pera assegurar a terra, que aquem quer que isto apparecesse mal se podia ir pera onde lhe aprouvesse: mas na companhia não ouve nenhum que por entam dicesse o contrario. Pelo que repartio logo as capitancias dos passos per pessoas de confiança, mandandolhes, e assi os tanadares que nam entrasse ninguem na ilha sem se fazerem os mesmos exames que se fazião em tempo do Çabaio, e do Çabaim dalcão, seu filho, e a capitania da cidade deu a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, e alcaidaria mor a Gaspar de Paiva, e a feitoria a Francisco Corvinel, e elle se apousentou nas casas do Çabaim dalcão, onde achou muitas molheres suas, e moças nobres virgens, em que mandou poer grande guarda, com tenção de as casar com Portugueses, pera deste modo povoar, e pacificar a terra, como depois fez, e assi proveo logo nos officios da cidade. Nas tanadarias pos officiaes Mouros, e Gentios, dando a cada hum seu scrivão, e quinhem-

tos piães da terra, pera os defender dos que lhe impedissem o recebimento das rendas, nos quaes officios não quis por entam aventurar nenhum Portuguez pelo perigo que nisso podia aver. Assentadas assi estas cousas, e outras que cumpriam a guarda da ilha, e governo da terra, determinou de mandar Gaspar Chanoca por embaixador a el Rei de Narsinga, com alguns apontamentos, dos quaes os mais sustanciaes, era pedir-lhe licença para fazer huma fortaleza, em Baticalla, mandandolhe pelo mesmo embaixador doze cavallos Arabios, e Persios muito fermosos, e bem ajaezados, e outro presente a el Rei de Vengapor, per cujas terras avia de passar, pedindo-lhe licença pera naquella cidade poder mandar comprar duzentas sellas, e cubertas de cavallos, polas alli tazerem muito boas, do que se el Rei excusou, dizendo que não podia dispensar nisso sem licença del Rei de Narsinga. Desta cidade Vengapor foi Gaspar Chanoca ter a de Bisnaga, onde achou el Rei de Narsinga, de quem foi recebido com solemnidade de embaixador, e mostrou contentamento de os nossos terem tomada Goa mas esta vontade se lhe mudou depois como se vio na muita tardança que teve em o despachar, e não tambem como esperava. Em Goa achou Afonso Dalbuquerque hum criado del Rei de Ormuz, e outro do Xequé Ismael, que alli mandarão a negociar algumas cousas que lhes cumprião com o Çabaim, aos quaes fez muita honra, e despedio mui contentes, mandando com o do Xequé Ismael Rui Gomez de Carvalhosa, e Frei Ioão da ordem de sam Domingos com recado ao Xequé Ismael do que tinha feito em Goa, e lhes deu alguns apontamentos pera tratarem com elle a cerca das cousas de Ormuz, mas esta embaixada nam ouve effeito, porque Cojeatar, a quem os Afonso Dalbuquerque endereçara per

suas cartas, com outra pera el Rei de Ormuz, nam tam somente nam quis que passassem adiante, mas ainda mandou matar secretamente com peçonha Rui Gomez, e Frei Ioam se tornou pera India. Afonso Dalbuquerque depois que entrou em Goa em nenhuma outra cousa entendia se nam em mandar fortalecer a cidade, e acabar as naos que estavam em estaleiro, tudo a custa do dinheiro que rendião as tanadarias nas quaes parecendolhe que tinha tudo seguro, começou de poer officiaes da nossa gente baixa, porque dos honrados nam ousava ainda daventurar nenhum. Timoja como era homem pratico, e de negocio, vendo quanto mais segura estava Goa do que o elle nunca podera cuidar, arrendou estas tanadarias por sessenta mil pardaos forros para el Rei. Andando assi Afonso Dalbuquerque occupado nestas cousas de serviço de Deos, e del Rei, o começaram a desinquietar com requerimentos, Hieronymo Teixeira, Luis Coutinho, George da Cunha, e Francisco de Sousa Mancias, dizendo que Goa se nam podia soster, e que ficar alli aquelle inverno era contra toda boa razão, os quaes de mistura com Estevão Baião, e George de Figueiredo induzirão mais de novecentos Portuguezes, a se amotinarem contra Afonso Dalbuquerque, dizendo, que se determinava ficar alli o inverno, que o avião de deixar, e irse pera Cochim, e outras palavras de desprezo, que os da terra ja começavam a entender, pelo que Afonso Dalbuquerque deu huma noite na casa em que se faziam estas conjuraçoens, onde prendeo muitos destes, os quaes logo soltou por ter delles necessidade, com lhe prometterem de o acompanharem em tudo o que cumprisse a serviço del Rei, segundo lho elle mandasse. Mas os quatro capitaens se tiveram sempre por agravados, pelos não deixar ir com suas naos pera Cochim, do

que importunado, deu licença a Hieronymo Teixeira, mandandolhe que de caminho levasse consigo duas naos de Mouros carregadas darros, e açúcar que mandara tomar no porto de Baticala, per George da Sylveira, Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade seu irmão, e Francisco Pereira Coutinho, que ainda ahí estavam, o que Hieronymo Teixeira fez, mas George da Sylveira contra a fe, e promessa que fezera a Afonso Dalbuquerque de invernar com elle em Goa, se foi em companhia de Hieronymo Teixeira para Cochim. Entre todos estes trabalhos, pera mor contentamento dos naturaes da terra lhes quitou Afonso Dalbuquerque hum tributo novo, que lhes o Çabaio posera, e mandou fazer moeda douro, prata, e cobre de melhor lei que a que usavam, em que mandou poer os cunhos da moeda de Portugal. Estando as cousas de Goa nestes termos, lhe screveo Mandaloi, senhor do Condal, que tinha nova certa que o Çabaim dalcão se fazia prestes pera vir sobre Goa, e que todos os senhores das terras vizinhas erão da sua parte, os quaes por saberem que elle era seu servidor, o aviam de destruir. Pelo que lhe pedia que pera se defender, e poder ter suas terras por el Rei de Portugal, lhe mandasse alguma gente, porque se o nam fizesse, se tinha por perdido. O qual socorro se assentou per todos, que se lhe mandasse logo, e por capitão George da Cunha com sessenta Portugueses de cavallo, e em sua companhia Menaique, e Miliqui cufcondal, com quatro mil soldados Canarins, que avião dir todos per terra, e por mar mandou Diogo Fernandez de Beja, com a sua gale, e Afonso Pessoa, em ha fusta, e Antonio Dalmada em hum parao, com regimento que em chegando onde estivesse Geoege da Cunha lhe obedecessem. Com o qual depois de chegada a ilha de Divarri veo ter aos xxiiij

dias Dabril hum Canarim natural de Goa, que lhe dixe como as terras de Banda, e do senhor de Condal eram chegados dous capitaens do Çabaim dalcão, com muita gente, pera entrarem a ilha de Goa, do que George da Cunha avisou Afonso Dalbuquerque, que pera disto ter mais certa informaçam mandou Diogo Fernandez de Faria, a quem por ser muito esforçado cavalleiro dera o officio de Adail de Goa, que fosse com doze de cavallo, e mil pioens Canarins a terra firme, para tomar lingoa, no que correo grande risco, porque foi dar de noite com gente do Çabaim dalcão, do que escapou com muito trabalho, atte se acolher a ilha. O que sabido per Afonso Dalbuquerque, mandou recado a George da Cunha, que pois a gente do Çabaim dalcão ja entrara nas terras de Condal, que se tornasse pera Goa, porque tinha por nova certa serem tantos, que per nenhum modo lhes poderia resistir, contra o qual exercito se começou daperceber, provendo nas cousas que cumprião a defensam da cidade e guarda dos passos da ilha.

CAPITULO V

De como o Çabaim dalcão veo sobre a ilha de Goa, e do que se fez ate que Afonso Dalbuquerque deixou a cidade, e se recolheo a frota.

SABIDAS pelo Çabaim dalcão as novas da tomada de Goa, fez loguo tregoa com esses senhores a que andava fazendo guerra, e com todo o exercito que tinha, e mais gente que ajuntou se veo a cidade de Bilgam que esta situada junta da serra do Gate contra Goa, donde mandou hum seu capitão Turco, per nome Pulatecão com gente de pe e de

cavallo pera lhe poer cerco. Afonso Dalbuquerque, como teve aviso da vinda do Cabaim dalcão, começou de aperceber, dando ordem ao que cumpria a guarda da cidade, e passos da ilha, aos quais mandou por capitaens ao do vao que se agora chama seco, ou Gandalim, na lingua Malabar, Francisco de Sousa Mancias, e Francisco Pereira Coutinho com mil homens da terra, onde mandou fazer huma tranqueira, em que pos toda a artelharia, e muniçoens necessarias, e pera mais segurança lhes deu hum navio pera estar da banda da terra firme bem artilhado, com oitenta soldados Portuguezes, do capitão do qual nam pude saber o nome. A guarda de Benastarim deu a Garcia de Sousa onde se fez outra tranqueira como a do passo do vao, e no mar pos pera segurança do passo, Aires da Sylva no seu navio. A guarda de Aguacim deu a Lopo Dazevedo, natural Dalanquer com alguma gente de pe, e de cavallo, e pera guarda do rio, por ser largo, pos no mar Fernão Perez Dandrade, e com elle Luis Coutinho no seu navio, e Diogo Fernandez de Beja na sua gale. Entre Benastarim, e Aguacim, mandou que estivesse Simão Dandrade, com outra gale, e Simão Martinz na sua galeota, e Bernaldim Freire, e Pero Dafonseca, cada hum em seu batel. A guarda da praia de Goa, a velha deu a George da Cunha, com sessenta de cavallo Portuguezes, e piaens da terra, de que era capitam hum Canari muito valente soldado, per nome Menaique, de quem no capitulo atras fiz mençam, e elle ficou na cidade com os outros capitaens, e Timoja que era vindo das tanadarias da terra firme, por quanto a gente de Pulatecão andava ja naquella comarca, e da sua que trazia a soldo lhe fogira a mor parte, pelo que se acolheo a Goa, com algum dinheiro das rendas das tanadarias, que entregou a Afonso

Dalbuquerque. Pulatecam depois de ter segura a terra firme, se veo lançar com todo seu exercito de fronte de Benastarim, detras de hum outeiro, no qual dahi a tres, ou quatro dias virão os nossos estar hum homem com huma bandeira branca, ao que Garcia de Sousa mandou responder com outra do mesmo theor, o qual deceo logo a praia, e dixe aos nossos que era Portugues, e se chamava João Machado, hum dos degradados que Pedralvrez Cabral lançara em Melinde, donde fora ter a Dio a soldo de Miliquiaz, e dahi ao serviço do Çabaio, depois da morte do qual ficara com o Çabaim dalcão seu filho, que cuidando que era Turco lhe dera hum capitania de gente branca, e que ainda que andava tornadiço antre aquella gente elle era Christão na vontade, e por ser Portugues lhes vinha dar aviso pera que soubessem o que aviam de fazer, porque o Çabaim tinha mais de quarenta mil homens de pelleja, em que entravão muitos Turcos, e outras naçoens, e muitas bombardas, e muniçoens, que de seu conselho se devião ir dalli antes que o inverno lho impedisse, porque so Deos os podia defender do poder dos imigos. Garcia de Sousa lhe agardeceo este aviso e o despedio com boas palavras, do que logo mandou recado a Afonso Dalbuquerque, o qual parecendolhe que isto devia de ser manha de Pulatecão, lhe mandou dizer per hum cavalleiro sobrinho de Ioam da Nova, por nome Abraldez, que sabia a lingoa Arabia, que se espantava muito do Çabaim dalcão lhe vir a tomar as tanadarias que eram del Rei de Portugal seu senhor, e allem disso lhe vir poer cerco a ilha pera a entrar, e lhe tomar a sua cidade de Goa, que lhe pedia que se tornasse pera suas terras, porque se o nam fizesse, soubesse de certo que se avia de arrepender. Pulatecão respondeo que se queriam paz, e

amizade com o Çabaim dalcão avia de ser com lhe deixarem a ilha, e cidade de Goa, que era a cousa que mais estimava em todos seus senhorios, e quer o fizessem ou nam, lhe rogava que deixasse resgatar as mulheres do Çabaim, e moças que tomara em Goa, pelo preço que fosse justo, e honesto, sobelo que se mandaram outros recados, mas nenhum ouve effecto. O que vendo o Pulatecão, determinou de passar a ilha, e pera isso mandou fazer muitas jangadas de madeira, e poer a sua tenda ao longo do rio Salsete, e porque lhe os nossos não viessem queimar as jangadas, mandou fazer de noite na boca do rio huma estacada com huma estancia, a qual por caso dos muitos tiros de bombardas que della os imigos tiravão, Fernam Perez, Luis Coutinho, Bernaldim Freire, George Dhorta em bateis, e Diogo Fernandez de Beja na sua gale nunca poderão ganhar, do que Fernão Perez avisou Afonso Dalbuquerque, que em lhe dando o recado se foi logo per terra a Agacim, com gente de pe, e de cavallo, mas vendo da praia a tranqueira, e estancia, e jangadas, e ho termo em que tudo estava mandou aos capitaens que trabalhassem por defender o passo para o que seria logo com elles, dom Antonio per mar, com mais gente, e que o mesmo tinha ordenado que se fizesse nos outros passos da ilha, encommendando a George da Cunha que visitasse muitas vezes o de Agacim, e tanto que foi na cidade mandou que se aparelhassem algumas Cotias, que são navios de remo, pera andarem com gente de guerra, do passo seco, ate onde estava Fernão Perez Dandrade vigiando o rio, as quaes Cotias senão acharam, e sabendo dos da terra que o Xabandar que he officio como patram da ribeira, as mandara aos imigos pera passarem a ilha, posto que desse por excusa que foram buscar mantimentos, e carvão pera a

despesa dos almazens, ho mandou mattar diante de si, pellos alabardeiros da sua guarda. Pulatecão, depois de ter prestes as jangadas, e cotias que lhe mandara o Xabandar de Goa, temendo que nam podesse entrar a ilha de dia sem muito perigo pela gande guarda que os Portugueses tinham em todolos passos, determinou de o fazer de noite, e esta avia de ser de chuva, e tormenta, a qual nam podia tardar, por ser ja entrado ho Inverno, que naquellas partes he mui tempestuoso. Vinda esta noite de chuva, ventos, escuridam, que foi huma sesta feira xvij dias de Maio, mandou o çufalarim, que era hum valente cavalleiro Mouro, que fosse desembarcar defronte do passo de Benastarim, com algumas das jangadas, e mil homens, em que entravão trezentos Turcos, e a Miliqui cufgorgi que fora capitão de Goa mandou que se fosse ao passo de çancalim, onde acharia as Cotias de Goa com muita gente, e que elle os seguiria. Çufalarim, posto que fosse sentido de Fernão Perez Dandrade, e achasse nelle e nos outros capitaens que alli estavam resistencia, foi desembarcar duas horas ante manhã, antre a povoação de Aguacim e Benestarim Miliqui cufgorgi, a mesma hora chegou a çancalim, onde estavam as Cotias de Goa, com as quais veo sobre Benastarim, e ganhou a estancia, posto que com muita resistencia, em que morrerão alguns dos seus, e dos nossos de que hum foi George de Sousa. Ganhados estes dous passos, Pulatecão entrou na ilha sem achar resistencia porque a nossa gente, que estava nos outros se recolheu pera a cidade, e porque Afonso Dalbuquerque tinha sabido que os gentios da terra mandaram recado a Pulatecão, que se entrasse a ilha, que todos se iriam pera elle mandou dessimuladamente todolos Soldados Gentios que tinha na cidade pela despejarem, que fossem defender o passo

de Benastarim, que logo tras elles mandaria alguns capitaens Portuguezes pera os ajudarem, o que elles fezerão de boa vontade, porque em lugar de defenderem o passo, se forão ajuntar com os de Pulatecão, e assi ficou a cidade livre delles, e nam dos cidadãos, e mercadores, dos quais mandou degolar Mircacem, e hum seu primo, pessoas principaes da cidade, e enforçar, e prender outros que todos tinham ordenado de a entregar ao Cabaim, na qual conjuração não foram os capitães Timoja, e Menaique, porque elles serviram mui bem Afonso Dalbuquerque com toda a gente de suas capitánias, em quanto durou este negocio de Goa. Mas tornando a Pulatecão, depois que entrou na ilha com toda sua gente, que seriam mais de doze mil soldados a fora os da ilha, pos suas tendas as duas arvores, mea legoa da cidade, e dalli, em quanto se assentava o arraial, mandava alguns de cavallo dar vista a cidade, os quaes não ousavão de se chegar muito, por caso da artilharia, que os tratava mal. No qual tempo Afonso Dalbuquerque, porque se os imigos nam aproveitassem das naos, e navios que estavam varadas, lhe mandou poer o fogo pelo Adail Diogo Fernandes de Faria, ao que elles acudiram, e o apagaram, ficando senhores de toda a fustalha, em que avia muitas naos, e navios de remo, e porque o muro da cidade era em muitas partes mui fraco, nestas ordenou oito estancias, e na mais perigosa dellas, por ter dirrubado hum lanço de parede, onde agora chamam o postigo de Mandovi, pos seu sobrinho dom Antonio de Noronha por capitam, e outra aonde agora he a porta de sancta Catherina, deu a Aires da Sylva, e as outras a Fernam Perez Dandrade, a Simam Dandrade, George Fogaça, dom Hieronymo de Lima, dom Ioam de Lima seu irmão, e Diogo Fernandez de Beja,

ficando elle por sobre rolda, pera acudir a todas as estancias, e porque tinha necessidade de socorro, mandou hum cotia a Cochim, perque screveo a George da Sylva, e a Hieronymo Teixeira, dandolhes conta do perigo em que estava, pedindolhes que se viessem parelle, o que elles nam quizeram fazer. Depois de Pulatecão ter assentado seu arraial, mandou hum dia pela manhã cometer a cidade com seis esquadrões de quinhentos homens cada hum, que levou diante doutro esquadrão em que elle mesmo hia, os quais todos cometeram, como bons soldados, as estancias da cidade, e o que se mais chegou foi o capitão Çufalarim que veo cometer a estancia de dom Antonio de Noronha, a qual se chegarão os seus tanto que foi dom Antonio constrangido mandar abrir hum postigo por onde sahio a campo a pelejar com elles, e os fez retirar para tras com assas trabalho e perigo. Este combate duraria per todas as partes per onde a cidade foi cometida mais de tres horas, mas vendo Pulatecão que recebião os seus mais dāno do que faziam de proveito, os fez recolher, e mandou fazer naquella noite hum estancia no varadouro das naos, junto da porta de sancta Catherina, na qual fez poer hum camello, que tomara em Benestirim, e alguns falcoens, e berços que ouvera nos outros passos da ilha, e com estes todos em amanhecendo mādou varejar a cidade, principalmente a estancia de Aires da Sylva que estava sobre aquella porta, e juntamente com isto mandou cometer a cidade per todas as partes, mas nisso aproveitou tanto como o dia dantes. Pelo que mandou logo dizer ao çabaim dalcão que se queria ser senhor de Goa, lhe mandasse mais gente, ou viesse em pessoa, porque de tudo avia necessidade, mas nem por isso deixava com a gente que tinha, e outra que se cada dia ajuntava com elle,

de cometer a cidade, desejoso de a tomar, antes que o çabaim viesse pera poder ganhar huma tamanha honrra. Os nossos estavam ja neste tempo mui apertados, sofrendo muito trabalho, e sobre todos Afonso Dalbuquerque que de noite nem de dia repousava, pera consolaçam do que lhe começarão George da Cunha, e Francisco de Sousa Mancias damutinar de novo a gente, dizendo que era por demais querer defender a cidade, que pois a avia de perder per combate, que melhor era deixala sem perder gente, e recolherse a frota, o que Afonso Dalbuquerque remediou com sua acostumada prudencia, ao qual andando assi occupado nestes trabalhos, veo fallar secretamente Ioam Machado avisandoo que tivesse boa vigia na sua frota, porque Pulatecão tinha determinado de lha mandar queimar a estes trabalhos se acrecentaram logo protestos de George da Cunha, Francisco Pereira Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, e outras pessoas, que lhe com muita instancia requeriam que deixasse a cidade, e se fosse antes que os matassem a todos, pera o que sobornarão a mor parte dos Portuguezes que avia em Goa os quaes nam podera apacificar, se a isso nam acudiram Dom Antonio de Noronha seu sobrinho dom Hieronymo Fernão Perez Dandrade, Simão Dandrade, Emanuel de Lacerda, Ayres da Sylva, George Fogaça, e Diogo Fernandez de Beja, que como prudentes, e esforçados cavalleiros derão a entender a todos que Goa se podia guardar contra todo o exercito do Çabaim dalcão. Neste tempo Pulatecão desejoso de ou per combate, ou per concerto, haver Goa as mãos, antes que o çabaim dalcão viesse, mandou dizer a Afonso Dalbuquerque per Ioam Machado, que elle esperava cada dia o çabaim, contra o qual lhe era impossivel se defender, qué pois por força avia de deixar a cidade, e com

perda de sua gente, que o bom conselho seria entregarlha pacificamente o que fazendo, elle o deixaria com tudo o que da cidade quisesse levar, ao que Afonso Dalbuquerque respondeo, que lhe agardecia muito a cortesia que com elle usava mas que sua tençam era, de nem a elle nem ao Çabaim dalcão a entregar, e que pera a defender o achariam sempre prestes. Sobre este negocio se passaram muitos recados, per espaço de sete dias, em que Afonso Dalbuquerque, e Pulateção tiverão treguas, a cabo das quaes chegou o Çabaim dalcão, com cuja vinda se começaram de todo a declarar os mouros que ficaram na cidade contra Afonso Dalbuquerque, ate virem as armas, pelo que foi constrangido se recolher ao castello. O Çabaim depois de ser na ilha, e entrar na cidade, pôla achar despejada, a primeira cousa que fez, foi dar ordem como se entupisse o canal que esta defronte do varadouro, pera o que mandou meter hum naõ no fundo no meo d'elle, por que a nossa frota nam podesse sair, a qual (como se soube per hum Bramane de Timoja, que andava no campo por espia) elle determinava de queimar com balsas de fogo, e depois de queimada combater o castello, pera que lhe não podesse escapar nenhum dos nossos, sobre o que Afonso Dalbuquerque teve conselho em que se assentou que visto o poder do çabaim e ho perigo em que estava ha frota, que se devião recolher o mais secretamente que podessem, e que pois ja não podiam sair da barra, por caso do inverno que por mar fizessem guerra ao çabaim, ate que entrasse o verão, no qual lhes viria soccorro da India, e chegariam as naos de Portugal, com que se poderia cobrar outra vez a ilha, e cidade, que por entam eram constrangidos a deixar. O que assentado, mandou Afonso Dalbuquerque ao Piloto da frota que

fosse sondar no canal, pera ver se poderião sair per antre a terra, e a nao que estava alagada, e achando que podiam sair fez logo embarcar toda a artelharia, armas, cobre, ferro, e outras muniçoens, e fazenda de preço que se achou no castello, e almazens com os mantimentos que pode levar, e assi as molheres, e moças que tomara nas casas do Çabaim, e outras com crianças, e alguns mercadores, que por serem nossos amigos se recolheram tambem a fortaleza, e a pos estes toda a gente de guerra, assi a Portuguesa, como Malabar, ficando elle por derradeiro: mas antes que saisse do castello mandou matar cento, e cincoenta Mouros que tinha presos, por caso das treiçãoens, em que entrou Miliqui cufcondal e decepar todos os cavallos que valião muito dinheiro, por se o çabaim não lograr delles. Com tudo elle se nam pode embarcar com tanto segredo, por caso de dom Antonio de Noronha seu sobrinho mandar poer fogo aos almazens, em que avia muito breu, alcatrão e tanques da zeite, que pelo sinal do foguo nam entendessem os imigos o que passava, dos quæes acudiram muitos ao lugar onde se os nossos embarcavam, tratandoos mal, e o fizeram peor, se nam foram dom Antonio de Noronha, dom Hieronymo de Lima, e Emanuel de Lacerda, e outras pessoas que sustiverão a furia, e força delles, ate todos os nossos entrarem nos bateis, sem matarem nenhum, posto que fossem alguns feridos de frechadas, e lançadas darremesso. Deste modo se recolherão a frota, huma quinta feira xxx de Maio, do mesmo anno de M. D. x. avendo ja tres meses, e meo que estavam em posse da cidade.

CAPITULO VI

Do que Afonso Dalbuquerque fez depois de sahir da cidade, e como tomou a villa de Pangim, e o çabaim dalcão lhe cometeo pazes, e doutras cousas que mais socederam.

RECOLHIDO Afonso Dalbuquerque a frota, ao outro dia que era o derradeiro de Maio, se foi com a jusante da mare pera Rabandar, onde com conselho, e parecer das principaes pessoas que com elle andavam, assentou de passar o Inverno, mas posto que o sair da barra fosse muito perigoso, Francisco de Sousa Mancias, com o grande desejo que tinha de se ir, em se desamarrando a foi commetter sem poder passar avante, do que Afonso Dalbuquerque anojado, lhe tirou a capitania da nao. O Çabaim dalcão vendo que forçadamente avia Afonso Dalbuquerque dinverno no rio, e sabendo que mandara tomar augoa em Bardes, ao que foi dom João de Lima, mandou fazer hũa estancia, em que pos muita gente, e muniçoens de guerra para defender o passo de que deu a capitania a Miliqui cufgorgi, e fez fortalecer o castello de Pangim pera que os nossos navios nam podessem passar pera barra, e a hum outeiro que esta sobresta fortaleza mandou Pulatecão, com tres mil soldados Mouros pera guarda della: das quaes estancias faziam muito danno na nossa frota, e matavam e feriam tantos que nam ousavão ja dandar sobela cuberta. Pelo que foi necessario Afonso Dalbuquerque alargarse do lugar em que estava e irse lançar junto do rio que passa antre a ilha de Divar, e a terra firme onde logo os imigos fezerão outra estancia, e as fazião em todolos lugares de que podião empecer aos nossos, e os fazião mudar muitas

vezes de huma parte pera outra, com assaz perigo, a que se ajuntava a grande fome que padeciam, que chegou ate comerem ratos, e os couros das arcas cozidos, o que não poderão sofrer muito tempo se lhes Deos nam acodira com algum pescado que tomavão no rio posto que fosse pouco, e cheas dagoa do monte com que se a do rio fez doce, de que bebiam, porque da do sertão, nem da ilha se nam podiam valer pela guarda que se nisso tinha. No qual trabalho buscando Afonso Dalbuquerque algum remedio pera aver mantimentos, per conselho de Timoja mandou o capitão Menaique com dom Antonio de Noronha as ilhas de Choram, e de Divar, onde ouveram algumas vacas, e hum pouco darroz, mas com tanto perigo, que os nam quis la mandar outra vez, a fome era tamanha e a speranza de poderem aver mantimentos tam pouca, que muitos se lançaram com os Mouros, se nisso Afonso Dalbuquerque não tivera grande vergia, com tudo a nado, e de noite lhe fugirão hum Galego, e hum Asturião, e hum Portugues gente baixa, dos quais o çabaim dalcão soube o que passava na frota. Estando Afonso Dalbuquerque cercado de tantos perigos lhe mandou Ioão Machado aviso de como o çabaim dalcão determinava de lhe lançar muitas balsas de fogo, pera lhe queimar a frota, e nas costas dellas mandar oitenta navios de remo, pera de todo o destruir. Com esta nova foi Afonso Dalbuquerque mui triste, mandando logo fazer aparelhos pera se defender das balsas sem dizer pera que, mas ellas não vieram, e assim lho tornou a mandar dizer Ioam Machado, que estivesse prestes, porque os imigos o avião de ir cometer per mar com huma grossa armada, e muita gente, pera o que se Afonso Dalbuquerque começou daperceber, e porque da fortaleza de Pangim recebia a frota mais danno

que de nenhuma outra parte, por nella estar quasi toda a artelharia que fora nossa, em que avia dous camellos que varejavão ao longe, ordenou que fosse dom Antonio, e Simão dandrade com cem homens pela banda do Ponente, per junto da cidade, dar no arraial de Pulatecão, que estava no outeiro junto da fortaleza, e a Simão Martins mandou que alguns espingardeiros, e besteiros se fossem lançar da banda do Norte em hum passo estreito, pera que tivesse o caminho a Pulatecão, se acudisse a fortaleza, e a Diogo Fernandez de Beja mandou que se posesse com a sua gale da banda do Sul, pera onde fica a barra, e Afonso Pessoa na sua fusta, apegados com terra, e que dalli tirassem aos do arraial que pera aquella banda quisessem soccorrer a fortaleza. Os que haviam de dar assalto ordenou que fossem Emanuel de Lacerda, Sebastião de Miranda, e Nuno Vaz de castel branco per huma banda, e pela outra junto delles dom Hieronymo de Lima, Aires da Silva, George Fogaça, dom João de Lima, Fernam Perez Dandrade, e outros capitaens e soldados, dos milhores que avia na frota. Embarcada esta gente, foram todos voga surda ter ao lugar aonde aviam de desembarcar, duas horas ante manhã, sem serem sentidos, e em poendo as proas dos bateis na praia, mandarão tocar as trombetas, e atabales, dando grandes gritas, do que os imigos, por estarem ainda tomados do somno, ficaram atemorizados parecendolhes que eram os nossos muitos mais, e juntamente com o som destes instrumentos desembarcarão todos, indo cada hum dos capitaens, daquelles que aviam de sair em terra, cometer o lugar que lhe fora ordenado, no que se derão tão boa manha que Pulatecão foi desbaratado, e a villa destruida, e a artelharia tomada, em que entravão os dous camellos, e cinco falcoens que

forão nossos, o que tudo recolheo Diniz Fernandez de Mello, patram da ribeira, em hum parao, com cincoenta marinheiros, e bombardeiros que lhe pera isso deu Afonso Dalbuquerque, que tambem hia no seu esquife nas costas de toda esta gente. O primeiro que subio na fortaleza foi Emanuel de Lacerda, e apos elle Sebastiam de Miranda, e Nuno Vaz Pereira, os outros nos lugares que lhe forão encomendados, derão todos naquelle dia mostras de mui esforçados cavalleiros. Morrerão nesta peleja, dos imigos, cento, e cincoenta Turcos, e tres capitaens do çabaim dalcão, e cem piaens dos Gentios, os outros se recolherão perá cidade, dos nossos morreram quatro, e foram feridos muitos, em que entraram Fernão Perez Dandrade, dom Icão de Lima. Acabado este negocio Afonso Dalbuquerque mandou tirar da fortaleza as armas que se acharam, e alguns mantimentos com o que, e com toda a artelharia se recolheo victorioso pera frota o çabaim ficou mui descontente de Pulatecão, dandolhe a culpa deste desbarato, pela má vigia que tinha no arraial pelo que temendosse que a nossa gente lhe corresse ate as portas da cidade mandou fazer hum estancia em Rabandar, em que pos muita artelharia de que deu a guarda a Cufalarim, per meo do qual quisera tratar pazes com Afonso Dalbuquerque, ao que mandou Ioam Machado, mas elle o avisou secretamente, que a causa de o Çabaim querer entam sua amizade era por ter novas que el Rei de Narsinga vinha sobela cidade Daracol, que lhe elle tinha tomada, e assi pera que dalli por diante lhe nam estorvasse o trato dos Cavallos que vinham a Goa de que recebia muito proveito. Afonso Dalbuquerque respondeo a Cufalarim, que elle lhe mandaria a resposta ao outro dia, o que assi fez per Fernão Perez Dandrade, e nos apontamentos que lhe

deu, os principaes foram, que lhe desse o çabaim dalcão huma tanadaria na terra firme, das que estivessem mais perto da cidade de Goa, a qual nam queria pelo proveito, se nam pera mandar cortar madeira quando della tivesse necessidade, sem pedir licença a ninguem, e que quando não quisesse dar a tanadaria lhe deixasse fazer huma fortaleza no passo de Benastarim, da qual por ser perto da terra firme averia facilmente toda a madeira que ouvesse mister, no que o çabaim não quis consentir. Entrestes recados, deu João Machado aviso a Afonso Dalbuquerque, que se lhe quisesse dar quinze homens, que elle lhe daria preso o Çabaim dalcão, e o prenderia na fortaleza da cidade, onde dormia, mas por se neste negocio acharem muitos inconvenientes se não pos em obra. Com tudo soubese depois que podera ser assi como João Machado dizia, pela pouca gente, e m guarda que o Çabaim tinha na fortaleza, porque de noite nam ficavão com elle senam suas mulheres, e alguns capados que as guardavão, e fechavão as portas. Passando assi Afonso Dalbuquerque o inverno, com trabalhos do mar, e da terra algumas pessoas, e delles dos principais da frota, tendo pouco respeito a suas obrigaçoens, começaram a tratar amores com as moças que lhe tomara em Goa, e guardava para casar com alguns Portugueses pelas razoens que ja ficão apontadas, entrestes foi sabido, que hum Rui Dias, natural Dalanquer filho de Diogo Dias, ahi tabaliam do Iudicial, entrava na nao de Afonso Dalbuquerque, nas camaras onde estas moças estavam, e tinha amizade com huma dellas que era Moura. Finalmente, sem contar muitas particularidades desnecessarias, que outros contão deste caso, Afonso Dalbuquerque mandou prender este Rui Dias, e proceder contra elle ordinariamente, e pelo

que se provou dos autos julgou o Ouvidor Pero Dalpoem que morresse enforcado a execução do que Afonso Dalbuquerque mandou fazer na nao de Bernaldim Freire, sobre o que se ajuntarão muitos homens fidalgos da frota, e quasi todos os capitaens, a pedir a Afonso Dalbuquerque que lhe desse a vida, e quando não que revogasse a sentença de morrer enforcado, a ser degolado, porque era homem de boa casta, mas isto foi feito com tanta ousadia, e palavras tão escandalosas, que não tão somente Afonso Dalbuquerque nam quis fazer o que lhe pediam, mas pela desobediencia mandou prender alguns delles, os teve presos debaixo da cuberta da sua nao, com tudo pela necessidade que delles entam tinha os mandou soltar dahi a poucos dias, mas Simão Dandrade, e Emanuel de Lacerda, Ayres da Sylva, e George Fogaça, dixerão a dom Antonio de Noronha, que lhes levou o recado, que se nam queriam sair de debaixo da cuberta, que presos os levasse a Cochim, e dahi a Portugal, pera darem razam de si a el Rei, no que insistindo esta vez e outras, Afonso Dalbuquerque deu a gale de Simão Dandrade a Antonio Dalmada, e a nao de Emanuel de Lacerda a dom Ioam de Lima, e a de Aires da Sylva a Antonio de Matos, e a de George Fogaça a outro de que não pude saber o nome.

CAPITULO VII

De como Afonso Dalbuquerque mandou cometer huma armada que o Cabaim tinha feita na cidade, pera mandar sobrelle, e do que mais passou ate sair da barra de Goa.

DEPOIS do desbarato de Pulatecão mandou Ioão Machado dizer a Afonso Dalbuquerque que tivesse boa guarda na frota, e a gente pres-

tes, porque em hum certo dia tinha o Çabaim ordenado de mandar sobrelle çofalarim com oitenta navios de remo cada hum com sua bombardarda na proa, desta nova deu logo Afonso Dalbuquerque conta a todos os capitaens, e foi assentado que antes que a frota dos imigos abalasse da cidade, onde se aparelhava, a fossem cometer, porque tomada de sobresalto se poderião melhor ajudar della, do que deu cargo a dom Antonio de Noronha seu sobrinho, com quem mandou os mais dos capitaens da frota em dez bateis, mas posto que se não atrevesse a mandar com elle os capitaens, e outras pessoas que estavam presos pelo caso de Rui Diaz, elles de suas vontades acompanharam dom Antonio, como soldados, por ser muito amigo de todos, e muito bom cavalleiro, e pera se saberem mais certas novas do que passava na frota dos imigos mandou Afonso Dalbuquerque Diogo Fernandes de Beja, e Antonio Dlmada nas suas gales, e Afonso Pessoa na sua fusta e Ioam Gonçalves de castel branco em hum parão, que se fossem lançar a Rabandar, e alli estivessem sperando attender se lhe sahia alguem, pera tomarem lingoa os quaes dahi a pouco seguiu dom Antonio nos bateis, com trezentos homens, porque ha mais gente ficou em guarda da frota com Afonso Dalbuquerque. Diogo Fernandez de Beja, e os companheiros, vendo que lhes não sahia ninguem, se forão lançar a tiro de bombardarda da cidade, porque assi lho mandou Afonso Dalbuquerque, e Ioam Gonçalves passou adiante com o parão, correndo ao longo da ribeira ate chegar ao estreito de Mandovi sem receber danno da artelharia dos imigos que estavam varados em terra, e se tornou a salvo pera as gales, donde se logo fez sinal aos bateis em que vinha dom Antonio pera se ajuntarem todos, o qual em chegando as gales vio da

banda da ilha de Divar obra de xxx paraos, nos quaes andava çufalarim ordenando o que lhe era necessario pera peleja, porque bem via que o hião buscar: mas dom Antonio temendosse que estes paraos o cometessem per huma banda, e os que estavam na cidade pela outra ordenou duas capitancias dos seus bateis, huma de quatro em que elle hia, e com elle dom Hieronymo de Lima, dom Ioam de Lima seu irmão, e Garcia de Sousa. A outra capitania era de seis bateis, de que erão capitaens George da Cunha, Luis Coutinho, Bernaldim Freire, Antonio de Matos, e outros dous, aos quaes encomendou que fossem pelejar com os paraos que estavam da banda da cidade, pedindo a todos que nam desparassem a artilharia junta senam per ordem, porque assi se ajudariam melhor della, e tratariam os imigos mais a sua vontade, e as gales, e fustas mandou que o seguissem, porque sua tençam era ir cometer em pessoa Çufalarim, pera onde logo encaminhou, o que vendo Çufalarim, como era bom cavalleiro, sem nenhum receo o veo cometer ao caminho em huma fusta que trazia bem armada, e esquipada. Os quaes juntos se começou huma brava peleja de tiros de fogo e frechadas, lanços, e azagaias darremesso, que durou bom espaço, sem se ha victoria mostrar por nenhuma das pârtes ate que do batel de dom Antonio deu hum tiro pela coxia da fusta de Çufalarim que lhe matou, e ferio alguns remeiros, pelo que mandou fazer voga pera cidade, o que vendo os capitaens dos outros paraos fizeram o mesmo, aos quaes dom Antonio seguiu o alcance, ate os fazer várar em terra. Os capitaens dos seis bateis, forão cometer os paraos que estavam na ribeira onde pelejaram com elles a vista do Çabaim daleão, que os estava vendo da fortaleza, mas em fim os fizeram varar todos na

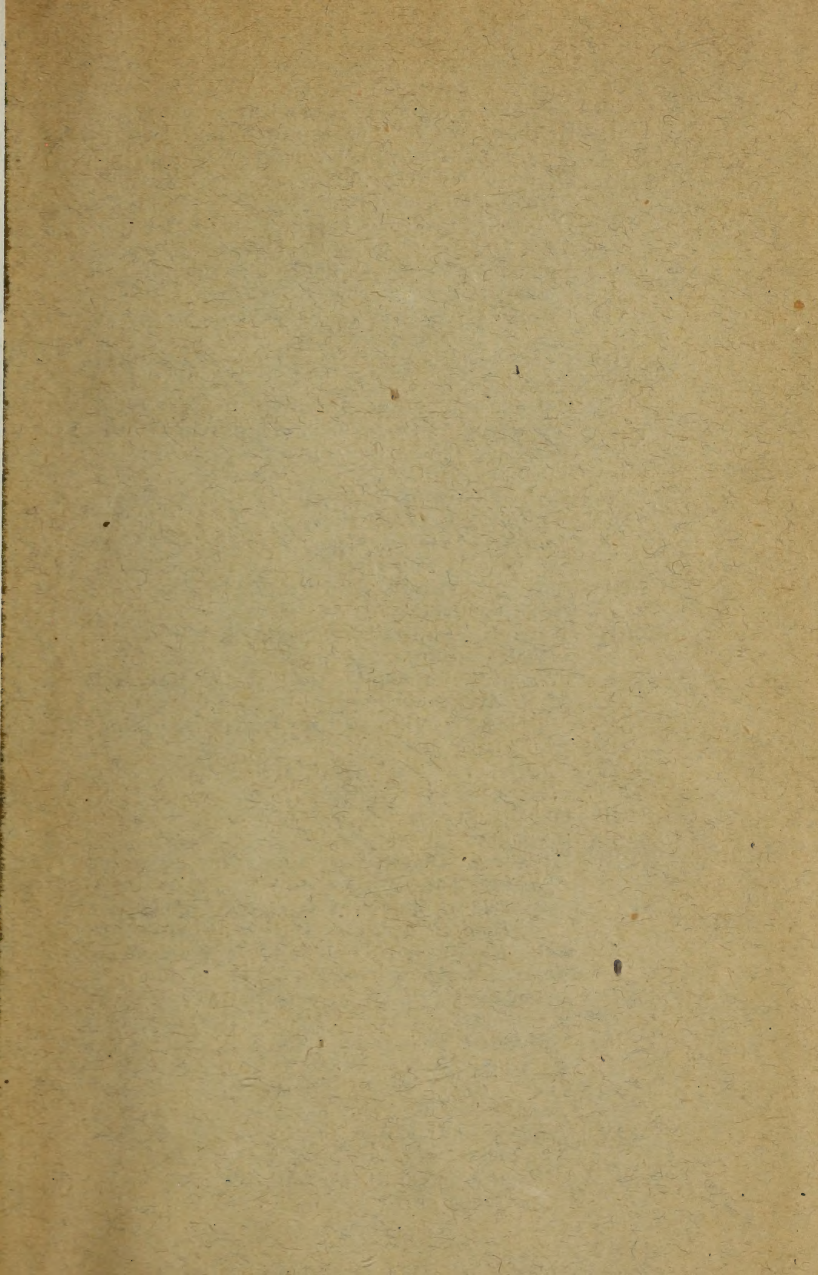
praia, e por os bateis demandarem mais augoa lhe não poderam fazer outro dâno que esbombardealos a vontade. Mas tornando a dom Antonio elle deu caça a Çufalarim ate o fazer encalhar diante da porta de Sancta Catherina, e porque da fusta ficou quasi metade nagoa, dom Antonio por debaixo de muitas frechadas que lhe tiravão do muro pos a proa do seu batel na popa della, em que logo saltarão Simão Dandrade, Fernam Perez Dandrade seu irmão, Simão Rangel, e hum dalcunha Arraez, que fora paje de Afonso Dalbuquerque, e hum soldado per nome Ioam Deiras, Çufalarim, vendo entrar estes, temendosse que assi o fariam todolos que vinhão no batel, se lançou fora da fusta, com todolos que com elle hiam, sem nella ficar pessoa nenhuma, na qual querendo entrar dom Antonio apos estes cinco, em pondo o pe na fusta lhe derão do muro huma frechada no lagarto da perna esquerda, de que com a dor logo cahio dentro do batel, e da pancada que deu em caindo se alargou da fusta, ficando os cinco nella, sem os do batel terem acordo de os tomarem, por acudirem a dom Antonio, em que logo deram accidentes mortaes, e no mesmo instante que se o batel alargou da fusta, tudo o que della estava em seco foi cercado de imigos, que dalli as pedradas, zagunchadas, e frechadas os tratavam mal, e o fizeram peor se Simão Dandrade, e Fernão Perez Dandrade não estiverão bem armados que com o esforço que nelles sempre ouve, ficaram per escudo dos outros tres, no que estiverão hum grande pedaço, sem nenhum dos imigos ousar dentrar na fusta, o que tudo via o Çabaim dalcão da fortaleza, espantado do esforço destes dous irmãos. A este trabalho por a mare decer, e a fusta estar ja quasi em seco lhe nam acodião, por os bateis nam poderem chegar a fusta, e não ousar nin-

guem de sair em terra, pela grande multidão dos imigos que andavam na praia, o que vendo o mestre da nao de Luis Coutinho, lhe dixe que despejasse o batel, que com sete marinheiros que o remassem iria tomar os que estavam na fusta. Luis Coutinho se lançou logo com toda a mais gente nos outros, e o mestre chegou a fusta, posto que com trabalho, e os recolheo, salvo João Deiras, que se lançou com os imigos, mas com quanto antre todos os capitaens não ouvesse quem ousasse de se aventurar a sair em terra polla salvação destes que ficarão na fusta de Çufalarim, quando ho mestre a ella chegou achou ja Diogo Fernandez de Beja com a proa da gale em terra junto da fusta, pera sair com a sua gente aos salvar, e sabendo Diogo Fernandez ao que hia deixou de pojar, e se foi nas costas do batel pera o defender, se algum dos paraos dos imigos viessem sobrelle. Recolhidos os quatro Diogo Fernandez mandou lançar hum cabo na popa da fusta, pera ver se a podiam levar, mas porque estava ja em seco o nam poderam fazer e dalli se forão ajuntar com os bateis que estavam as bombardadas com os paraos que encalharam na praia, no que passando o dia se recolherão ja de noite a frota levando dom Antonio na gale de Antonio Dalmada, que da frechada que lhe derão morreo dalli a tres dias, e foi enterrado da banda de Bardes debaixo de hum penedo, donde depois Afonso Dalbuquerque mandou trasladar a ossada pera a capella mor da Se de Goa. A morte de dom Antonio foi muito sentida de todos, porque era bom cavalleiro, e bem acondicionado e o mor remedio que todos os que andavam na India tinham, pera mitigar as paixoens de seu tio Afonso Dalbuquerque o que elle fazia com muita prudencia a contentamento dambalas partes. Ao dia seguinte

que aconteceo este negocio, veo Ião Machado a frota, visitar da parte do Çabaim dalcão Simam Dandrade, e Fernam Perez Dandrade, per quem lhes mandou dizer que lhes vira fazer na fusta proezas de tam bons cavalleiros, que com elles ambos se atreveria a conquistar a India, que lhes rogava que delle fizessem conta como de bom amigo que por elles faria tudo o que lhe elles mandassem, ao que lhe responderam, que lhes pesava de o terem tão mal servido aquelle dia, mas que esperavão em Deos de o fazerem melhor a primeira vez que se encontrassem com elle, ou com cousa sua, a qual resposta o Çabaim recebeo com muito gosto, e como bom cavalleiro, e lhes quisera mandar hum presente se lhe Ião Machado não dixerá que lho não avião de tomar. Depois desta visitaçã, mandou Çufalarim recado a Afonso Dalbuquerque de parte do Çabaim pera tratarem pazes, ao que ordenou que fosse o Ouvidor Pero Dalpoem, e nisso fallaram ambos assaz, sem se poderem concertar. O que sabendo o Çabaim, que ja estava na terra firme de caminho pera soccorrer a cidade de Rachol, sobre quem tinha por certo que vinha el Rei de Narsinga em pessoa mandou Mostafaçam, homem principal de sua corte, e com elle dous turcos homens nobres a Afonso Dalbuquerque, pera tratarem destas pazes, ficando em terra por arrefens Francisco Corvinel, e Diogo Fernandez de Faria Adail, mas Afonso Dalbuquerque pos seu partido tam alto, e lhes estranhou tanto mandarlhe o Çabaim pedir que lhe entregasse Timoja, para o castigar á suá vontade, que se não fez mais que festejalos dous dias que estiverão na nao, de tantas viandas, vinhos, frutas, tangeres e tiros de bombardas, que se persuadirão que era falso tudo o que deziã os que se lan-

çarão da frota no arraial, de aver nella fome, nem falta de nenhuma outra cousa, e assi o dixerão ao Çabaim, de que ficou espantado, e desesperado de nunca alcançar a paz que desejava com os nossos. Afonso Dalbuquerque, porque na frota avia mais de trezentos doentes determinou de os mandar na nao de Nuno Vaz a Anchediva, pera dahi os levar a Cananor, com quem mandou Antonio de Matos, pera trazer o seu navio carregado de mantimentos, que lhe avia de dar Timoja, que hia com elles com as suas fustas, os quaes saíram com muito trabalho da barra ja meado de Julho, donde Antonio de Matos tornou logo carregado de mantimentos, e refrescos da terra que lhe deu Timoja, e Nuno Vaz depois de os doentes estarem hum pouco refeitos do trabalho do mar, se foi com elles a Cananor, e porque a frota estava muito destroçada, e a gente cançada, e enfadada da ma vida que passara determinou Afonso Dalbuquerque se ir a Cananor, pera onde se fez a vela, aos quinze dias Dágosto de M. D. x. no qual dia em chegando ao cabo de Rama ouverão vista de cinco naos de que as quatro vinhão de Portugal capitão Diogo Mendez de Vascogoncelos, que el Rei mandava a Malaca, os outros erão Balthesar da Sylva, Pero Coresma, e Hieronymo Cerniche. A outra era da armada do Marichal, que invernara em Moçambique, de que era capitão Francisco Marecos, com a vinda dos quaes ouve grande alegria em toda a frota.

Fim do quinto volume



OBRAS PUBLICADAS

- I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume (esgotada).....
- II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume (esgotada).....
- III — ETHIOPIA ORIENTAL, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes (esgotada).....
- IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes.....
- V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por *Fernão Lopes*, 1 volume.....
- VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.....
- VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes.....
- VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, VOL. I, II E III (VIII, IX E X).
- IX — DOIS CAPITÃES DA INDIA, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.....
- X — ARTE DA CAÇA DE ALTENARIA, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes.....
- XI — APOLOGOS DIALOGAES, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes.....
- XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes.....
- XIV — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes.....
- XV — VIDA DE D. PAULO DE LIMA PEREIRA, por *Diogo do Couto*, 1 volume.....
- XVI — CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, por *Fr. Bernardo da Cruz*, 2 volumes.....
- XVII — JORNADA DE AFRICA, por *Fernonymo de Mendonça*, 2 volumes.....
- XVIII — HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*, VOL I a XII.....
- XIX — JORNADA DE ANTONIO D'ALBUQUERQUE COELHO, por *João Tavares de Vellez Guerreiro*, 1 volume..
- XX — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO HENRIQUES, por *Duarte Galvão*, 1 volume.....
- XXI — CHRONICA D'EL-REI D. SANCHO I, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XXII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO II E DE EL-REI D. SANCHO II, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XXIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO III, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XXIV — CHRONICA D'EL-REI D. DINIZ, por *Ruy de Pina*, 2 volumes.....
- XXV — CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL, por *Damião de Goes*, vol. I a V.....

EM PUBLICAÇÃO

CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL, por *Damião de Goes*, VOL. VI

DP
604
G6
1909
v.5

98.6.67
Goes, Damião de
Chronica d'el-rei
D. Manuel

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

